

BEATRIZ CRISTINA BENCKE



**A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ: UM
OLHAR PARA A SAÚDE DO ALUNO**

**CASCAVEL - PR
2020**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS / CCET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA



NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO / PPGCEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

**A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO
PARANÁ: UM OLHAR PARA A SAÚDE DO ALUNO**

BEATRIZ CRISTINA BENCKE

CASCADEL- PR
2020

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS / CCET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA**

**NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO / PPGECEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS**

**A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO
PARANÁ: UM OLHAR PARA A SAÚDE DO ALUNO**

BEATRIZ CRISTINA BENCKE

Texto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática – PPGECEM da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE – *Campus* de Cascavel, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Vilmar Malacarne

CASCADEL- PR
2020

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

BENCKE, BEATRIZ CRISTINA

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ: UM OLHAR PARA A SAÚDE DO ALUNO / BEATRIZ CRISTINA BENCKE; orientador(a), VILMAR MALACARNE, 2020. 113 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, Graduação em Ciências Biológicas Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática, 2020

1. SAÚDE MENTAL. 2. ENSINO SUPERIOR . 3. ENSINO DA CIÊNCIA. 4. DOENÇAS NA JUVENTUDE . I. MALACARNE, VILMAR . II. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS / CCET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

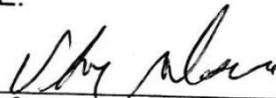
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO / PPGECEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA

LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

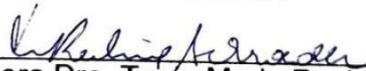
BEATRIZ CRISTINA BENCKE

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO
PARANÁ: UM OLHAR PARA A SAÚDE DO ALUNO.

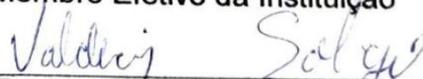
Esta dissertação foi aprovada para a obtenção do Título de Mestre em Educação em Ciências e Educação Matemática e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática – Nível de Mestrado e Doutorado, área de Concentração Educação em Ciências e Educação Matemática, linha de pesquisa Educação em Ciências, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.



Professor Dr. Vilmar Malacarne
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Orientador



Professora Dra. Tania Maria Rechia Schroeder
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo da Instituição



Professor Dr. Valdecir Soligo
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo da Instituição



Professor Dr. Luiz Fernando Reis
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro convidado

Cascavel, 22 de abril de 2020

BENCKE, B. C. **A formação profissional na Universidade Estadual do Oeste do Paraná: um olhar para a saúde do aluno.** 2020. Número de folhas 113. Dissertação/Tese (Mestrado/Doutorado em Educação em Ciências e Educação Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2020.

RESUMO

As questões da saúde mental dos jovens universitários vêm sendo discutidas e pesquisadas no decorrer dos últimos anos, com o enfoque em entender o que está desencadeando o adoecimento psíquico nos estudantes. Nesta problemática de saúde mental na vida acadêmica é que se insere esse trabalho, com o objetivo de identificar como se encontra a saúde mental dos acadêmicos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, *Campus* Cascavel. Para a elaboração deste estudo, foram realizadas pesquisas bibliográficas para a fundamentação teórica e elaboração do questionário, que se constitui no instrumento de coleta de dados. O questionário estruturado possui perguntas abertas e fechadas, com o intuito de investigar se os jovens acadêmicos da UNIOESTE – *campus* Cascavel, estão vulneráveis a esta problemática de adoecimento, principalmente de cunho mental, ou se esse fator de adoecimento já está presente no ingresso na universidade. A população dessa pesquisa foi de 363 alunos ingressantes e 252 alunos formandos de todos os cursos de graduação da instituição UNIOESTE. Da mesma forma, fazem parte desta pesquisa, os coordenadores de cursos de graduação e demais docentes, totalizando 32 questionários aplicados a este grupo. Também fizeram parte da coleta de dados, setores como secretaria acadêmica, clínica de atendimento estudantil, e demais setores responsáveis pela assistência estudantil da UNIOESTE. O questionário denominado “institucional” possui a população de 38 participantes. Entre os principais aspectos de adoecimento, chegou-se ao número de 26% no índice de ansiedade e de 10,8 % de depressão, entre os alunos formandos, e entre os alunos ingressantes com média de 25% de índice de ansiedade e 8,7% de depressão. Em relação aos demais fatores abordados, chama a atenção o *stress*, sendo que este atinge 16,8% entre os alunos formandos e 15,8% entre os alunos ingressantes. Os resultados obtidos estão apresentados por unidade de análise, em que foi utilizado o método de triangulação, para apresentação da média, e as discussões dos resultados estão apresentadas em categorias, facilitando assim a exposição e interpretação dos resultados.

Palavras-Chave: Saúde Mental, Ensino Superior, Ensino da Ciência, Doenças na Juventude, Contemporaneidade.

BENCKE, B. C. **Professional training at Universidade Estadual do Oeste do Paraná: a look at student health.** 2020. Number of leaves 113. Dissertation / Thesis (Master / Doctorate in Science Education and Mathematical Education) - Graduate Program in Science Education and Mathematical Education, State University of Western Paraná - UNIOESTE, Cascavel, 2020.

ABSTRACT

The mental health issues of young university students have been discussed and researched over the past few years, with a focus on understanding what is triggering psychological illness in students. It is in this problem of mental health in academic life that this work is inserted, with the objective of identifying how the mental health of academics at the State University of Western Paraná - UNIOESTE, Campus Cascavel is found. For the elaboration of this study, bibliographic searches were carried out for the theoretical foundation and elaboration of the questionnaire, which constitutes the instrument of data collection. The structured questionnaire has open and closed questions, in order to investigate whether young academics from UNIOESTE - campus Cascavel, are vulnerable to this problem of illness, especially of a mental nature, or if this illness factor is already present when entering university. The population of this research was 363 incoming students and 252 graduating students from all undergraduate courses at the UNIOESTE institution. Likewise, the coordinators of undergraduate courses and other teachers are part of this research, totaling 32 questionnaires applied to this group. Also included in the data collection were sectors such as the academic secretariat, student service clinic, and other sectors responsible for student assistance at UNIOESTE. The questionnaire called "institutional" has a population of 38 participants. Among the main aspects of illness, there was a number of 26% in the anxiety index and 10, 8% in depression, among graduate students, and among incoming students with an average of 25% anxiety index and 8,7% depression. In relation to the other factors addressed, stress is noteworthy, being that it is 16, 8% among graduating students and 15, 8% among incoming students. The results obtained are presented by unit of analysis, in which the triangulation method was used, for the presentation of the mean, and the discussions of the results are presented in categories, thus facilitating the exposure and interpretation of the results.

Keywords: Mental Health, Higher Education, Science Teaching, Youth Diseases, Contemporary.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Pensamento Científico40

QUADRO 2 – Possível tendência de adoecimento psíquico do jovem universitário .66

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Relato de possíveis adoecimentos dos jovens ingressantes da universidade.....48

GRÁFICO 2 - Relato de possíveis adoecimentos dos jovens formandos da universidade..... 48

GRÁFICO 3 - Dificuldade de adaptação na visão dos formandos e ingressantes82

GRÁFICO 4 – Fatores que dificultam a adaptação e a permanência dos jovens na universidade na visão da coordenação/docente85

GRÁFICO 5 – Fatores que dificultam a adaptação e a permanência dos jovens na universidade na visão institucional86

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1- Mapa da Região do Município de Cascavel	24
IMAGEM 2 - Campo de futebol de grama sintética utilizado para prática de atividade física.....	51
IMAGEM 3 - Espaço ciências onde os acadêmicos entram em contato com o jardim da Unioeste	52
IMAGEM 4 - Pratica de lazer entra a comunidade acadêmica.....	54
IMAGEM 5 – Jovens ingressando na universidade através do vestibular	56

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Dados populacionais dos participantes da pesquisa	69
TABELA 2 – Visão dos alunos ingressantes quanto à distribuição de conteúdo/disciplina dos cursos de graduação.....	71
TABELA 3 – Tarefa acumulada por não possuírem tempo de desenvolvê-las na visão dos alunos ingressantes	72
TABELA 4 – Demonstrativo das problemáticas que interferem no desenvolvimento das atividades extraclasses dos alunos ingressantes	73
TABELA 5 – Visão dos alunos formandos quanto à distribuição de conteúdo/disciplina dos cursos de graduação.....	74
TABELA 6 - Tarefa acumulada por não possuírem tempo de desenvolvê-las na visão dos alunos formandos.....	75
TABELA 7 - Demonstrativo das problemáticas que interferem no desenvolvimento das atividades extraclasses dos alunos formandos	76
TABELA 8 – Saúde psicológica dos alunos formandos.....	78
TABELA 9 - Saúde psicológica dos alunos formandos	80
TABELA 10 – Demonstrativo da saúde psicológica dos alunos formandos x ingressantes.....	81
TABELA 11 – Saúde psicológica dos alunos na visão da coordenação/docente e institucional	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COPING	Ação de “Lidar Adequadamente com uma Situação”
CAP/UEMS Grosso do Sul	Centro de Atendimento PIBID da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
DCNT	Doenças Crônicas Não Transmissíveis
DSM-V	Manual de Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais
E-LEARNING	Ensino Eletrônico (Modelo de Ensino Não Presencia)
ES	Ensino Superior
EPM	Escola Paulista de Medicina
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IES	Instituição de Ensino Superior
OMS	Organização Mundial da Saúde
PAPSI	Pronto Atendimento Psicopedagógico e Saúde Integrada
QV	Qualidade de Vida
QVE	Qualidade de Vida do Estudante
SPA	Síndrome do Pensamento acelerado
TMC	Transtornos Mentais Comuns
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

INTRODUÇÃO

METODOLOGIA	17
1.1 O problema central da pesquisa	18
1.2 O Campo de pesquisa	22
1.3 Os instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa	24
1.4 O tratamento dos dados	26
2. FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO ENSINO SUPERIOR	29
2.1 Formações profissional	33
2.2 Contextos do Ensino Superior	36
2.3 A Ciência na sociedade contemporânea.....	40
3. HÁBITOS E QUALIDADE DE VIDA	44
3.1 Qualidade de vida do jovem.....	47
3.2 Práticas de atividade físico	49
3.3 Lazer, cultura e espiritualidade	52
3.4 O Lugar da Educação na qualidade de vida	55
4. SAÚDE PSICOLÓGICA	58
4.1 Problemas psicológicos frequentes dos alunos do Ensino Superior.....	60
4.2 Professor como mediador na saúde psicológica dos alunos	62
4.3 A formação profissional e o adoecimento psicológico	64
4.4 O papel das Instituições formadoras na atenção à saúde dos alunos	65
5. A UNIOESTE: SEUS ALUNOS, SUA SAÚDE	68
5.1 A UNIOESTE e seu contexto de formação	70
5.2 Os alunos da Unioeste e sua relação com a formação superior	76
5.3 O que diz a UNIOESTE – campus de Cascavel sobre a saúde dos alunos ..	83
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
APÊNDICES: INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	
APÊNDICE 1: Questionário dos Alunos Formandos	
APÊNDICE 2: Questionário dos Alunos Ingressantes	
APÊNDICE 3: Questionário da Coordenação e Docentes	
APÊNDICE 4: Questionário Institucional	
APÊNDICE 5: Termo de consentimento livre e esclarecido TCL	
APÊNDICE 6: Parecer consubstanciado do CEP	

INTRODUÇÃO

A qualidade de vida e a saúde dos jovens universitários são questões que, na atualidade, necessitam serem compreendidas e investigadas. Tais investigações, devem se dar, entre outras formas, a partir da interação entre as demandas inerentes do convívio universitário e os aspectos sociais, culturais, econômicos e educacionais em que esse jovem se insere (BONIFÁCIO *et al.*, 2011).

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), os jovens universitários podem estar inseridos em demandas prejudiciais à saúde pelo fato de que essa fase da vida, dos 18 aos 25 anos, ser propícia ao aparecimento de comportamentos autodestrutivos, tais como o uso abusivo de álcool e de drogas, necessitando, assim, de auxílio e apoio para a eliminação desses elementos de adoecimento. Igualmente, o jovem, por desconhecimento ou falta de compreensão da situação, pode ter dificuldades para buscar orientação ou não valorizar a necessidade de ajuda no surgimento dessa problemática, principalmente na área da saúde mental (MELO; COSTA, 1994).

Para Erickson (1972) na idade em que os jovens se inserem na universidade, eles ainda estão na fase da “crise de identidade”, quando se espera a consolidação da identidade, o estabelecimento de maior autonomia, a aquisição de sentido de competência e a gestão das emoções e das relações interpessoais. É a fase em que o jovem deixa a dependência da infância e da adolescência, mas ainda não assume responsabilidades que fazem parte dos papéis sociais e expectativas dos adultos.

Oliveira (2017) ressalta que muitas são as pesquisas que vêm discutindo essa problemática de ordem psíquica no contexto universitário, demonstrando a alta frequência de estresse entre os estudantes, associado a hábitos de vida prejudiciais à saúde, com destaque para o uso de substâncias psicoativas, comportamentos sedentários, perfis de sonos inadequados e hábitos alimentares não saudáveis.

O meio universitário, para Oliveira (2017), é um ambiente produtor do conhecimento em suas mais variadas áreas, mas estar nesse ambiente, nem sempre significa apresentar um estilo de vida saudável, fato este que se confirma em diversos estudos realizados (também) no território brasileiro.

Mediante esta preocupação do adoecimento, principalmente de caráter da saúde mental dos universitários, é que se insere esta pesquisa de cunho qualitativo. A mesma inclui a forma de interlocução com atores sociais e observação de campo, sendo nessa pesquisa o uso do questionário estruturado como instrumento de coleta

de dados em campo, tendo em vista que a auto declaração a respeito de um possível transtorno mental. O método de triangulação e a categorização foram utilizados para análise da respectiva amostra. A amostragem foi categorizada através de unidade de análises. Para Minayo (2017, p. 2) [...] “o tema da amostragem é realmente muito importante porque a ele está vinculada a credibilidade metodológica de uma investigação”.

A proposta de investigação sobre o estilo de vida e possíveis adoecimentos de ordem psíquica que os jovens universitários da UNIOESTE, *campus* Cascavel, possam estar desenvolvendo, vem associada à observação dos docentes sobre as interações complexas entre fatores ambientais, sociais, psicológicos e biológicos, junto aos fatores de risco para possíveis desenvolvimentos de hábitos de vida não saudáveis ou possível adoecimento mental.

Mediante a temática da pesquisa científica, autores como Gasparini (2005) ressaltam que o acadêmico é de responsabilidade institucional e, da mesma forma, os docentes devem intervir mediante a uma necessidade de encaminhamento do aluno com adoecimento, sendo este docente o mediador de saúde mental. Os autores destacam que o professor do século XXI deve possuir um perfil diferente, de forma que:

[...] o papel do professor extrapolou a mediação do processo de conhecimento do aluno, o que era comumente esperado. Ampliou-se a missão do profissional para além da sala de aula, a fim de garantir uma articulação entre a universidade e a comunidade. O professor, além de ensinar, deve participar da gestão e do planejamento escolar, o que significa uma dedicação mais ampla, a qual se estende às famílias e à comunidade (GASPARINI *et al.*, 2005, p. 191).

O corpo docente da UNIOESTE - *campus* Cascavel se insere nessa pesquisa a partir da preocupação que estes alunos possam estar em processo de adoecimento de ordem psíquica. Além dos docentes, faz-se presente na pesquisa uma parcela expressiva de funcionários e as coordenações dos cursos de graduação, com o intuito de discutir o ensino da Ciência na formação profissional, e a Ciência na sociedade contemporânea.

Dentre as diversas discussões, abordamos o estilo de vida dos jovens na universidade e os benefícios da prática de atividades físicas, assim com o lazer e a espiritualidade, com o propósito de minimizar o adoecimento de ordem psicológica e melhorar saúde mental dos alunos do ensino superior. Relacionamos os professores

como supostos mediadores da saúde dos acadêmicos, pois estes estão em contato direto com os jovens enquanto estes passam pela formação profissional.

Quando se trata da instituição UNIOESTE, esta será relacionada como mediadora de saúde e bem estar psíquico com o intuito de buscar e compreender o que diz sobre a saúde de seus acadêmicos e que os acadêmicos nos dizem a respeito de seu adoecimento de ordem psicológica.

Por meio da preocupação com a saúde de ordem psicológica dos alunos da UNIOESTE, *campus* Cascavel, essa pesquisa se apresenta em 5 seções. Sendo a seção 1, o delineamento metodológico utilizado na pesquisa para a fundamentação teórica, coleta dos dados e discussão dos resultados da pesquisa. Na sequência, discutiremos o ensino de ciências na formação profissional, com um olhar para os novos perfis de alunos na sociedade contemporânea em que vivemos.

As habilidades que proporcionam qualidade de vida, como a prática de lazer, espiritualidade e atividades físicas estão apresentadas na seção 3, com enfoque na promoção de melhoria para a saúde do aluno, principalmente de ordem psíquica. Já na seção 4 abordamos a saúde psicológica do aluno da UNIOESTE, *campus* Cascavel. Sendo que o professor e a instituição de ensino superior são vistos como mediadores de qualidade psicológicas dos estudantes universitários, levando em consideração o tempo que passam em sala de aula e as possíveis observações de mudança de comportamento dos alunos.

Ao chegarmos à seção 5, analisaremos e discutiremos os resultados obtidos por meio da população de 685 participantes da pesquisa. Com a visão da UNIOESTE no seu contexto de formação profissional, alunos e suas relações com a formação superior e a UNIOESTE, *campus* Cascavel o que diz sobre a saúde do aluno.

Essa preocupação com a saúde psicológica do aluno vem aumentando gradativamente. Por isso, essa pesquisa se insere na perspectiva de identificar se os alunos na UNIOESTE, *campus* Cascavel ingressam na universidade com alguma problemática de saúde mental, e esta só se agrava durante a permanência da formação profissional, ou se os alunos adoecem mentalmente na permanência na universidade, durante o processo de formação profissional, por meio de auto declaração a respeito de sua saúde mental. Mediante os resultados obtidos discutimos qual ensino da Ciência estamos oferecendo aos nossos alunos.

SEÇÃO 1

METODOLOGIA

A metodologia é o elemento crucial da pesquisa científica, pois demonstra a técnica, o método utilizado, o caminho a ser seguido pelo pesquisador no trabalho científico. Nesse estudo, a investigação é de caráter qualitativo. Segundo Bardin (2016, p.146), a abordagem qualitativa não abandona “toda e qualquer forma de quantificação. Mas, somente os índices é que é retido de maneira não frequencial, podendo o analista recorrer a testes quantitativos: por exemplo, a aparição de índices similares em discursos semelhantes”, uma vez que essa pesquisa qualitativa se deterá mais na busca da compreensão do objeto do que de sua quantificação.

Semelhantemente, Demo (1998, p. 11) afirma que a metodologia significa “o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência”, que instrumentaliza o uso de procedimentos que possibilitam visualizar com maior precisão “os caminhos do processo científico” em uma determinada pesquisa. Para a fundamentação teórica da pesquisa científica, utilizaram-se dados obtidos em referências bibliográficas de artigos, dissertações e teses. As buscas foram realizadas por meio de plataformas digitais de pesquisa como Google acadêmico e Mendley, na busca de compreender como o tema proposto é tratado pela teoria.

Nessa pesquisa foram utilizados dados coletados em campo, com aplicação de questionário para a coordenação dos cursos, para docentes de disciplinas, e setor responsável pela assistência estudantil da UNIOESTE, *campus* de Cascavel assim como para as turmas do primeiro e do último ano dos cursos de graduação sendo eles: Administração, Ciências Biológicas Licenciatura, Ciências Biológicas Bacharelado, Ciências Econômicas, Ciências Contábeis, Ciência de Computação, Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia Agrícola, Fisioterapia, Farmácia, Letras, Matemática, Medicina, Odontologia e Pedagogia. Os questionários possuem perguntas abertas e fechadas com o intuito de fazer o levantamento de dados sobre a problemática da saúde mental e da vulnerabilidade psicológica dos alunos.

Posterior à fase da coleta de dados em campo, os resultados obtidos foram submetidos à discussões e apresentações por unidade de análise. Nessa perspectiva, ocorrera a triangulação dos dados que, como indica Flick (2009, p. 361), “refere-se ao uso de diferentes fontes de dados, sem ser confundida com o emprego de métodos distintos da produção dos dados”.

Para Azevedo *et al.* (2013, p. 04), a triangulação possui objetivo de contribuir não apenas para o exame do fenômeno sob o olhar de múltiplas perspectivas, mas também enriquecer a nossa compreensão, permitindo emergir novas ou mais profundas dimensões. A triangulação contribui para estimular a criação de métodos, novas maneiras de capturar um problema para equilibrar com os métodos convencionais de coleta de dados, sendo assim, o pesquisador poderá utilizar os dados qualitativos para enriquecer e iluminar os resultados de pesquisa.

A triangulação não é um método em si. É uma estratégia de pesquisa que se apoia em métodos científicos testados e consagrados, servindo e adequando-se a determinadas realidades, com fundamentos interdisciplinares (MINAYO *et al.*, 2006, p. 61).

Vergara (2006) afirma que a triangulação pode ser vista a partir de duas óticas: a estratégia que contribui com a validade de uma pesquisa e como uma alternativa para a obtenção de novos conhecimentos, através de novos pontos de vista. A partir desse objetivo, espera-se constituir um arcabouço de dados que nos permitam apresentar novas perspectivas para uma melhor compreensão da temática estudada.

Os dados que serão submetidos à triangulação nessa pesquisa são as chamadas problemáticas de ordem psicológica: como stress, depressão, ansiedade e síndrome do pânico, com a perspectiva de compreender se a origem se dá dentro da formação profissional e se os alunos ingressam com essa problemática.

1.1 O problema central da pesquisa

Os problemas de saúde dos jovens universitários podem ser resultado de interações complexas entre fatores ambientais, sociais, psicológicos e biológicos. Esses fatores são considerados como fatores de risco. São elementos com grande probabilidade de desencadear ou associar-se ao desenvolvimento de um acontecimento indesejado na vida desses jovens. Como estão presentes em seu cotidiano existem, contudo, aqueles fatores que vem auxiliar e acolher o aluno com alguma problemática em desenvolvimento, são eles chamados os fatores de proteção, são recursos pessoais ou sociais que atenuam ou neutralizam o impacto desses riscos (BENINCASA; REZENDE, 2006).

Quanto ao adoecimento, ou fatores de riscos e adoecimentos psíquicos diversos, estão presentes as inquietações no que se refere a que tipo de processo de ensino e aprendizagem em que esses jovens universitários estão inseridos. Além disso, nos últimos anos, muitos pesquisadores vêm evidenciando uma série de preocupações com a qualidade de vida desses universitários e com a saúde, principalmente emocional e psíquica.

Tais desassossegos com a saúde mental dos universitários levaram alguns autores e a Organização Mundial da Saúde (OMS) a pesquisarem o que está levando esses jovens a desenvolver transtornos mentais. Por esse motivo, vem se evidenciando a necessidade de pesquisar, entre outras coisas, a vulnerabilidade e sofrimento psíquico dos acadêmicos. Tal condição vale também para o local desta pesquisa: a Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - *campus* Cascavel, onde os alunos podem estar em processo de adoecimento psíquico e desequilíbrio emocional.

A Organização mundial da Saúde orienta e se opõe ao uso dos termos “doença mental” e “paciente mental” alegando que esta denominação é de caráter e modelo médico, e na maioria dos documentos clínicos, inclusive os de uso internacionais, evita-se o uso do termo “doença mental”, preferindo empregar em seu lugar o termo “transtorno mental” (OMS, 2005, p. 27).

Mediante a pesquisa de termos específicos da problemática proposta nesta pesquisa, faremos a utilização do termo “Transtorno mental”, como a OMS descreve em seus documentos, sendo o mais adequado para a descrição e discussão dos resultados obtidos. O material de apoio que utilizamos para embasamento de termos específicos e a legislação de saúde mental são retirados do Livro de Recursos da OMS sobre Saúde Mental, Direitos Humanos e Legislação lançado em 2005.

Considerando-se a legislação, os fatores de proteção e a integração dos alunos ao contexto universitário são de extrema importância à experiência vivida durante o primeiro ano na universidade. Essa experiência contribui para a permanência no ensino superior e o sucesso acadêmico dos futuros profissionais. Desse modo, é de fundamental importância a interação do estudante aos meios acadêmico, familiar e social, desde o início de seu curso, para aumentar sua chance de crescimento social, intelectual e pessoal, para que estejam aptos a enfrentar as várias dificuldades de transição na universidade. (MENDES; LOPES, 2014).

Estudos,

Demonstram que, para seus sujeitos, o bem-estar está ligado ao sentimento de proteção oferecido pelos pais. Acrescentam ainda que o apoio e a proteção são elementos significativos para a vida e que a responsabilidade para seu futuro está, neste momento, colocada em agentes externos (pais, boa escola, entre outros) (BENINCASA; REZENDE, 2006, p. 95).

Quando se trata de proteção, lembramos que muitos dos acadêmicos ainda são muito jovens, alguns, ainda adolescentes, constituem o público que passa a maior parte de seu dia na universidade, e se deparam com diversos fatores de estresse, frustrações, dificuldades financeiras, o que colabora para que sejam desenvolvidos abalos psicológicos e emocionais. É nessa condição que se insere esta pesquisa, procurando entender o que está induzindo os jovens ao sofrimento e vulnerabilidade aos transtornos mentais.

Buscamos compreender se estes indivíduos (alunos) já ingressam na universidade com alguma vulnerabilidade para transtorno mental ou se os mesmos estão desenvolvendo durante a permanência no meio acadêmico e, assim, entender que tipo de ensino da Ciência se está ofertando aos alunos neste ambiente, bem como, quais suas consequências para possível desenvolvimento de doenças psíquicas no meio acadêmico.

Pereira (2006) ressalta que vários estudos têm demonstrado o quão difícil pode tornar-se esse processo de adaptação e integração em contexto acadêmico, resultando, muitas vezes, em elevados níveis de insucesso escolar e aumento de problemas de ordem psíquica e suas repercussões em seu desenvolvimento como indivíduo.

As causas explicativas do insucesso escolar são complexas e multifacetadas, das quais se salientam os fatores relacionados com o processo de transição/adaptação à universidade, os problemas de natureza acadêmica (organização curricular, stress e ansiedade aos exames, entre outros) e os fatores relacionados com o desenvolvimento pessoal (PEREIRA *et al.*, 2006, p. 51).

Daudt (2013) destaca as instituições de Ensino Superior como locais importantes para o desenvolvimento de ações integradas para a promoção de saúde, que contribuem com a comunidade acadêmica e para a formação de profissionais conscientes da importância e do impacto de hábitos de vida saudáveis para a sua própria saúde e bem-estar.

Se tratando de saúde e bem estar na educação, existe a necessidade de abordar a temática saúde dentro da universidade como uma importante ferramenta de prevenção e promoção à saúde, que provoca, nos indivíduos, a atitude de pensar e repensar os seus hábitos e estilo de vida e conduzi-los a modificar a sua realidade para diminuição de suas vulnerabilidades e melhoria da qualidade de vida. (JARDIM, 2012)

Besserra (2011) dialoga com o método de Paulo Freire ressaltando que uma das estratégias de educação em saúde que pode ser utilizada é o Círculo de Cultura, que é capaz de estabelecer o diálogo e a discussão, troca de experiências e vivências, ensino-aprendizado mútuo sobre diversos temas, capacitando as pessoas a refletirem sobre sua realidade. Da mesma forma,

A investigação acerca do perfil de saúde destes jovens configura uma construção de ferramentas de promoção de saúde dentro do ambiente acadêmico, a fim de contribuir para a diminuição da prevalência de DCNT no futuro, e conseqüentemente os gastos com hospitalização e incapacitação física, além de contribuir para a efetivação da responsabilidade social que a universidade tem sobre sua comunidade (MENDES; LOPES, 2014, p. 79).

Para Ressel *et al.* (2009), durante a trajetória acadêmica, o adolescente passa por mudança e enfrentamento social, os quais poderão, ou não, repercutir de forma mais ou menos intensa em sua vida, dependendo do contexto em que está inserido. Estas transformações e enfrentamentos podem desencadear conflitos, gerando crises que se agravam com a incapacidade ou despreparo do jovem e/ou de sua família para enfrentar e conviver com o advento do adolecer.

Ao se inserir nessa discussão, esta pesquisa visa apontar quais são os transtornos mentais que os jovens universitários da UNIOESTE – *campus* de Cascavel estão desenvolvendo através de auto declaração durante a permanência na universidade ou se esses jovens já ingressam na instituição com essa problemática, e quais são os fatores que estão acarretando o adoecimento dos alunos, já que muitos ingressam saudáveis e relatam saírem com diversos transtornos mentais.

Ao fazer o levantamento da pesquisa bibliográfica sobre os Programas de Saúde Mental Estudantil descobrimos os programas de assistência surgidos nos Estados Unidos no início do século XX, e atualmente essa assistência se encontra

difundida nas universidades do mundo inteiro (CERCHIARI; CAETANO e FACCENDA, 2005).

Como descrevem Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) há mais de 47 anos, existe a promoção de Saúde Mental, a preocupação com a assistência formal ao estudante universitário brasileiro, mas ainda é escasso o número de estudos epidemiológicos sobre a morbidade psiquiátrica em estudantes universitários, e a maioria dos estudos relacionados a esse problema carece de rigor metodológico e estatístico.

Mediante essa problemática é que esta pesquisa se insere e tem como suporte a Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, *campus* Cascavel. Nesta, analisou-se e buscou-se conhecer quais são os adoecimentos de ordem psíquica que os jovens estão desenvolvendo ou se os mesmos já estão ingressando na universidade com essa problemática.

Ao fazer a coleta de dados com o público acadêmico, voltamos também o olhar para a instituição, com o intuito de compreender como as informações sobre os adoecimentos psíquicos dos jovens chegam até a coordenação, professores e membros da instituição acadêmica, ou se esse pedido de ajuda vem do próprio acadêmico, pais ou amigos.

1.2 O Campo de pesquisa

A pesquisa abrange a Universidade Estadual do Oeste do Paraná Unioeste - *campus* de Cascavel, com enfoque nas coordenações de cursos, os docentes de disciplinas, o setor responsável pela assistência estudantil, e as turmas do primeiro e do último ano de cada curso de graduação deste *campus* universitário.

A UNIOESTE é a única Universidade Estadual de Ensino Superior localizada na cidade de Cascavel – PR. Oferta 16 cursos presenciais, sendo distribuídos nos períodos matutino, integral e noturno. É uma instituição pública que tem como missão o desenvolvimento humano e responsabilidade social. Ressalta-se, ainda, que, junto com a sua missão, a Unioeste é referência na produção e socialização do conhecimento, comprometida com a formação de profissionais para atuar com base em princípios éticos para o exercício da cidadania.

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, como instituição pública, gratuita e *multicampi* tem como missão produzir, sistematizar e socializar o

conhecimento, contribuindo com o desenvolvimento humano, científico, tecnológico e regional, comprometendo-se com a justiça, a democracia, a cidadania e a responsabilidade social (UNIOESTE, 2017).

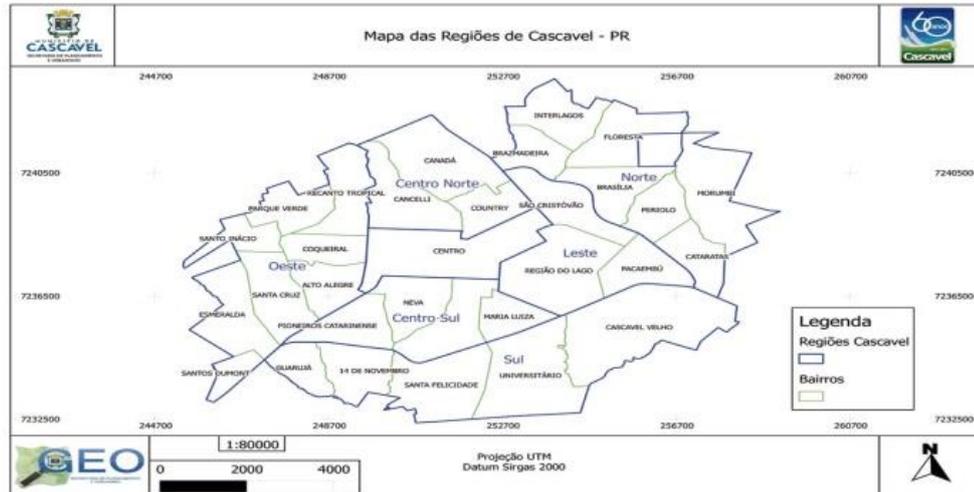
A UNIOESTE teve sua implantação, segundo Pires (2017), através da construção da primeira Instituição de Ensino Superior, a FECIVEL, que surgiu em 1972, e se destinava principalmente à formação de professores para Educação Básica. A UNIOESTE obteve seu reconhecimento como Universidade por meio da Portaria Ministerial nº 1784-A, de 23 de dezembro de 1994, e do Parecer do Conselho Estadual de Educação nº 137/94:

Na UNIOESTE podem ser identificados dois momentos marcantes e definidores do seu modelo organizacional e da concepção filosófica do seu projeto institucional, conforme ressalta Bortti (2000). O primeiro foi a estadualização da Universidade, ocorrido no final da década de 80, resultado de amplas discussões da comunidade universitária e com o apoio de um movimento social formado por lideranças políticas, empresariais e da sociedade regional organizada. O segundo foi o reconhecimento da UNIOESTE, ocorrido em 1994.

O reconhecimento da Universidade foi marcado pela organização e instalação da Estatuinte em 1989. A Estatuinte foi um movimento que teve ampla participação dos setores representativos da comunidade acadêmica e da sociedade regional e que definiu o projeto, a filosofia e a concepção de universidade *multicampi* para a Instituição. A Universidade atende principalmente um total de 94 municípios, sendo 52 municípios na região oeste e 42 municípios na região sudoeste do Paraná.

A Reitoria da UNIOESTE está situada na cidade de Cascavel, localizada no oeste do Paraná, conhecida nacionalmente pela produção agrícola abundante na região, sendo este o principal setor na geração de riqueza e desenvolvimento para a cidade. Cascavel é hoje considerada a 11ª maior cidade do sul do Brasil, é uma das principais cidades do estado do Paraná, com 316.226 habitantes, segundo censo do IBGE de 2015, e possui um Índice de Desenvolvimento Humano avaliado em 0,782, muito próximo ao valor obtido pelo estado do Paraná de 0,790 (DEITOS, 2017).

IMAGEM 1 - MAPA DA REGIÃO DO MUNICÍPIO DE CASCAVEL – PR.



Fonte: <https://cascavel.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/9>

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE *campus* de Cascavel foi escolhida para o desenvolvimento da pesquisa por possuir o Programa de pós-graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática - Mestrado - Área de Concentração: Educação em Ciências e Educação Matemática, Linha de Pesquisa: Educação em Ciências, do qual faço parte como discente, e por ser a Universidade em que conclui a graduação em Ciências Biológicas.

1.3 Os instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa

Ao iniciar a fundamentação da metodologia da pesquisa proposta, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, pelo fato da mesma possibilitar uma visão geral dos principais trabalhos já realizados sobre o tema proposto e o fornecimento de dados atuais e relevantes sobre o assunto. As leituras realizadas nos proporcionaram a formulação de um quadro geral sobre como o adoecimento dos jovens universitários acontece e em quais circunstâncias que essa problemática vem ocorrendo na Universidade. Deste modo, na pesquisa bibliográfica, é importante que o

pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar.

Esta pesquisa se delinea de caráter qualitativo, sendo uma pesquisa de investigação em que estudaremos as particularidades e relatos de todas as repostas dos indivíduos participantes. Nesse estudo serão utilizados os seguintes perfis de investigação: pesquisa bibliográfica, para a fundamentação teórica e embasamento da discussão dos resultados dos dados obtidos em campo com aplicação de questionário.

Para Prodanov e Freitas (2013), pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Semelhantemente, Gil (2002) descreve a pesquisa de um grupo ou uma comunidade, por meio de observação direta das atividades e entrevistas para captar explicações e interpretações sobre o que ocorre no grupo.

Após a fase da coleta de dados, os mesmos foram categorizados e apresentados por unidade de análise e apresentados em quadros, pois “uma vez que as interpretações pautadas em inferências buscam o que se esconde por trás dos significados das palavras para apresentarem, em profundidade, o discurso dos enunciados” (SANTOS, 2012, p. 386). As respostas obtidas por meio do questionário facilitarão a interpretação, compreensão e discussão dos resultados obtidos, em que buscamos a compreensão de quais circunstâncias estão levando os nossos jovens a desenvolver abalos psíquicos ou até a tentativa de suicídio.

Nesta pesquisa houve aplicação de questionário para obtenção dos resultados. A coleta de dados foi realizada nos meses de novembro e dezembro de 2018 e fevereiro de 2019, na UNIOESTE - *campus* Cascavel, após a autorização do Comitê de Ética, com o CAAE: 93749418.5.0000.0107 e o número do parecer: 2.790.576. Durante a aplicação do questionário foram esclarecidas e cumpridas as formalidades éticas, uma vez que orientamos todos os sujeitos da pesquisa para que fizessem a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, anexo nº 1. O questionário foi aplicado para 252 (duzentos e cinquenta e dois) alunos formandos, apêndice 1, e 422 (quatrocentos e vinte dois) alunos ingressantes com uma exclusão de 59 indivíduos devido a serem menores de 18 anos, assim possuindo uma amostra vigente de 363 (trezentos e sessenta e três acadêmicos), apêndice 2.

O número de questionários respondidos pela Coordenação e docentes de disciplinas foi de 32 (trinta e dois), apêndice 3. Nos setores responsáveis pela assistência estudantil da Unioeste *campus* Cascavel, obtivemos uma amostra de 38 (trinta e oito) participantes, sendo os mesmos responsáveis dos setores de atendimento ao estudante, apêndice 4.

Todos os questionários possuíam questões de múltipla escolha e perguntas abertas para possíveis justificativas das respostas, caso o participante sentisse a necessidade de justificar as mesmas. Uma das dificuldades da aplicação do questionário foi em decorrência da não autorização de muitos docentes em interromper a aula para autorizar a coleta de dados e, em alguns casos, o baixo número de alunos em sala de aula, e a não aceitação dos formandos do curso de medicina na participação da pesquisa, mesmo que tenham sido feitos vários contatos pessoalmente, via telefone, envio de questionário via e-mail tanto para as turmas de 2018 e 2019, ambas relatavam excesso de atividade não teria tempo para participar da pesquisa. Assim, o curso de Medicina é a única turma excluída da amostra, lembrando que a exclusão é relativa aos formandos do curso.

A pesquisa é de caráter confidencial e, posteriormente à leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o mesmo foi recolhido separadamente do questionário para se preservar o anonimato dos seus participantes. Os questionários foram nomeados da seguinte forma: Formandos (01), Ingressantes (02), Coordenação e Docentes (03) e, Institucional (04), sendo que essa identificação numérica dos questionários possui somente a finalidade de facilitar a análise, categorização e interpretação dos dados coletados.

De modo geral, o questionário possibilita de forma simples e eficaz uma maior abrangência em um menor período de tempo de participantes. Para Marconi e Lakatos (2003), uma das vantagens do uso de questionários é justamente a economia com o tempo. Assim, conseguimos abranger um número maior de sujeitos da pesquisa em espaço curto de tempo.

1.4 O tratamento dos dados

Os dados coletados em campo foram analisados conforme a abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender e estudar a relação entre exigências acadêmicas e os fatores de adoecimento dos estudantes universitários; verificar

quais tipos de adoecimento mentais é frequente entre os alunos e buscando compreender suas causas a partir da conjuntura acadêmica, verificando como a UNIOESTE, *campus* de Cascavel, enfrenta os problemas de ordem psicológica dos alunos, discutindo as possíveis relações entre o ensino da Ciência e a própria formação em nível superior, e a condição psicológica dos alunos.

Para a coleta e categorização dos resultados, tomaremos como referência a técnica de triangulação de Flick (2009, p. 362), corroborando com Bardin, que aponta que “[...] a Triangulação consiste mais em uma alternativa para a validação, a qual amplia o espaço, a profundidade e a coerência nas condutas metodológicas, do que em uma estratégia para validar os resultados e procedimentos”.

A triangulação pode ser aplicada como uma abordagem para fundamentar ainda mais o conhecimento obtido por meio dos métodos qualitativos. Fundamentação, aqui, não significa avaliar os resultados, mas ampliar e complementar sistematicamente as possibilidades de produção do conhecimento (FLICK, 2009, p. 352).

A utilização desta metodologia de análise de Flick (2009, p. 364) prevê basicamente quatro estágios: “(1) comparação de incidentes aplicáveis em cada categoria, (2) interação de categoria e a sua propriedade, (3) delimitação da teoria e (4) redação da teoria”.

Esse procedimento assume o caráter de um método de comparação constante quando os intérpretes têm o cuidado de comparar várias vezes as codificações com códigos e classificações que já tenham sido elaborados. O material que já tiver sido codificado não estará concluído após sua classificação, sendo continuamente integrado ao novo processo de comparação (FLICK, 2009, p. 364).

A estrutura de categorização fornece uma representação simplificada dos dados brutos em agrupamento dos dados de acordo com suas similaridades, tendo em vista as formulações de sínteses de questões contidas nos conteúdos das mensagens apresentadas, permitindo a realização de inferências e interpretações. Dessa forma, Bardin (2016) considera que o conjunto de categorias selecionadas para uma pesquisa científica pode gerar indicações produtivas para o processo de inferência, contribuindo para que as interpretações possam espelhar resultados validados pelo método.

Quando formulamos as categorias foi levando em consideração os questionários, devido à similaridade das respostas, tornando-o estruturado, na

medida em que cada questão é uma categoria, tendo em vista os conteúdos relevantes para essa temática. “O uso da triangulação de dados permitiu o levantamento, por duas ou mais fontes, referentes ao mesmo fato, além de garantir que as informações obtidas sejam mais acuradas” (DEITOS, 2017, p.31).

Desta maneira, foram analisadas criteriosamente as respostas do questionário aplicado aos universitários, docentes, coordenação e setor de assistência estudantil da instituição. Os dados da pesquisa estão apresentados em tabelas e frequências para melhor apresentação e interpretação dos mesmos, “[...] uma vez que, as interpretações pautadas em inferências buscam os múltiplos significados das palavras para apresentarem, em profundidade, o discurso dos enunciados” (SANTOS, 2012, p. 386), presente na resposta do questionário, o que facilitará a compreensão e interpretação das informações prestadas.

Para a discussão dos resultados utilizaremos o método de Análise de Conteúdo de Bardin (2016, p. 198).

Enquanto que a frequência de aparição das unidades de significação ou de elementos formais assenta no princípio de que quanto maior for à frequência dos elementos, tanto maior será a sua importância, a co-ocorrência (ou a não co-ocorrência) de dois ou mais elementos revelaria a associação ou dissociação no espírito do locutor.

As amostras são os acadêmicos, funcionários e professores, através dos dados obtidos discutiremos quais são as problemáticas de ordem psíquicas que nossos jovens estão enfrentando no meio Universitário.

Ao realizar a análise mais criteriosa das respostas nos questionários aplicados, e os dados agrupados, se estabeleceram relações entre eles de maneira a dar significação aos dados levantados. Desta forma, acredita-se que se estabeleceram relações entre as causas do desenvolvimento dos transtornos mentais que os jovens Universitários desenvolvem transtornos mentais no processo formativo ou já estão ingressando com a problemática.

SEÇÃO 2

FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO ENSINO SUPERIOR

No Brasil, o Sistema de Educação Superior ampliou-se expressivamente nos últimos anos, gerando mudanças significativas não somente na dinâmica de funcionamento das instituições de ensino superior (IES), mas também no perfil dos estudantes que nelas ingressam (BISINOTO *et al.*, 2016).

Em termos de quantidade de estudantes na Educação Superior brasileira, Bisinoto *et al.* (2016), descreve que em 2010 a América Latina era a quinta maior do mundo, com 6,7 milhões de matrículas (UNESCO, 2011). O sistema passou de 882 instituições e de 1.377.286 alunos em 1980 para 973 instituições e 2.125.958 alunos em 1995 (INEP, 1999), chegando a registrar um total de 2.391 instituições (87,4% privadas e 12,6% públicas) e 7.305.977 alunos de graduação matriculados em cursos presenciais e a distância no ano de 2013 (INEP, 2014). Em 2016, mantém-se um quadro de predominância numérica de Instituições de ensino superior privadas, as quais respondem por 87,7% do total, seguida da participação das Instituições estaduais, com 5,1%, federais, com 4,4% e, finalmente, as municipais, com 2,7% (INEP, 2016).

De acordo com INEP, o Censo da Educação Superior de 2018, há 299 IES públicas e 2.238 IES privadas no Brasil. Em relação às IES públicas: 42,8% são estaduais (128), 36,8% são federais (110), e 20,4% são municipais (61). As maiorias das universidades são públicas com 53,8%. Entre as IES privadas, predominam as faculdades com 86,2%. E das IES federais, 57,3% correspondem às universidades, 36,4% aos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) e Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets), 1,8% às faculdades e 4,5% são centros universitários (INEP, 2018).

Quando nos deparamos com a formação profissional, muitas literaturas ressaltam a implicação dos novos perfis da formação. Segundo Thomas Kuhn (1994), esses perfis referem-se ao modelo ou padrões compartilhados que permitem a explicação de certos aspectos da realidade. Entre esses aspectos, inclui-se a formação dos futuros professores. Semelhantemente, Morais (1996) corrobora com Thomas Kuhn, de que uma sociedade do conhecimento científico precisa ser cuidadosamente observada no sentido de possibilitar um novo redimensionamento de seu papel. Dessa forma, enfatiza que o modelo de formação profissional de

acordo com os novos referenciais pressupõe continuidade, visão de processo, não buscando um produto completamente acabado e pronto, mas um movimento permanente de "vir a ser".

Assim como o movimento das marés, ondas que se desdobram em ações e que se dobram e se concretizam com processos de reflexão. É um movimento de reflexão na ação e de reflexão sobre a ação (MORAIS, 1996, p. 66).

As reflexões sobre a formação profissional e as ações dos profissionais da licenciatura mediante a seus alunos, de acordo com Prado (1996), estabelece um dinamismo de novas ideias e de novas hipóteses que demandam do professor uma forma de pensar e agir mais flexível. Ele precisa aprender a construir e a comparar novas estratégias de ações, novas teorias, novos modos de enfrentar e definir os problemas.

Para Morais (1996) a reflexão sobre a ação assume o seu lugar no momento em que o professor se distancia de sua prática e, neste processo de reflexão, a prática é reconstruída pelo professor a partir da descrição, análise, depuração e explicitação dos fatos. São esses procedimentos que propiciam a tomada de consciência para a compreensão de sua própria prática.

Segundo Nóvoa (2009), a formação de professores deve ser pensada como um todo, englobando as dimensões iniciais, de indução e continuada. Citando diversos autores que vem discutindo o tema, como Zeichner (1992), Elliot (1990) e Perrenoud (1992), Nóvoa aponta que essa formação deve se dar, na articulação entre universidade e escola, de acordo com os interesses de ambas as instituições, e deve enfatizar não só aspectos técnicos, mas também de criação, considerando o contexto ocupacional, a natureza do papel da profissão, a competência profissional, o saber profissional, a natureza da aprendizagem profissional, o currículo e pedagogia. Nesta perspectiva, Marandino (2003) ressalta que surgem novos elementos na formação profissional, os quais enfatizam a reflexão e a prática, a partir da formação-ação e formação-investigação.

Com base nos pontos anteriormente indicados por Marandino (2003), sobre algumas das questões que se colocam atualmente para os cursos de formação de professores. Percebe-se, tanto nas normativas oficiais mais recentes como na literatura sobre o tema, a tendência de que esses cursos, em seus currículos,

contemplem uma profunda reflexão do professor “sobre a” e “na” prática pedagógica, compreendendo o papel social da escola e universidade, identificando e analisando os saberes presentes nas estratégias e táticas desenvolvidas no cotidiano, os elementos referentes à construção do currículo, a relação professor-aluno, as metodologias de ensino e as concepções de ensino-aprendizagem, de educação e de conhecimento científico que permeiam esta prática. É fundamental também o domínio não só dos conteúdos como das competências pedagógicas necessárias para o trabalho educativo no mundo contemporâneo.

Os espaços sociais de educação vêm se ampliando frente à constatação de que hoje existem distintos lócus de produção da informação e do conhecimento, de criação e reconhecimento de identidades e de práticas culturais e sociais. A ampliação e reconhecimento de diferentes espaços de produção da informação e do conhecimento são chamados de ecossistemas educativos vêm com propostas de novos espaços, tempo de produção de conhecimento, necessários para formação de cidadanias ativas na sociedade (CANDAUI, 2000).

Dentro da conjuntura educacional, para Becker (2001), há a ideia de que a educação deve ser um processo de construção de conhecimento ao qual ocorrem, em condição de complementaridade. Por um lado, os alunos e professores e, por outro, os problemas sociais atuais e o conhecimento já construído. Deste modo, Vasconcelos (1992) vai enfatizar uma prática pedagógica significativa de caráter dialético, em que a realidade e objetivo devem se confrontar e dar possibilidade de realização de uma prática educativa consciente.

Para Vasconcelos (1992), o conhecimento é construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo, isto significa que o conteúdo que o professor apresenta precisa ser trabalhado, refletido, reelaborado pelo aluno, para se constituir em conhecimento. Caso contrário, o educando não aprende, podendo, quando muito, apresentar um comportamento condicionado, baseado na memória superficial.

De acordo com Alves (2001), numerosos trabalhos foram realizados com o objetivo de identificação das "ideias dos alunos", correspondente a essa visão de aprendizagem, há um modelo de ensino centrado na transformação das concepções alternativas dos alunos em conceitos científicos: a teoria da Mudança Conceitual. Nesta linha, a aprendizagem deve ser encarada como uma reorganização e desenvolvimento das concepções dos alunos (MOREIRA, 1997).

Conseqüentemente, o ensino é um processo que visa à promoção de tal mudança e, a partir de estratégias instrucionais adequadas, a fazer com que os alunos mudem suas ideias prévias em favor das concepções científicas.

Souza e Juliasz (2018) descrevem que a “atividade”, o trabalho pedagógico, se constitui num conjunto de ações que mediam o processo de construção e de apreensão do conhecimento, realizada pelo professor e pelos alunos, e que adquire significado em sua realização na aprendizagem. A atividade tem como pressuposto uma ação coletiva, não como uma divisão social e técnica do trabalho, de divisão de tarefas, mas um fazer dependente de ações comuns que sintetizam interações e relações sociais entre sujeitos e das quais fazem emergir as diferenças culturais, sociais e cognitivas como necessárias a um ambiente pedagógico.

A atividade fundamentada em ações, em que estas precisam estar pautadas em motivações e razões de desenvolvimento que se justificam e se articulam à atividade como um todo, rompendo com ativismos e pragmatismos de ocupação operatória dos sujeitos, não sendo possível nenhuma ação estabelecer independência em relação ao “conteúdo” do processo de aprendizagem.

Isso permite compreender que o conteúdo adquire aqui a dimensão histórica, simultânea, de elaboração e de aprendizagem, na medida em que são materialidade e historicidade na vida dos sujeitos sociais concretos. Parte-se de uma perspectiva de que a trajetória de ensinar requer, antes mesmo, uma trajetória socialmente particular de aprender. O que exige elaboração prévia, não como produto, mas como processualidade do fazer, percorrendo, ele mesmo, o professor, a trajetória do aluno, garantindo concretamente, não idealmente, a dimensão teleológica da atividade.

A construção dessa trajetória, experiência em uma sequência didática, compreendida como atividade, revela-se no conjunto de ações e em seu encadeamento, cuja realização resulta na mediação de um conteúdo concreto, no processo de ensino e desenvolvimento cognitivo, com sentidos e significados que precisam ser apreendidos e ou ultrapassados e modificados (SOUZA; JULIASZ, 2018).

A construção de uma atividade (sequência didática) é a expressividade prático-teórica do trabalho docente e não se apresenta como simples forma de desenvolvimento do conteúdo, mas passa também a ser mecanismo de resolução dos questionamentos dos alunos acerca das relações entre o conhecimento da

Universidade e a Escola. O conteúdo passa a ser um “objeto” prático-teórico e de intervenção do aluno-professor, na medida em que é concebido como mediação concreta das relações sociais, expressas no processo de ensino e aprendizagem. O conteúdo ganha, portanto, centralidade como trabalho e significado do trabalho do professor-aluno, uma vez que sua materialidade necessariamente dialoga com a historicidade dos sujeitos sociais envolvidos (SOUZA; JULIASZ, 2018).

Quando falamos sobre prática docente e conhecimento acerca de Universidade e Escola necessita-se levar em consideração as produções científicas que são desenvolvidas nesses espaços. Como descreve Minayo; Gomes (2015) as pesquisas e publicações científicas servem para a orientação e interesses da sociedade; em que fique clara a responsabilidade dos pesquisadores em relação aos temas que estudam; e em que os investigadores sejam capazes de convencer a sociedade e os políticos sobre os méritos de suas propostas. Sua contribuição no crescimento econômico, à geração de emprego e renda, a democratização das oportunidades e as formas de desenvolvimento sustentável, de modo a atender às justas demandas sociais dos brasileiros e ao permanente fortalecimento da soberania nacional.

2.1 Formação Profissional

As pesquisas mostram que no século XX, se teve um aumento nas instituições de ensino superior, um dos motivos que podemos perceber para isso é que devido à especificidade da formação técnica, dada pelo caráter hegemônico da presença das indústrias e pela ausência de um projeto educacional que articulasse a cultura da escola com a cultura do trabalho, prevaleceram, na educação profissional e tecnológica, os fundamentos básicos e operacionais de preparação para o mercado de trabalho (NASCIMENTO *et al*, 2016).

Quando inserimos essa pesquisa na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, discutiremos a formação em uma universidade, que almeja aumentar e adequar o conhecimento e as habilidades dos alunos que são futuros trabalhadores ao longo da vida. Nessa perspectiva, Silva (2002) enfatiza que o diploma passa a não significar necessariamente uma garantia de emprego, mas a empregabilidade está relacionada à qualificação pessoal, logo, as competências técnicas deverão estar associadas à capacidade de decisão, de adaptação a novas

situações, de comunicação oral e escrita, de trabalho em equipe. O profissional será valorizado na medida da sua habilidade para estabelecer relações e de assumir liderança.

Para Drucker (1997), os principais grupos sociais da sociedade do conhecimento serão os trabalhadores do conhecimento, pessoas capazes de alocar conhecimentos para incrementar a produtividade e gerar inovação.

Em tempos de globalização e de avanços nas tecnologias da informação e comunicação, verifica-se uma revolução nos modos de produção do homem. Para Barros et al. (2018), os modelos de trabalho estão se modificando, exigindo um novo perfil profissional, provocando o estabelecimento de novas relações entre os sujeitos e a sociedade.

A sociedade da informação exige competências de acesso, avaliação e gestão da informação oferecida. As escolas são lugares onde as novas competências devem ser adquiridas ou reconhecidas e desenvolvidas. Vive-se hoje em uma sociedade complexa, onde o cidadão necessita lidar constantemente com uma avalanche de novas informações que o inundam e que se entrecruzam com novas ideias e problemas, novas oportunidades, desafios e ameaças (BARROS *et al.*, 2018, p.03).

Considerando que o ato educativo pressupõe a criação de vínculos e compromissos com o futuro, contribuindo para a convivência humana em sociedade e a disseminação dos códigos, cultura, linguagem e valores, entende-se a emergência de uma educação consistente que prepare os sujeitos para atuar na estrutura produtiva do país e, além disso, para a autonomia e participação consistente (BARROS et al., 2018).

Uma nova forma de se conceber a educação é então, para Dias e Gonçalves (2005), uma nova proposta pedagógica que leve à construção de um currículo com ênfase no ensino interdisciplinar e temas transversais. No entanto, isso não é fácil. As autoras chamam a atenção ao dizerem que “romper com velhos paradigmas implica rever um conjunto de conceitos, concepções e atitudes que, em conjunto, alicerçam o cotidiano das interações humanas” (DIAS; GONÇALVES, 2005, p. 286).

O professor em formação deve ser imbuído de instrumentos e estratégias teórico-práticas que o habilite a serem capazes de, quando em seu campo profissional, possibilitar aos seus alunos situações que gerem um constante pensar e repensar de suas ações, também no âmbito de cidadania. Para que esse quadro se torne concreto, é preciso que haja uma busca pela humanização da própria

formação profissional, tornando-a menos tecnicista, característica muito presente em sua estrutura formativa (NASCIMENTO *et al.*, 2016).

Para Borges (2018), a exigência de um novo perfil profissional com adequação às mudanças, não somente as da área, mas também os que ocorrem no mundo do trabalho requerem uma melhor qualificação, um envolvimento e participação social do trabalhador, com capacidade de trabalhar em equipes inter, multi ou transdisciplinares, e de fazer "parte de uma estratégia das organizações para obtenção da polivalência".

O profissional requerido pelo mercado terá, portanto, que participar de um processo de educação continuada, partindo do seu curso de formação profissional, prosseguindo com cursos de especialização ou de curta duração. Esse processo de educação continuada poderá ter vários formatos, como os cursos sequenciais, ensino à distância, cada um com suas vantagens e desvantagens, como relata Baptista (2002).

Para o profissional é impossível adquirir todas as habilidades propostas, porém são imprescindíveis investimentos em educação formal e continuada com "[...] ênfase as qualificações tácitas e a atitude comportamental". (ARRUDA *et al.*, 2000, p. 18).

Tomar como referência que a dimensão dualista se consolida como paradigma dos processos de formação de professores, significa reconhecer um sério problema na tríade e na indissociabilidade (ensino, pesquisa e extensão) do fazer universitário, mais do que isso, trata-se de assumir uma hierarquia de saberes entre licenciados e bacharelados que se reverbera nos níveis da produção e da reprodução do conhecimento científico (SOUZA; JULIASZ, 2018).

A busca do sucesso exige um exercício de corresponsabilidade, parceria e cumplicidade, pois, é função tanto da escola quanto do profissional, visto que há limites entre a cooperação e o predomínio. De um lado, esses profissionais não podem estar desmotivados, sem tempo, sem financiamento para investir em si próprios. Por outro, a escola precisa abrir-se, buscar parcerias, melhorar sua infraestrutura tecnológica, adotar novas técnicas de ensino e transmissão de conhecimento, criando cursos mais ágeis ao equacionar melhor os seus recursos humanos e tecnológicos (BORGES, 2018).

2.2 Contexto do Ensino Superior

Ao pesquisar sobre a contextualização do ensino superior surge, como ponto importante, o processo de construção do conhecimento científico e as dimensões históricas, filosóficas, sociais e culturais da Ciência. Deste modo Matthews (1998), descreve que a história e filosofia da Ciência são importantes tanto para pesquisadores como para professores, nas seguintes competências: o conhecimento e a apreciação da Ciência que ensinam, e alguma compreensão da história e filosofia da Ciência, e algumas teorias ou visões educacionais, que informem suas atividades na sala de aula (EI-HANI, 2006).

Deste modo, não podem ignorar as relações complexas entre as ciências, a tecnologia e a sociedade, e, tampouco, as dimensões históricas, filosóficas e culturais da Ciência e da tecnologia, necessitando de bases seguras para decisões de ordem ética e metodológica que devem tomar no contexto de sua prática científica.

Desde a Segunda Guerra Mundial, tem sido argumentado que o raciocínio ético e filosófico deve ser parte da empreitada científica, promovendo-se nos cientistas uma compreensão das relações entre Ciência e valores, como um meio de prevenir o abuso do conhecimento científico (EI-HANI, 2006).

Nas pesquisas iniciais sobre currículos e/ou materiais instrucionais voltados para o ensino de história e filosofia das ciências, assumia-se que apenas tais currículos e/ou materiais poderiam ser suficientes para propiciar uma melhor compreensão sobre a natureza da Ciência, perdendo-se de vista a importância do professor como variável interveniente.

A implicação desta assunção era que um professor poderia promover o desenvolvimento de um entendimento adequado sobre a natureza da Ciência em seus alunos mesmo que ele próprio não possuísse uma concepção adequada. Bastaria submeter os alunos aos currículos e/ou materiais instrucionais para que o objetivo pudesse ser alcançado.

Esta suposição iniciou-se a partir de 1965, reconhecendo que, pode um determinado currículo eficaz para um professor, mas não para outro, e tendo sido controlada a variável habilidade do aluno, então o conhecimento do professor sobre a natureza da Ciência deveria aparecer como um fator significativo de interferência. Esta compreensão conduziu os pesquisadores a enxergarem, na visão sobre a

natureza da Ciência do professor, outro foco de pesquisa a ser desenvolvido (TEIXEIRA; FREIRE JR; EL-HANI, 2009).

Se tratando da natureza da Ciência do professor, esta pesquisa está inserida também no contexto do ensino superior. Conforme enfatiza Demo (1990), possui uma dimensão formal, que remete à natureza científica, lógica, técnica, analítica do produto gerado no interior da universidade, e uma dimensão política que se refere à qualidade do cidadão e do profissional que aí se desenvolve. Havendo ênfase à preparação para a vida, a formação do carácter e da vontade como essência do cidadão, assim continuando a desenvolver a Ciência básica e aplicada na formação do cidadão e auxiliando na transformação e no desenvolvimento sociocultural.

Para El-Hani (2006), não obstante, a formação de professores e pesquisadores tipicamente se limita aos aspectos teóricos e práticos das várias ciências e não fornece referenciais históricos e filosóficos necessários para suas práticas profissionais. Apesar das transformações sociais dos últimos 60 anos, que produziram avanços científicos e tecnológicos que mudaram as estruturas sociais, a cultura e a vida cotidiana de uma maneira que não têm precedentes.

Os currículos que abordam o tema de ciências praticamente não mudaram, retratando a prática científica como se fosse separada da sociedade, da cultura e da vida cotidiana, e não possuísse uma dimensão histórica e filosófica. Como no começo do século XX, ainda hoje se espera que estudantes adeptos da Ciência somente aprendam conteúdos científicos, e não que reflitam sobre as próprias ciências e suas consequências para outros domínios da sociedade.

O ensino superior do século XXI, aquele que oferta a possibilidade de acesso, terá um papel decisivo para enfrentar os desafios e graves questões sociais. Para Lampert (1999), a Universidade deverá ser autonômica, democrática, flexível, participativa, aberta à sociedade, sendo um espaço de aglutinação, discussões e posicionamento crítico da efervescência do saber, da cultura da Ciência e tecnologia.

Diante disso, Lampert (1999) afirma que a Universidade não poderá assumir mais o papel de conformismo, reproduzindo as estruturas sociais. A mesma necessita encontrar alternativa para criar a ordem social, a fim de que todos, indistintamente, possam viver com dignidade.

É de grande importância a manutenção da ordem Universitária para acolher e orientar esse jovem universitário que vem em busca de novo conhecimento. Para

Soares *et al.* (2018), a população universitária vem aumentando de forma significativa nos últimos anos, proporcionando o ingresso de grupos cada vez mais heterogêneos de estudantes em função do sexo e da idade, da classe social ou dos seus objetivos e projetos vocacionais paralelos à frequência do Ensino Superior.

Diante dessa diversidade, as expectativas acadêmicas dos estudantes nos primeiros anos da universidade e instituições de Ensino Superior estão progressivamente mais atentas às características e necessidades dos seus alunos, procurando assegurar a sua permanência e melhorar a qualidade da sua formação (CASTRO; ALMEIDA, 2016).

Dessa forma, a universidade deverá se preocupar em produzir um saber voltado à verdade, a universidade, a cientificidade, a justiça, a igualdade, a beleza, a preservação, a criação, a construção e a autonomia, mas sobretudo a transformação social (LAMPERT, 1999, p. 54).

De modo geral, as universidades brasileiras têm sido responsáveis pela capacitação e formação acadêmica de muitos jovens nas últimas décadas. Porém, mesmo com a expansão e o crescimento do número de universidades, o número de vagas disponibilizadas não atende a toda a demanda, revelando a carência do sistema educacional em promover o acesso ao Ensino Superior (SOARES *et al.*, 2018).

Entretanto, existem diferentes perspectivas de se conceber a qualidade, mesmo tendo em conta os elementos anteriormente apontados, que expressam interesses e pontos de vista dos indivíduos e grupos acerca dos ideais de sociedade do presente e do futuro. Assim, Morosini (2008) afirma que:

Uma educação de qualidade pode significar tanto aquela que possibilita o domínio eficaz dos conteúdos previstos nos planos como aquela que possibilita a aquisição de uma cultura científica ou literária ou aquela que desenvolve a máxima capacidade técnica para servir ao sistema produtivo; ou ainda, aquela que promove o espírito crítico e fortalece o compromisso para transformar a realidade social (MOROSINI, 2008, p. 278).

Já Soares *et al.* (2018) discutem os diversos aspectos que têm sido enfatizados em relação à entrada e à permanência dos estudantes no ensino superior. As dificuldades que surgem no processo de adaptação à universidade podem estar relacionadas às experiências acadêmicas dos alunos ainda no ensino médio e a maturidade psicossocial. Considerando as exigências e desafios do

contexto universitário, é necessária a mobilização de vários recursos pessoais, acadêmicos, emocionais e sociais, incluindo-se aqui fatores como a percepção de suporte social, as abordagens ao estudo, as crenças de auto eficácia e as estratégias de *coping* (Ação de Lidar Adequadamente com uma Situação), para a permanência e sucesso no Ensino Superior.

O sucesso no Ensino Superior constitui um conceito complexo e multifatorial, que pode ser medido através de indicadores mais objetivos ou quantificáveis, tais como o rendimento acadêmico ou a conclusão do curso, e indicadores mais experienciais ou processuais, como o envolvimento. Ainda que os indicadores quantitativos sejam centrais na descrição do sucesso dos estudantes, a avaliação da qualidade do Ensino Superior parece estar hoje mais orientada por um modelo holístico, que integra resultados e processos, focados na aprendizagem e experiência total do estudante e na capacidade que a frequência do Ensino superior tem na adição de valor e transformação global do aluno (ARAÚJO, 2017, p. 133).

De acordo com Soares et al. (2018), um envolvimento de elevada qualidade no ensino superior caracteriza-se por relações satisfatórias entre o estudante e os seus professores. As mudanças qualitativas da educação partiram da relação professor/aluno, uma colaboração efetiva entre estudantes, a aprendizagem ativa com *feedback*, elevado tempo na tarefa, a demonstração de elevadas expectativas de realização e, ainda, o respeito pela diversidade de talentos ou formas de aprendizagem. O envolvimento no contexto universitário é efetivamente um conceito multidimensional, que pode ser descrito através das suas manifestações comportamental, cognitivo e emocional.

A adaptação à universidade é um entrelaçamento entre fatores dos domínios já citados e inclui também os sociais, pessoais e institucionais que levam o aluno a integrar-se satisfatoriamente, ou não, ao curso e à instituição. Assim, é possível afirmar que as relações interpessoais do estudante com a sua família, seus pares e docentes podem facilitar a adaptação ao ensino superior, ao curso e à instituição escolhida. Portanto, a adaptação acadêmica pode ser entendida como um processo amplo de integração do aluno às vivências acadêmicas, tanto no que diz respeito à aprendizagem técnica quanto ao desenvolvimento pessoal, interpessoal e emocional para o exercício profissional (PORTO; SOARES, 2017).

2.3 A Ciência na Sociedade Contemporânea

Quando voltamos os nossos estudos para a Ciência/Ensino da Ciência, podemos analisar que a mesma se constitui de forma peculiar no decorrer da história, essa trajetória está descrita no quadro 1 abaixo, onde observamos evolução do contexto histórico no que se refere ao pensamento científico.

Desta forma, não podemos afirmar que exista uma única concepção, que determinado conceito esteja correto e outros errados, pois cada período recorrente teve suas marcas, suas verdades. Assim, o que podemos afirmar é que existem compreensões a respeito da Ciência que se encaixam em determinados momentos e contextos (SILVA *et al.*, 2018).

Através de Silva *et al.* (2018), verificaremos uma breve síntese no quadro 1, abaixo, a qual se refere a pensamentos científicos de cada período histórico, assim podemos compreender o principal momento transcorrido na Ciência e em seus diferentes campos do conhecimento até a sociedade contemporânea:

QUADRO 1 – PENSAMENTO CIENTÍFICO

Período	Pensamento Científico
Ciência Clássica (Berço da Ciência)	Busca do saber pelo saber (filosofia); Ciência Especulativa; Explicações míticas e religiosas para fenômenos naturais (Ciência e Religião atreladas); Desenvolvimentos das Ciências Naturais e da Matemática;
Ciência Medieval (Idade das Trevas) Teocentrismo	Totalitarismo Religioso (Ciência e Filosofia submetida à religião); Ciência Escolástica; Geocentrismo; Alquimia (Sociedades secretas, ocultismo, esoterismo);
Ciência Moderna - Racionalismo	Antropocentrismo; Heliocentrismo Experimentação seguida de indução como método de estudo da natureza; Ciência autônoma (desvinculada da Filosofia e da Religião); Cientificismo; Possuía o rigor científico e a linguagem da matemática; Mecanicismo; Positivismo.
Ciência Contemporânea- Divisão da ciência em diversas áreas	Ruptura com o cientificismo, dogmatismo e a certeza da ciência; Verdade científica provisória; Caráter não cumulativo; Verdade como aproximação da realidade; Incerteza e probabilidade; Atitude crítica.

Fonte: Silva *et al.*, (2018)

Ao verificarmos uma breve síntese do contexto histórico evolutivo da Ciência, faremos uma discussão sobre a sociedade contemporânea. Lembrando que, quando nos deparamos com os termos sociedade contemporânea, estamos nos referindo ao acelerado desenvolvimento tecnológico presente na sociedade. Esse desenvolvimento, o ensino superior não consegue acompanhar as respectivas mudanças que aparecem, segundo Fronza (2016), há uma grande distância entre a vivência do ensino superior e a vivência social.

Ocorrem muitas mudanças de natureza tecnológica e econômica, com implicações e exigências diretas para a universidade e não têm sido assimiladas significativamente pelas instituições formadoras de professores, no sentido de propor e oferecer uma formação inicial mais articulada com as transformações da sociedade.

Como ressalta Soares et al. (2018), corroborando com Oliveira (2017), são muitas as razões que explicam esse descompasso entre o que se oferece na formação inicial de professores e as exigências cotidianas do trabalho universitários, contudo, afirmações generalizantes não contribuem para a resolução do problema. Pesquisas têm evidenciado que os professores se sentem pouco preparados para o início da sua inserção profissional. Mas, no caso brasileiro, é necessário observar que as condições de formação docente variam muito de acordo com a natureza das instituições que a ofertam (OLIVEIRA, 2010).

Além de observarmos a natureza institucional, Esteve (2009) chama a atenção para outra necessidade do professor: a de desenvolver competência social para que este se sinta capaz de assumir as situações conflituosas provenientes das mudanças sociais de cada tempo histórico. Para tanto, há de se pensar e propor estratégias desde a formação inicial (e também no exercício da profissão, por meio da formação continuada) acerca das mudanças sociais e da conseqüente exigência de formação profissional docente, de modo a preparar o futuro professor (bem como o professor já inserido no exercício da profissão) para enfrentar os conflitos próprios de cada momento/fase do processo de mudança social (SOARES; OLIVEIRA, 2016).

Se não houver constante qualificação docente, o professor pode perder o entusiasmo pela profissão. Acredita-se que sem a realização de estudos sistemáticos com vista ao desenvolvimento profissional, o professor não consegue estabelecer e manter a capacidade de analisar as mudanças educativas, além de ter dificuldade de adaptar-se às novas exigências da educação contemporânea (SOARES; OLIVEIRA, 2016, p. 5).

De acordo com Oliveira (2009), o desenvolvimento profissional surge nas políticas educativas como um imperativo, logo, há a necessidade de os professores buscarem permanentemente melhorias no seu desempenho, na sua atuação profissional. O desenvolvimento profissional toma como modelo estratégico de formação, assume uma esfera de nova cultura profissional, forjada nos valores da colaboração e do progresso social, considerado como transformação educativa e social (RAMALHO, 2004).

Em meio aos novos valores sociais que nossos jovens estão inseridos, devemos traçar novos perfis profissionais em que a tecnologia e a educação possam andar juntas, assim prevenindo possível desmotivação dos alunos em sala de aula, por falta do uso da tecnologia e dos professores no exercício de sua função. Na perspectiva de Vaillant (2009), para se promover o desenvolvimento profissional docente com impactos na sala de aula, três processos são fundamentais: boa proposta de inovação com um adequado respaldo social às transformações que se realizam no exercício da atividade docente; recursos materiais; e certa continuidade que permita que as mudanças se mantenham ao longo do tempo.

Nessas perspectivas não podemos esquecer que a atratividade da carreira docente é hoje uma questão preocupante no mundo. Os processos de desvalorização e desprofissionalização docente têm impactado a procura por essa carreira (DUARTE, 2013; MORICONI, 2008; LEME, 2011), mostraram a imagem do magistério como sacrifício, ao se naturalizar como elemento intrínseco ao trabalho docente, tem produzido condições de adoecimento dos docentes e/ou distanciamento emocional do trabalho.

As professoras vêm perdendo a vontade e o prazer em exercer a docência e, com o passar do tempo, o desgaste tem conduzido, grande parte das profissionais a estranhar seu lugar de trabalho, seus colegas, seus estudantes e sua profissão. E, por vezes, esse processo é seguido de nervosismo, irritabilidade e estresse (BALINHAS *et al.*, 2013, p. 266).

Esse fator de adoecimento psíquico vem atingindo cada dia mais a classe docente, e hoje devemos também voltar o nosso olhar para os jovens Universitários que, a cada dia, estão com sua saúde mental mais fragilizada, devido a imensa adaptação no convívio social, cultural e financeiro.

Segundo Frigotto (2007), a modernidade alterou o vínculo entre trabalho produtivo e educação com o advento do capitalismo, em que a produção se rende ao mercado, o qual assume para si a organização da produção e suas relações de capital e trabalho. O capitalismo determina, então, as regras sobre valores, ideias, teorias, símbolos e instituições, entre as quais se destaca a escola como um espaço de produção e reprodução de conhecimentos, atitudes, ideologias e teorias que justificam o novo modo de produção. Para o desenvolvimento profissional do docente, são necessárias estratégias sistêmicas de ação que levem em conta as demandas de cada contexto e não políticas parciais (SOARES; OLIVEIRA, 2016).

As novas compreensões admitem o fenômeno científico-tecnológico como processo ou produto inerentemente social, onde os elementos não epistêmicos ou técnicos (como valores morais, convicções religiosas, interesses profissionais, pressões econômicas e ambientalistas etc.) assumem um papel decisivo na gênese e consolidação das ideias científicas e dos artefatos tecnológicos.

Esse entendimento justifica a necessidade de renovação educativa, o que implica em criar também as condições metodológicas que favoreçam essa renovação pedagógica nas áreas técnicas (LINSINGEN, 2006). Da mesma forma “Ciência e Tecnologia ganham cada vez mais relevância, assim como o seu ensino, com implicações econômicas, sociais e ambientais, tornando-se questão crucial na educação.” (ARAÚJO; SILVA, 2012, p.110).

É preciso romper com a ideia de que discutir sobre Ciência e tecnologia é tarefa exclusiva das disciplinas de química, física, biologia e as disciplinas tecnológicas. Todos os conhecimentos devem contribuir para construção de mundo mais justo e mais humano, promovendo o exercício de cidadania encaminhado à solução de problemas relacionados à sociedade (NASCIMENTO *et al.*, 2016).

SEÇÃO 3

HÁBITOS E QUALIDADE DE VIDA

O conceito de qualidade de vida (QV) segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) é definido como sendo não somente a ausência de doença, mas sim como um estado de bem estar do indivíduo, com a percepção influenciada por posição de vida, cultura, valores e relações sociais, bem como, o bem estar físico, intelectual e social (ROCHA *et al.*, 2019).

Desta forma, a qualidade de vida dos estudantes (QVE) pode ser descrita como o grau de satisfação e contentamento nas relações e fatores psicossociais e contextuais. Sendo assim, a qualidade de vida do universitário é influenciada por dois domínios: satisfação de necessidades (grau socioeconômico) é a satisfação com as situações, circunstâncias, elementos sociais e econômicos que norteiam o estudante; e o bem-estar e percepções do ambiente (ROCHA *et al.*, 2019).

Da mesma forma, quando nos deparamos com o significado de hábito, qualidade e estilo de vida, este se torna um conceito muito amplo, que inclui a pessoa como um todo, que tem muitos aspectos, e cada indivíduo de uma população tem um conceito para tal. Os estilos vão muito além da saúde física, abrangendo o estado psicológico e emocional, as relações e ambientes sociais, os valores, o tempo de sono e de atividades de lazer, a rotina profissional, a espiritualidade, aprendizagem, o estágio da vida, as necessidades básicas, as ambições e os desejos individuais (FREITAS *et al.*, 2019).

Para Freitas *et al.* (2019), as alterações no estilo de vida, ocorridas nas últimas décadas, refletiram na saúde das pessoas. Na vida moderna, a quantidade de atribuições aumenta gradativamente, cada indivíduo tem uma variedade de incumbências e muitas das vezes não consegue exercê-las de forma satisfatória. Essa incapacidade gera autocobrança, pressa para dar conta de fazer tudo, em um tempo que nem sempre é possível, causando ou até mesmo elevando o estresse a um nível negativo. Muitas das vezes, a vida gira em torno de resolver problemas e cumprir obrigações e não sobra tempo para o que é realmente importante, para o que traz bem-estar e prazer. Com toda essa dinâmica, os estudantes podem optar pela prática de hábitos nocivos.

Tratando de hábitos de vida, Almondes e Araújo (2003) da mesma linha de Freitas *et al.* (2019), enfatiza que a entrada na Universidade é uma etapa marcada por intensas mudanças na vida do estudante, representando, para muitos, um momento em que terá que responsabilizar-se por seu estilo de vida. Assim, vários fatores podem influenciar no comportamento do acadêmico, resultando em práticas que podem gerar riscos à sua saúde.

Lembrando que grande maioria dos universitários está ainda em fase do desenvolvimento juvenil, em que são colocadas em prova suas forças e fraquezas, pois esse é um momento estratégico no ciclo vital, um momento-chave para redirecionar situações de vida: pode representar um terreno fértil para fomentar estratégias de resolução de problemas, como pode também resultar em falhas de enfrentamento e/ou induzir a comportamentos inadequados ou ao sofrimento psíquico (OSSE; COSTA, 2011).

Esse sofrimento pode ser gerado pelo acúmulo de exigências e as contingências pessoais e contextuais, o que pode resultar em falhas de enfrentamento e/ou induzir comportamentos inadequados ou formação de sintomas não só físicos, mas também emocionais. Tais situações mobilizam o jovem em busca de recursos de enfrentamento para adaptação às novas condições que se impõem. Essas situações são chamadas de eventos de vida e têm implicações diretas para o ajustamento psicológico individual. A maneira de enfrentamento das demandas da vida universitária está diretamente relacionada a eventos de vida da infância e ao longo da vida (OSSE; COSTA, 2011).

Por outro lado, ser universitário, por si só, não significa fator de risco. A fase juvenil tem sido muito destacada como um período de risco. É infeliz a tendência de caracterizar a fase juvenil como fator de risco e considerar os jovens como pessoas que têm condutas de risco por si. É inquestionável que todo desenvolvimento traz riscos consigo, mas traz também oportunidades de amadurecimento (OSSE; COSTA, 2011, p. 117).

A conquista de uma vaga na universidade pública pode ser invalidada pela dificuldade em manter-se nela, pois sabemos que os jovens dependem de uma estrutura de apoio que inclui alimentação, moradia, assistência médica e odontológica, transporte e recursos para manutenção durante o curso (FONAPRACE, 2004). A ajuda institucional, por meio de programas específicos de

auxílio ao estudante, representa um esforço no sentido de criar tais estruturas quando o aluno não às tem (OSSE; COSTA, 2011).

Dentre as várias conquistas que os jovens universitários alcançam no decorrer de sua graduação, algumas podem ser fatores de desenvolvimento de algumas problemáticas. Como as evidências experimentais apontam, para uma interação entre o sono e o comportamento emocional e, assim, mais precisamente entre o sono e a ansiedade.

A ansiedade é um sinal de alerta determinado pela presença de um conflito interno, que tem a função de avisar sobre um perigo iminente, possibilitando que a pessoa tome medidas para lidar com a ameaça. É provável que todos tenham experimentado ansiedade em algum momento. Dados demonstram que a ansiedade tem aumentado expressivamente na população humana, incluindo a categoria dos estudantes universitários, por isso alguns autores têm chamado o século XX de “A Era da Ansiedade” (ALMONDES; ARAÚJO, 2003).

Durante o século XX, a ansiedade tem aumentado expressivamente na população humana, sobretudo devido às profundas transformações ocorridas no âmbito econômico, social e cultural. Essas mudanças acabaram por exigir que a população se adaptasse a um novo ritmo de vida. Por esses fatores o século XX ficou conhecido como a era da ansiedade. Desde então, esta sensação tem sido investigada e relacionada diretamente à situação vivenciada pelos indivíduos em seu cotidiano e às exigências decorrentes dela (ALMONDES; ARAÚJO, 2003).

Além da ansiedade, os universitários estão com histórico de depressão, ou com sintomas de depressão, os quais têm sido associados a comportamentos suicidas, o que tem sido a preocupação de muitos estudos. Na última década, uma pesquisa demonstra a existência de uma forte relação entre sintoma depressivo e a tentativa de suicídio.

Embora nem todos os estudantes que apresentavam sintomas depressivos considerassem o suicídio como opção, os sintomas depressivos estavam presentes na maioria daqueles que fizeram tentativas de suicídio. Esses dados indicam que a insatisfação emocional entre universitários, particularmente quando ligada a sintomas depressivos, contribui para os índices de pensamentos e comportamentos de risco para o suicídio, mais do que comumente é esperado (OSSER; COSTA, 2011).

E mediante os problemas de saúde mental que os jovens estão desenvolvendo, queremos entender quais são os hábitos e estilo de vida que os acadêmicos levam e se os mesmos influenciam no adoecimento, principalmente de caráter psíquico, da classe universitária da UNIOESTE – *campus* Cascavel.

3.1 Qualidade de Vida do Jovem

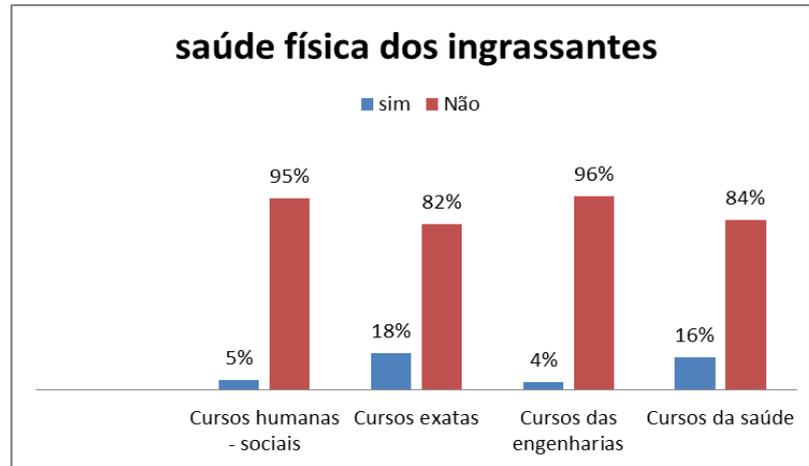
Nas últimas décadas são crescentes os estudos referentes à saúde e qualidade de vida dos jovens universitários, em um contexto de correlação da saúde dos estudantes com o meio universitário. O jovem, ao inserir-se no meio acadêmico, é submetido a uma série de desafios, tanto pessoais quanto profissionais, que exigem capacidades e habilidades, talvez nunca utilizadas, como é o caso das mudanças nos métodos de estudo, o aumento da carga horária e adaptação à rotina do curso (MOURA *et al.*, 2018).

Antunes e Martins (2018) reiteram que, a partir de 1980, a qualidade de vida dos jovens universitários vem sendo estudada, e as pesquisas seguem um enfoque tanto objetivo, quanto subjetivo, incluindo nestes, o grau de satisfação do acadêmico e suas necessidades enquanto estudantes, em função do seu desenvolvimento econômico. Também se refere ao respeito e bem estar do sujeito, bem como suas percepções do nível de realização pessoal, individual e coletivo.

A maioria dos estudantes, ao ingressar na universidade, trazem expectativas positivas em relação ao futuro acadêmico, e as experiências que serão adquiridas, mas muitas vezes ocorre a discordância entre o pensamento e os enfrentamentos que o jovem vive no meio universitário. Essas dificuldades podem refletir de uma forma negativa na qualidade de vida dos estudantes.

Através das possíveis dificuldades que os jovens enfrentam no ingresso na universidade, vamos observar através do gráfico 1 se os jovens da UNIOESTE – *campus* Cascavel estão entrando na universidade com algum problema de saúde física. Foram questionadas as turmas dos formandos da universidade e também dos ingressantes sobre sua saúde física.

GRÁFICO 1 – RELATO DE POSSÍVEIS ADOECIMENTOS DOS JOVENS INGRESSANTES DA UNIVERSIDADE.

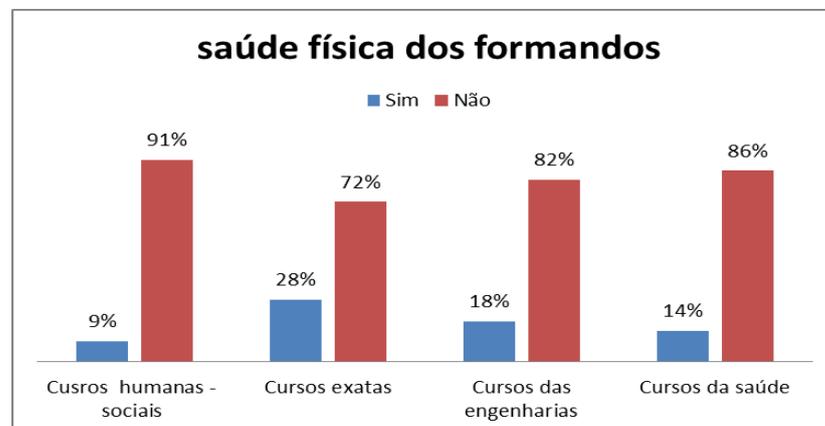


Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE Campus Cascavel

Conseguimos observar que, entre as diversas áreas da formação profissional da UNIOESTE – *campus* Cascavel, os jovens estão ingressando com a saúde física em perfeitas condições. Já a porcentagem de adoecimentos citadas que são de 18% para os cursos das exatas, 16% cursos da saúde, 5% cursos das humanas - sociais e 4% cursos de engenharias, os universitários se referem a alergias, doenças respiratórias e depressão como os problemas mais frequentes em sua saúde, sendo que um aluno da universidade se manifesta como portador do vírus HIV.

Na população estudada também fazem parte os formandos da universidade, onde foi interrogado sobre a sua saúde física, observamos no gráfico 2 as respostas.

GRÁFICO 2 – RELATO DE POSSÍVEIS ADOECIMENTOS DOS JOVENS FORMANDOS DA UNIVERSIDADE



Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE Campus Cascavel

Através dos dados obtidos com os formando as UNIOESTE conseguimos observar que há um aumento de 10 pontos percentuais no adoecimento da saúde física dos jovens da UNIOESTE – campus Cascavel, nos cursos das exatas e engenharias. Já nos cursos das humanas – sociais houve 4 pontos percentuais de aumento, assim no curso da área da saúde há uma diminuição de 2 pontos percentuais. E os adoecimentos mencionados entre essas turmas são alergias, doenças respiratórias, obesidade, esclerose, doenças renais e problemas cardíacos.

Dentre os principais motivos para adoecimento mencionados existem os receios, relacionados ao desempenho das atividades acadêmicas, o medo de errar e a necessidade de administrar o tempo para exercer atividades propostas pelo docente. Medos e receios que interferem na qualidade de vida do jovem, definida pela OMS como a percepção individual influenciada por posição de vida, cultura, valores e relações sociais. A qualidade de vida dos estudantes (QVE) é o grau de satisfação e contentamento em relação a fatores psicossociais e contextuais (PETRINI *et al.*, 2013).

Com a crescente demanda da população universitária, vem a constante preocupação e reflexões que a instituição universitária, além da formação acadêmica, promoção de desenvolvimento cognitivo, pessoal e social. Necessita-se a percepção de que, para os estudantes, isso representa uma nova fase da vida, que implica em sérias mudanças e adaptações, em que pode surgir ansiedade no estudante, prejudicando, assim, o desempenho acadêmico e acarretando má qualidade de vida (ANTUNES; MARTINS, 2018).

3.2 Práticas de atividade física

A prática regular da atividade física de intensidade moderada, para o jovem universitário, é de fundamental importância, pois é considerado um componente fundamental para o desenvolvimento de aspectos positivos relacionados à saúde. Segundo Fontes e Vianna (2009), ter baixo nível de atividade física é uma condição que está associada ao desenvolvimento de doenças, tais como: diabetes, infarto do miocárdio, doença arterial coronariana, câncer e obesidade, que são fatores que contribuem para elevar as taxas de mortalidade.

A falta da prática de atividade física aumenta o risco de hospitalização e desenvolvimento de problemas psíquicos, resultando em custos elevados para a saúde pública de modo geral. Além da prevenção de doenças, a atividade física aumenta a autoestima e a autoconfiança, no desenvolvimento de atividades diárias, reduzindo, assim, a depressão e a ansiedade, que são grandes fatores de adoecimento da classe universitário do século XXI.

Nessa sociedade universitária do século XXI a tomada pela pressa, os sujeitos procuram viver o máximo de experiências simultaneamente – o que, no fim, acarreta o empobrecimento das suas experiências e o incremento da vida nervosa, desenvolvendo sintomas de ansiedade, estresse e fadiga (MARTINS, 2018, p. 39).

O período que o jovem permanece na universidade é de extrema importância para que se estabeleça o comportamento que prevalece durante a vida, dado este período coincidir com um extraordinário aumento de autonomia e de tomada de decisão. O estabelecimento de hábitos de vida ativa e de comportamentos saudáveis neste período é, pois, de elevada importância, de modo a que sejam estabelecidos hábitos saudáveis (ESTEVES *et al.*, 2017).

Ao longo de todo o século XX, houve a diminuição gradativa do tempo de lazer. É apenas no início século XXI que surge a primeira inflexão. Esteves *et al.* (2017) referenciam que há uma diminuição considerável dos níveis de atividade física dos jovens na transição do ensino médio para o ensino superior, devido à grande necessidade de realizarem adaptações a novos ambientes e novas exigências, com prejuízo para a prática do exercício.

Com esta ideia, o autor relata que os estudantes universitários, de uma forma geral, não estão preparados de forma eficaz para a transição de um sistema em que a realização de atividade física é obrigatória para outro em que ela passa a ser voluntária, exigindo uma responsabilidade individual, que podem não possuir ou não estar dispostos a assumir.

Esse é um período de adaptação para os jovens estudantes, que estão expostos a uma série de obstáculos e impedimentos à prática de atividade física. Este fato torna a universidade e os seus órgãos de gestão responsáveis pelo desenvolvimento e promoção de condições para a prática de atividade física.

No espaço de educação formal da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE existe o trabalho em decorrência da demanda social por melhores

condições de vida, o que tem influenciado na criação de programas educacionais relacionadas à saúde e ao lazer. A UNIOESTE possui certo espaço físico, como na imagem 2, com área verde, onde o acadêmico pode manter atividades de esporte e , proporcionando lazer e bem estar no período de presença na instituição universitária.

IMAGEM 2 – CAMPO DE FUTEBOL DE GRAMA SINTÉTICA UTILIZADO PARA PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA



Fonte: mídia Unioeste.

O campo de futebol, além de um ginásio de esportes e de uma academia ao ar livre, disponível para os universitários propicia a prática de atividade física, auxiliando, assim, na diminuição do quadro de *stress* dos jovens e minimizando efeitos colaterais do sedentarismo, como ganho de peso, e doenças cardiológicas, mencionadas pelas turmas de formandos como doenças pré-existentes.

Além do campo de grama sintética, a UNIOESTE – *campus* Cascavel, disponibiliza área verde com gramas, flores e jardim para que o universitário possa usufruir de forma saudável e sustentável. Um desses espaços é chamado de Espaço Ciência como demonstrado na imagem 3.

IMAGEM 3 – ESPAÇO CIÊNCIAS ONDE OS ACADÊMICOS ENTRAM EM CONTATO COM O JARDIM DA UNIOESTE



Fonte: mídia Unioeste.

O importante é ter o acesso à saúde, através de prática de atividade física, muitas vezes faz-se necessário o uso de estratégia educacional, cujas intervenções podem ocorrer no âmbito do desenvolvimento da disciplina da grade curricular, da mesma forma poderia ser desenvolvido juntamente com o calendário acadêmico usufruindo o espaço que a UNIOESTE – *campus* Cascavel disponibiliza.

3.3 Lazer, cultura e espiritualidade

Quando se trata de hábitos e qualidade de vida dos universitários, é necessário considerar o lazer, cultura e espiritualidade. O conceito de lazer pode ser compreendido sob duas vertentes. A primeira diz respeito à dualidade lazer-trabalho, lazer-estudos. Assim, o lazer é definido como um conjunto de práticas nas quais ocorre o envolvimento de forma livre e desinteressada após os encargos sociais como o trabalho e a família.

Na segunda, sob o olhar da psicologia e do comportamento, o lazer é entendido como necessidade humana e cultural vivenciada no tempo disponível. Tal necessidade pode ser satisfeita de múltiplas formas, de acordo com os valores e interesses de cada indivíduo e grupos, em um determinado contexto histórico, social

e cultural. Neste sentido, o lazer não é tratado de forma afastada do trabalho e estudos, mas assim, com a relação entre os dois, ambos se ressignificam (ANDRADE *et al.*, 2018).

Relativo às melhorias para a qualidade de vida dos jovens universitários, segundo Pereira; Matos (2015), o lazer como fenômeno sociocultural pode ser entendido como um conjunto de atividades culturais, entre as quais estão as práticas físico-esportivas, artísticas, sociais, intelectuais, manuais e turísticas, em que as pessoas se envolvem com certa liberdade de escolha no seu tempo disponível das obrigações profissionais, familiares, sociais e fisiológicas, a fim de obter descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social, proporcionando qualidade de vida, bem como qualidade da saúde mental e psíquica.

Para que possamos obter sucesso nos conjuntos de atividades citadas por Pereira e Matos (2015) os autores Fernandes; Ribeiro e Bortoleto (2016) corroboram ressaltando que, cotidianamente, nos deparamos com espaços urbanos e equipamentos públicos que foram concebidos como “espaços de lazer”. Muitos desses espaços são mantidos pela administração pública e são destinados ao uso da população, de forma indistinta, ou conforme os serviços oferecidos e que poderão ser usufruídos durante o tempo livre dessas pessoas.

Os espaços de lazer são importantes no sentido de proporcionar o convívio e encontro social, bem como experiências diversas no âmbito das práticas culturais. Por outro lado, também encontramos no cenário urbano espaços não específicos de lazer, isto é, que não foram concebidos para o exercício do lazer, mas que podem ser utilizados para esse fim. São exemplos, as ruas, as escolas, universidades e os estacionamentos e as pontes, entre outros (FERNANDES; RIBEIRO; BORTOLETO, 2016).

Nesse âmbito, a UNIOESTE *campus* de Cascavel, possui espaços de lazer destinado para os universitários, docentes e servidores, também ao público em geral, a fim de integração social, obtenção de melhoria de qualidade de vida e alívio do stress do cotidiano, dentre outros benefícios, que o exercício do lazer pode proporcionar para ao cidadão em geral.

IMAGEM 4 – PRÁTICA DE LAZER ENTRE A COMUNIDADE ACADÊMICA

Fonte: mídia Unioeste.

A produção do conhecimento científica no Brasil sobre o lazer vem adquirindo novas perspectivas. Inicialmente, com discurso pautado nas ciências humanas, os estudos relacionavam-se ao campo da sociologia, educação e política. Nos últimos anos, vem se destacando a produção em outras áreas do conhecimento como a Educação Física, Psicologia e Saúde Coletiva.

Desta forma, é recorrente nos estudos com esta temática a relação com a saúde, à organização do espaço urbano para as práticas de cultura e entretenimento, a motivação das pessoas para a adesão às vivências do contexto do lazer, o gerenciamento do tempo livre, as barreiras para o envolvimento nas atividades, dentre outros (ANDRADE *et al.*, 2018).

Além do desenvolvimento da cultura e lazer no auxílio da diminuição dos riscos de adoecimento psíquico, a espiritualidade vem sendo discutida dentro da questão da qualidade de vida e é um tema em evidência, principalmente na área de saúde. Apesar desse crescente e interesse pelo tema, percebe-se que ainda há

muito por estudar e discutir sobre sua importância no campo científico (COSTA *et al.*, 2008).

A pesquisa realizada por Marques (2000) aponta a inter-relação entre o bem-estar espiritual e a saúde geral, mostrando importantes associações entre espiritualidade e saúde. A pesquisa também atribui relevância à inclusão dessa dimensão na concepção de saúde, integrada às dimensões biológica, psicológica e social, as quais, juntas, contribuem para a promoção da saúde e prevenção de doenças, bem como para o bem-estar das pessoas.

Ter uma visão mais integrada, reconhecendo a relação da espiritualidade com as outras dimensões da vida e nunca se esquecendo de que o bem-estar espiritual é uma experiência de fortalecimento, de apoio buscado de forma proposital pelo indivíduo para a realização de um enfrentamento de sucesso, é importante para a melhora da qualidade de vida e para a evolução do ser humano em uma visão biopsicossocioespiritual (MARQUES, 2003).

Dentro dessa abordagem, Marques (2003) propõe uma visão integrada do ser humano. Essa visão atua na ótica de que todo indivíduo é um complexo psicossomático, composto de potencialidade biológicas, psicológicas e sociais que respondem concomitantemente às condições de vida, fatores estes que contribuem para a formação integral do ser humano.

Mediante esses termos, o ser humano deve estar bem em todas as áreas do nosso ser: biologicamente, temos que cuidar do nosso corpo e das nossas necessidades físicas; psicologicamente, temos que estar em harmonia com nosso emocional, afetos e sentimentos; socialmente, temos que estar em equilíbrio na convivência com os outros e com as pessoas que compõem a sociedade, que nos rodeiam diariamente; e, espiritualmente, temos que ter um motivo ou proposta para fazer o bem e escolher a forma que vivemos através da espiritualidade, pois esta contribui para a formação de um ser como um todo.

3.4 O Lugar da Educação na qualidade de vida

O Brasil apresenta, ao longo dos anos, as marcas das desigualdades sociais, culturais e econômicas, fato que reflete no desenvolvimento educacional brasileiro, o que pode ser evidenciado por meio do baixo nível de escolarização e dos altos índices de analfabetismo da população brasileira (TELES; SOARES, 2006). Dentre o

cenário educacional, destacados por Teles; Soares (2006), os jovens e adultos que ingressam na universidade em busca de conhecimento e melhor qualidade de vida, mas, entre os vários acadêmicos, muitos acabam interrompendo os estudos por diversos motivos tais como: ingresso precoce no mercado de trabalho, dificuldade de acesso à universidade, fracasso acadêmico.

IMAGEM 5 – JOVENS INGRESSANDO NA UNIVERSIDADE ATRAVÉS DO VESTIBULAR 2020



Fonte: mídia Unioeste

Além dos vários problemas educacionais que o Brasil enfrenta, lembramos que os jovens procuram as universidades ao perceberem que a sociedade está em constante transformação, exigindo um profissional qualificado, não só para o mercado de trabalho, mas para a vida em sociedade, a fim de exercer a cidadania plenamente, ou lutar por esse direito (TELES; SOARES, 2006).

De acordo com Portela (2009), se antes a garantia dos direitos se dava através do acesso ao mercado de trabalho, agora esse acesso está vinculado ao fato do cidadão ter usufruído de direitos básicos como o da educação. Usufruir dos direitos básicos como a educação, desfrutando de habilidades como ler, escrever e contar pode parecer algo tão simples numa sociedade que evolui constantemente, mas para aqueles que nunca as dominaram é essencialmente significativa. Para gozar de direitos e deveres, exercendo efetivamente a cidadania, é necessário que os indivíduos tenham acesso à educação.

O autor, Portela (2009), trata os benefícios que a educação propicia ao cidadão em modo geral. Partindo para a busca de melhor qualidade de vida, os jovens estão a cada ano com uma grande demanda inerente à busca por uma vaga na universidade, sendo uma constante a busca de melhoria da qualidade de vida.

Na busca de melhor qualidade de vida, a escola e a universidade não podem ser somente consideradas transmissora de conteúdos, mas, sobretudo, um local privilegiado de aprendizagens e vivências cidadãs e democráticas, e, quando se fala na defesa, na efetivação e na universalização dos direitos humanos, precisa-se considerar os seres humanos/alunos como seres sociais, inseridos em uma organização social, na qual devem ser asseguradas as condições para que eles se desenvolvam e venham a viver com dignidade e igualdade (ZLUHAN; RAITZ, 2014).

Ao definir as características socioeconômico-culturais da comunidade, deve-se tomar o cuidado de não cair num esvaziamento pedagógico, fazer recortes de conhecimento e cultura que são essenciais para o aluno, pois é com base no conhecimento que será dada a ele a oportunidade de modificar a sua realidade. Desse modo, é possível esperar que o conhecimento obtido na universidade é a base que o aluno vem em busca da melhor qualidade de vida, assim irá refletir na percepção da qualidade de vida dos mesmos. Por isso é de fundamental importância dar todo o subsídio necessário para que isso ocorra na vida desse acadêmico dentro da universidade.

SEÇÃO 4

SAÚDE PSICOLÓGICA

Os estudos sobre a saúde mental do estudante universitário surgiram nos Estados Unidos no início do século XX, a partir do reconhecimento e aceitação de que os universitários estão inseridos em uma fase naturalmente vulnerável, do ponto de vista psicológico, e de que a responsabilidade em ajudá-los, nesse momento, é da instituição em que estão inseridos.

No Brasil, em 1957, foi criado, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, junto à cadeira de Clínica Psiquiátrica, o primeiro Serviço de Higiene Mental e Psicologia Clínica, com a finalidade de oferecer assistência psicológica e psiquiátrica aos estudantes universitários, inicialmente, aos alunos de Medicina. Em São Paulo, a Escola Paulista de Medicina (EPM) organizou, em 1965, um Serviço de Saúde Mental Escolar. Nos anos 60, as universidades federais do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro também implantaram seu Serviço de Saúde Mental destinado ao universitário (CERCHIARI; CAETANO e FACCENDA, 2005).

Desde então, tem crescido o número de Instituições de Ensino Superior (IES) preocupadas com a questão da saúde mental do estudante universitário e vários programas têm sido implantados nas universidades públicas brasileiras.

O ingresso na universidade é um marco na vida dos jovens estudantes, que acessam o universo acadêmico repleto de normas, metodologias, grupos e pessoas desconhecidas. Essa nova realidade educacional cria a necessidade do estudante de desenvolver um perfil universitário. Contudo, esse processo pode ser repleto de idealizações, ansiedade, conflitos e angústias (CASTRO, 2017). Lembrando que esses estudantes, muitas vezes ainda adolescentes, se inserem em grupos “inadequados”, que dificultam a promoção da saúde, devido aos comportamentos que os expõem a diversas situações de risco.

É nesta transição da adolescência para a idade adulta que ocorrem muitas mudanças físicas, emocionais, hormonais e, também, o contato com experiências de novos comportamentos e hábitos nocivos. Além disso, é nesta fase da vida que os jovens adquirem autonomia e independência em relação às famílias.

Os hábitos adquiridos durante o período universitário podem ser mantidos na vida adulta, por isso a importância da aquisição de práticas saudáveis para a prevenção aos riscos aos quais os jovens e adolescentes possam estar expostos no meio universitário, devido não saber trabalhar com as mudanças que ocorrem em seu cotidiano (D'ELIA, 2016).

Muitos desses hábitos trazem comportamentos que incluem:

Entre as condutas insanas para a saúde estão o consumo de drogas (tabaco, álcool e drogas psicotrópicas); o sedentarismo; a alimentação desregrada (excesso de gorduras inadequadas e hidratos de carbono, defeito de fibras e vitaminas); situações de stress; promiscuidade sexual; violência; condução perigosa e a má utilização dos serviços de saúde (PRECIOSO, 2004, p. 01).

Levando em consideração o contexto de saúde psicológica dos jovens e adolescentes, que se encontram inseridos na UNIOESTE *campus* Cascavel, é importante lembrar também o papel dos pais, familiares e da universidade, que são instrumentos fundamentais para desencadear processos evolutivos dos jovens e adolescentes, atuando como propulsores no seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Auxiliam também como inibidoras de possíveis problemáticas de ordem psicológica, como stress, depressão e ansiedade.

Quando nos deparamos com o processo saúde e adoecimento do aluno, não se cogita somente a possível ameaça à sua sobrevivência no meio universitário, mas também o efeito incapacitante de uma enfermidade ou ferimento. Sua saúde também está intimamente ligada ao relacionamento humano adquirido no espaço universitário, durante sua formação profissional.

A natureza estressante do início de um exercício profissional, na maioria das vezes inicia-se com os estágios acadêmicos, que são quesitos obrigatórios de todos os cursos de graduação da UNIOESTE, *campus* Cascavel e, em conjunto com as características próprias de cada sujeito, têm sido apontados como fatores responsáveis ou desencadeantes de transtornos emocionais em estudantes, principalmente os da área da saúde.

Segundo Castro (2017) descreve, as experiências de vida, a personalidade e a morbidade familiar são fatores etiológicos, por vezes, mais importantes na caracterização de transtornos psiquiátricos, que propriamente os fatores

ocupacionais. Durante a formação acadêmica, o aluno poderá viver momentos de ansiedade pela carga emocional desencadeada pelo próprio curso.

Quanto ao bem-estar psicológico dos universitários, em que observamos que a experiência acadêmica pode se constituir como um desafio para o estudante, podendo influenciar no seu relacionamento interpessoal com outros alunos, professores, e demais pessoas que participam da instituição; na sua autonomia e criação de padrões de auto avaliação durante a sua formação; na capacidade de lidar e participar do meio universitário, criando ou escolhendo ambientes adequados às suas características psíquicas; no propósito de vida, estabelecendo seus objetivos vocacionais e profissionais e por último, no crescimento pessoal, aprimorando seus conhecimentos, abrindo-se para novas experiências e enfrentando desafios (CASTRO, 2017).

4.1 Problemas psicológicos frequentes dos alunos do Ensino Superior

A preocupação relacionada à saúde psíquica dos universitários é um problema de saúde pública emergente, sendo essencial o conhecimento dos fatores que levam os jovens ao risco de desenvolvimento de doenças de ordem emocional e os fatores protetivos para possíveis agravos das problemáticas.

Mediante a necessidade de ajuda observada nos alunos da UNIOESTE, *campi Cascavel*, devem ser adotados estratégias institucionais capazes de intervir no possível sofrimento de ordem psíquica encontrado no estudante inserido na universidade, assim como, no desenvolvimento de ações que melhorem a qualidade de vida destes jovens, como auxílio na formação profissional. Um destes recursos disponível na UNIOESTE *campus* Cascavel é o atendimento pelo projeto PAPSI, na clínica PAPSI (Pronto Atendimento Psicopedagógico e Saúde Integrada), que presta serviços ambulatoriais e atendimentos psicológicos para a população universitária deste *campus*.

Em busca da formação profissional, os jovens passam por diversas situações de estresse e frustrações, relacionadas à carga acadêmica, à responsabilidade de assumirem deveres mais parecidos com a dos adultos, ainda sem dominarem as habilidades e a maturidade cognitiva para essa fase, o que contribui para o aumento dos problemas de saúde mental.

Ao referir-se a essa problemática, e que atinge cada vez mais os universitários, a pesquisa de D'elia (2016) demonstrou que, dentre os problemas psíquicos com maior prevalência, de 27% a 34% estão a depressão e sintomas depressivos, sendo que a ideação suicida chega a 11% entre esse grupo. Entre os principais sintomas descritos estão os sentimentos de angústia, ansiedade e depressão, e as estudantes do sexo feminino e os grupos minoritários e com problemas financeiros, são os que possuem os maiores riscos de adoecimento.

Para Bastos *et al.*, (2019, p. 17687) “o sofrimento psíquico em universitários está associado, diretamente, as situações novas, não só pelo fato do jovem ingressar na universidade, como também as transformações biopsicossociais que ocorrem na vida do sujeito” e, em estudo, esta nova rotina acadêmica junto às suas diversas implicações de transição e adaptação.

Nessa fase, de instabilidade emocional, o indivíduo entra na universidade e, à medida que, o sonho torna-se realidade a angústia pode vir associada ao desencadeando de sofrimento psíquico, principalmente na fase inicial do curso. Em relação a esta angústia, há diversas manifestações associadas a este, desde a dependência química e aos sintomas psicossomáticos até o absenteísmo, a evasão, o stress, quadros de doenças mentais, a privação de sono e angústias facilitadoras de desequilíbrios hormonais (BASTOS *et al.*, 2019).

Baseados na preocupação com a saúde mental, Cerchiari; Caetano e Faccenda, (2005) realizaram um trabalho similar na Universidade UEMS, por meio da utilização do atendimento no CAP/UEMS, relativos à Unidade de Dourados/MS, no período de maio de 2000 a julho de 2001, no qual conseguiram demonstrar que as problemáticas que atingem os alunos da UEMS são: transtornos de ansiedade generalizada (38,3%); transtornos pelo uso de substâncias: dependência (2,6%) e abuso (2,6%); transtorno alimentar: anorexia (1,3%); transtorno de pânico sem agorafobia (1,3%); transtorno obsessivo compulsivo (1,3%); transtorno depressivo maior (1,3%); transtorno de personalidade esquiva (1,3%) e transtorno de somatização (5,3%). Não foram encontrados casos de transtornos psicóticos.

Sobre os fatores que podem afetar a saúde mental dos estudantes, Castro (2017) corrobora D'elia (2016), com a seguinte afirmação:

[...] muitos estudos confirmam a diversidade e multiplicidade de fatores que afetam o processo de interação estudante-universidade e produzem mudanças em ambos. O fato de passar a morar longe da família, a transição do ensino médio para o superior, as dificuldades de adaptação e realização na instituição, o estabelecimento de uma percepção de identidade, as pressões acadêmicas e rendimento, o desenvolvimento de relações interpessoais novas e mais maduras, questões de intimidade, o comprometimento com objetivos vocacionais, a realização de atividades extracurriculares, entre outras questões (CASTRO, 2017, p. 382).

Dentre os vários fatores de risco, eminentes no meio acadêmico, existe a preocupação em relacionar o processo de formação profissional com as problemáticas que os jovens possam estar desenvolvendo durante essa fase de formação, da mesma forma vincular quais são as reais problemáticas que atingem a classe universitária dessa instituição.

Santana (2016) também discute que o vínculo da educação com a saúde é extremamente amplo. Incluindo desde a técnica destinada a assegurar à adesão as terapêuticas, ate aquelas outras para a previsão de comportamento de risco, a exemplo da gravidez precoce, consumo de drogas legais (Álcool e Tabaco) e as ilegais (Maconha e Cocaína, por exemplo), a falta de higiene pessoal e do ambiente e também o sedentarismo.

4.2 Professores como mediadores na saúde psicológica dos alunos

O professor universitário já foi alvo de diversas pesquisas na definição quanto sua função como mediador. Em 1997 o autor Saviani descreve que uma da função do professor universitário passa a ser produtor de conhecimento. Com o pressuposto que o ensino superior é indissociável da pesquisa, com o intuito que esse professor também é pesquisador, por isso cabe a ele também produzir conhecimento. Na busca da produção de conhecimento nas diversas áreas existentes dentro de uma universidade, assim surgem muitos desafios no âmbito educacional ou produtor de conhecimento.

Um dos maiores desafios para a educação, e a educação em saúde, é a mudança de hábitos no cotidiano dos alunos, visto que a relação entre saber e praticar nem sempre é linear e essa não linearidade está acarretando danos na

formação profissional, na qual os docentes estão sendo mediadores de saúde mental dos jovens inseridos no meio universitário (MEIRELLES *et al.*, 2017).

Os acadêmicos, quando inseridos na universidade, têm e devem ter acesso às informações corretas em relação ao cuidado com a saúde e por razões diversas, fundamentarem suas práticas de forma adequada, a ponto de não comprometerem a saúde individual e coletiva. O sujeito traz uma bagagem de pressupostos, motivações, intenções e conhecimentos prévios a qualquer situação de ensino-aprendizagem (SANTANA, 2016).

Destaca-se que, embora exista mudança conceitual, os conhecimentos anteriores coexistem com os novos conhecimentos e cada um deles pode ser utilizado pelo indivíduo no momento que for mais conveniente. De modo complementar, aprofundam o assunto afirmando que a dinâmica do perfil conceitual atende dimensões ontológicas, axiológicas e epistemológicas, nas quais estão inseridas questões culturais, estéticas, emocionais e fisiológicas (CASTRO, 2017).

Entre todas essas dimensões em que o acadêmico está inserido, o docente se torna, além de mediador do ensino da Ciência, o porta voz da saúde mental do discente, sendo ele o observador da necessidade de auxílio que o aluno necessita ou até mesmo a pessoa mais próxima que ele possa pedir ajuda, para possíveis problemáticas de ordem psíquica (MEIRELLES *et al.*, 2017).

Embora a maioria dos docentes não tenha expressado a prática de refletir sobre os possível adoecimento dos alunos, os professores (as), afirmam que o exercício da profissão docente é composto de fatores que comprometem a saúde física e mental dos alunos, que podem causar-lhes sofrimento e desgastes que desencadeiam doenças somáticas e psíquicas ou psicossomáticas (MARIANO; MUNIZ, 2006). O discente busca a formação de profissional com competência técnica, científica e social, de modo que possam confrontar os desafios e enfrentar os impasses da sociedade.

Professores orientadores e/ou supervisores, percebendo ou não, possuem um papel transferencial na vida do aluno, seja parcial ou total, afetiva ou hostil, sob forma receptiva ou não (Eizirik, 1994). O professor fica, assim, empenhado num trabalho inicial, com a sensação de ser interminável e cansativo, mas também o percebe como gratificante fascinante e desafiador, reiniciando-se, a cada novo semestre letivo e com cada aluno que inicia sua prática. (RUDNICKI; CARLOTTO, 2007).

Cabe ao professor-supervisor auxiliar seu aluno no processo de ensino-aprendizagem, intimamente relacionado aos eventos vinculados ao estágio ou a prática. A adoção de uma postura que transmita confiança, com capacidade para dar conta de suas ansiedades frente a essa nova etapa de sua vida acadêmica é imprescindível, assim entende-se que esse docente seja mediador da saúde psicológica do aluno (RESTREPO; JARAMILLO e MARIN, 1998).

A fase em que o acadêmico inicia suas práticas profissionais, de acordo com Mariano e Muniz (2006), o trabalho, conforme a situação, tanto poderá fortalecer a saúde mental, quanto levar os sujeitos a desenvolverem algum distúrbio patogênico. O trabalho, a partir desta perspectiva, pode favorecer o tanto o surgimento da doença como da saúde mental. Assim, compreende-se que o docente em contato direto com o acadêmico possa ser mediador para que o caminho a ser percorrido não seja tão doloroso, prevenindo desta forma o adoecimento do aluno.

4.3 A formação profissional e o adoecimento psicológico

Historicamente a formação profissional passou por diversas transformações, permeadas por mudanças sociais, histórica, culturais, políticas e econômicas. Assim direcionando referenciais jurídicos legais da educação e/ou da educação em saúde. Mediante esses fatores, a formação profissional relaciona-se com os modos de fazer e saber do campo da educação e da saúde (SANATANA, 2016).

Esse período de formação profissional na vida dos universitários, que muitas vezes ocorre na juventude, possui como característica a fusão do viver acadêmico com o vigor da juventude, tornando o momento único. No entanto, muitas vezes, o universitário pode tornar-se vulnerável ao adoecimento psíquico.

A universidade é um espaço de fundamental importância para o desenvolvimento de conhecimento científico e produção da Ciência. Nesse espaço, conhecido como formador de profissão, também ocorre o desenvolvimento de vida, uma vez que promove a ampliação do rol de habilidades e competências profissionais e pessoais.

Diante desta característica, existe a habilidade de melhorar o funcionamento cognitivo de seus alunos, constituindo-se como um espaço gerador de impactos positivos para os estudantes. Tal período é marcado por características particulares

e se constitui como um momento de transição e mudanças na vida do indivíduo. E com todas as mudanças características desta etapa, novas demandas são geradas e o sujeito tem que se adaptar a esta nova realidade (ARIÑO; BARDAGI, 2018).

Como já relataram Ariño e Bardagi (2018), esse processo de adaptação pode ser percebido pelos jovens universitários como um fator de *stress* e impactar diretamente na saúde dos alunos. O que a literatura (nacional e internacional) indica, é que a população universitária está vulnerável ao desenvolvimento de alguns transtornos mentais, como a depressão, a ansiedade e o estresse.

Os estudos vêm apontando uma prevalência elevada destes transtornos dentre universitários, sendo previsto que cerca de 15% a 25% dos universitários irão apresentar algum transtorno mental durante sua formação. A partir destes indicadores, a hipótese é de que aspectos relacionados à vida acadêmica e à carreira podem impactar na saúde mental desta população e explicar, parcialmente, a alta prevalência de transtornos mentais na população acadêmica.

Nesse período de formação profissional a ideia de promoção da saúde envolvendo o fortalecimento da capacidade individual e coletiva dos alunos em lidar com a diversidade dos acontecimentos existentes durante o processo de formação e qualificação profissional. Assim, a promoção da saúde para esses jovens vai além de uma aplicação técnica e normativa, aceitando-se que não basta conhecer o funcionamento das problemáticas de ordem mental que atinge essa população, mas também seu mecanismo de controle (SANTANA, 2016).

4.4 O papel das Instituições formadoras na atenção à saúde dos alunos

Nardelli *et al.*, (2013, p. 4) cita a Constituição Federal de 1988, Artigo 205, para lembrar que:

[...] a educação tornou-se de fato um direito fundamental, universal, inalienável e um instrumento de formação na luta pelos direitos de cidadania e pela emancipação social, sendo assim um dever do Estado e da família, cujo princípio é a igualdade de condições de acesso e permanência na educação. A educação deve ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, o preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

Contribuindo com Nadelli *et al.*, a respeito da formação, Dametto e Soligo (2009, p. 3) enfatizam que “praticamente todas as correntes pedagógicas modernas

partilham desse mesmo entendimento, o sujeito desde sempre aí, onde a Educação deve responsabilizar-se pela condução do processo de formação do ser humano” - entidade formadora discutida nesse trabalho é a UNIOESTE *campus* Cascavel.

Segundo Fornattine e Lucena (2015), as instituições de ensino superior compõem a base de toda sociedade e dos princípios políticos, éticos, tecnológico e organizacionais nela existentes e é sustentado por uma dimensão de conhecimentos e saberes. Afirmam que a instrução é indissociável do mundo social, uma vez que a grande maioria de seus atores, em diferentes graus e formas, é escolarizada. Ainda, sendo, via de regra, no ambiente universitário em que ocorre a formação do “homem” que irá assumir esses papéis e promover as mudanças e as transformações da sociedade.

A Universidade Pública realiza de forma integral seu papel quando gera, sistematiza e socializa o conhecimento e o saber, com o intuito da formação de profissionais e cidadãos com a competência de tornar a sociedade mais justa e igualitária. A transformação que ocorre nesse ambiente universitário, muitas vezes ultrapassa as bases e princípios éticos. Quando isso ocorre, a instituição em que o jovem está inserido tem como responsabilidade dar o suporte necessário em restabelecer a saúde do aluno (NARDELLI et al., 2013, p. 5).

Conforme descrito por Ariño; Bardagi (2018), essa problemática de saúde psíquica tem a tendência de aumentar a cada período do curso, divididos em três grandes momentos, conforme demonstrado no quadro 2 abaixo:

QUADRO 2 – Possível tendência de adoecimento psíquico do jovem universitário

Período do Curso	Tendência de Adoecimento
1. Inicial	Marcado pela transição do Ensino Médio para o Ensino Superior.
2. Médio	Quando se iniciam os estágios e um primeiro contato com a prática profissional.
3. Final	Marcado pelo início do processo de desligamento do papel de estudante e inserção do mercado de trabalho.

Fonte: Ariño; Bardagi (2018).

Ariño; Bardagi (2018) destacam que cada um destes momentos é marcado por diferentes demandas, que podem ajudar na compreensão das diferenças no perfil de saúde dos estudantes entre os diferentes períodos. É nessa perspectiva que se insere essa pesquisa em analisar se os jovens ingressam na universidade com a problemática ou se a mesma se agrava conforme o compromisso da demanda universitária.

Na seção 5 iniciaremos a discussão em que buscamos compreender qual é o adoecimento dos alunos da UNIOESTE, campus Cascavel. Se os alunos estão ingressando na universidade já com a problemática de ordem psíquica ou se esses problemas estão se desenvolvendo durante a permanência na universidade.

SEÇÃO 5

A UNIOESTE: SEUS ALUNOS, SUA SAÚDE

No processo de formação profissional em que os alunos da UNIOESTE *campus* Cascavel estão inseridos, há certo tempo tem-se discutido a problemática de adoecimento de ordem psíquica entre os universitários. Tal discussão, sendo um movimento claro de buscar articular a diversidade nos processos formativos com o mundo do trabalho, voltando à atenção aos novos modos de ensinar a ser profissional e aos novos perfis de acadêmicos que se inserem na instituição de ensino.

A UNIOESTE *campus* Cascavel foi o local de coleta de dados para a pesquisa, sendo que foi alcançado um total de 363 (trezentos e sessenta e três) alunos ingressantes, uma vez que foi feita a exclusão de 59 (cinquenta e nove) acadêmicos devido ao fato de terem idade inferior a dezoito anos. Essa população excluída equivalendo a 13,98% e sua exclusão se deram, pois não foi previsto na pesquisa a autorização para os pais. Da mesma forma, fizeram parte de pesquisa os alunos formandos no total de 252 (duzentos e cinquenta e dois) acadêmicos. Com isso, totalizamos 615 (seiscentos e quinze) acadêmicos participando da pesquisa, sendo que nos relatórios da secretaria acadêmica totalizam 1.254,00 (Um mil duzentos e cinquenta e quatro) alunos matriculados conforme demonstrado na tabela 1 abaixo. Sendo que atingimos 49,04% população acadêmica com base no relatório acadêmico. A partir dos resultados obtidos pela aplicação do questionário em campo, discutiremos quais são as maiores problemáticas de ordem psíquica que estão atingindo os alunos desse *campus*.

TABELA 1 – DADOS POPULACIONAIS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Curso de Graduação	N° de alunos matriculados ingressantes	N° de aluno ingressante participante da pesquisa	% de adesão dos alunos ingressantes	*N° excluído por idade	N° população vigente da turma ingressante	N° de alunos matriculados	N° aluno formando Participante	% de adesão dos alunos formados
Administração	55	26	47%	4	22	41	22	53,6%
Ciências Biológicas Licenciatura	46	21	45,6%	2	19	36	23	63,8%
Ciências Biológicas Bacharel	38	21	55,2%	0	21	32	20	55,5%
Ciências Contábeis	44	34	77,2%	15	19	30	21	70%
Ciência de Computação	66	25	37,8%	3	22	35	16	45,7%
Ciências Econômicas	57	23	40,3%	2	21	27	12	44,4%
Enfermagem	48	24	50%	2	22	12	3	25%
Engenharia Agrícola	41	27	65,8%	1	26	10	8	80%
Engenharia Civil	46	32	66,9%	4	28	30	15	50%
Farmácia	44	29	65,9%	2	27	40	20	50%
Fisioterapia	39	27	69,2%	3	24	28	6	23%
Letras	19	16	84,2%	3	13	15	16	100%
Matemática	46	32	69,5%	12	20	20	6	30%
Medicina	43	25	58,1%	0	25	36	0	0%
Odontologia	40	26	65%	1	25	36	22	61,1%
Pedagogia Matutina	36	11	30,5%	2	9	33	17	51,5%
Pedagogia Noturna	47	23	48,9%	3	20	38	25	65,7%
Total	755	422	51,4%	59	363	499	252	45,7%

Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE Campus Cascavel

*amostra excluída por idade refere-se a acadêmicos menores de 18 anos

Por intermédio dos dados obtidos pela pesquisa em campo nas 19 (dezenove) turmas de graduação da UNIOESTE, *campus* Cascavel participante, traçou-se o perfil de formação do aluno juntamente com a possibilidade do mesmo estar em processo de adoecimento no meio onde ocorre a formação do futuro profissional, esse perfil traçado foi através de questionário estruturado, onde utilizou-se de auto declaração dos alunos participantes.

A pesquisa possui-a o intuito de conseguir 100% de adesão entre os jovens universitários da UNIOESTE, *campus* Cascavel. Mas conforme algumas intercorrências de ordem climáticas como chuva, alunos com dependências de disciplinas em turmas não participantes da pesquisa, conseguimos uma população de 51,4% dos alunos ingressantes e 45,7% dos alunos formandos. É com essa população participante que traçamos o perfil do aluno no processo de formação da UNIOESTE, *Campus* Cascavel.

5.1 A Unioeste e seu contexto de formação

Na UNIOESTE, *campus* Cascavel, valoriza-se a adoção de métodos que estimulem a participação efetiva do aluno em todas as etapas do processo de formação, sendo que essas etapas podem causar danos emocionais aos acadêmicos, implicações como *stress*, frustrações acadêmicas e ansiedade, que podem causar consequências na sua formação profissional.

A opção pela formação profissional pode trazer consigo mudanças fundamentais na vida do jovem que se insere na universidade, muitas vezes em plena adolescência. Enfrentando a intensa competição do vestibular, aprendendo precocemente a organizarem-se entre os desejos, prazeres, horas de lazer e a companhia de amigos e familiares, com o desejo da aprovação no vestibular. Assim, preparando-se para a disputa acirrada. A competição por uma vaga nas universidades, em especial as públicas, é uma batalha a ser enfrentada, em ocasiões por muitos anos, até consegui-la (RAMOS-CERQUEIRA; LIMA, 2002).

Essa batalha persiste, quando o estudante chega à universidade, ao primeiro ano do curso ainda adolescente e tendo que enfrentar seu primeiro embate intercurso: não se livrou dos competidores! Conseguiu a duras penas sua vaga e encontra agora ao seu redor uma centena de alunos, com a mesma carga, os mesmos estigmas e as mesmas expectativas e

obrigações de primeiros alunos - o que usualmente foram em suas escolas de origem. Como agravantes estes novos “competidores” têm nome e rosto conhecidos e, muitas vezes, moram na mesma república. Assim, muitas vezes, a expectativa de poder partilhar, num ambiente menos exigente, menos competitivo, não se realiza (RAMOS-CERQUEIRA; LIMA, 2002, p. 110).

É através desse enfrentamento das problemáticas de ordem psíquicas que os jovens universitários estão mais susceptíveis durante o processo de formação profissional em que se insere esta pesquisa, na qual buscamos compreender se os jovens da UNIOESTE, *campus* Cascavel estão imersos nesse adoecimento.

Iniciemos as análises com as turmas de primeiro ano, como podemos observar na tabela 2, abaixo, questionando os 363 (trezentos e sessenta e três) alunos ingressantes quanto às exigências quantitativas da universidade, que possam estar atrapalhando no desenvolvimento das atividades acadêmicas.

Consideramos de extrema importância a participação dos alunos ingressantes por mais que os mesmos estejam há pouco tempo na universidade, mas os dados obtidos com esta população serão comparados com os alunos formandos.

TABELA 2 – VISÃO DOS ALUNOS INGRESSANTES QUANTO A EXIGÊNCIAS QUANTITATIVAS DE CONTEÚDO/DISCIPLINAS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO

<i>Cargas de estudos se acumulam por estar mal distribuída</i>	<i>Cursos Humanas-sociais</i>	<i>Cursos Exatas</i>	<i>Cursos das engenharias</i>	<i>Cursos da Saúde</i>
Sim	58%	38%	70%	78%
Não	42%	62%	30%	22%

Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE *Campus* Cascavel

Ao observar as médias acima citado, conseguimos visualizar que os cursos da área de saúde com 78% e o das engenharias, com 70% relacionam em seus aspectos de um modo geral que há uma má distribuição entre as atividades e disciplinas em suas grades curriculares. Da mesma forma, o curso das humanas-sociais também sentem essa condição, com 58% da população participante. Em continuidade, também questionamos as turmas ingressantes sobre os prazos e frequências que eles não conseguem desenvolver as atividades proposta em sala de aula.

TABELA 3 – TAREFAS ACUMULADAS POR NÃO POSSUIREM TEMPO DE DESENVOLVÊ-LAS NA VISÃO DOS ALUNOS INGRESSANTES

<i>Qual a frequência de não ter tempo de contemplar as tarefas universitárias</i>	<i>Cursos Humanas-sociais</i>	<i>Cursos Exatas</i>	<i>Cursos das engenharias</i>	<i>Cursos da Saúde</i>
Diária	0%	26%	20%	34%
Semanal	91%	37%	45%	50%
Mensal	9%	37%	35%	16%

Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE *Campus* Cascavel

Quando fizemos o questionamento, possuíamos o intuito de verificar se os mesmos estão conseguindo manter a organização de suas atividades, sendo que esse fator de desorganização pode levar o aluno a desenvolver um quadro de *stress*. Ao discutir os resultados obtidos na tabela 3 acima, verificamos que o maior índice de não realizações das atividades está nas turmas de ciências humanas-sociais, com 91% nas atividades semanais, sendo que essas atividades só estão acumuladas por que o acadêmico não consegue desenvolvê-las diariamente. Mas isso pode ser um fator de adaptação, por serem alunos ingressantes ou, como dentro dessa categoria entram cursos noturnos, muitos desses alunos trabalham durante o dia, ou aqueles que estudam no período matutino e exercem atividades profissionais tarde e noite. O segundo grupo com maior problemática está nos cursos da saúde, com 50% da população participante dessa pesquisa. A particularidade desse grupo é que são na maioria cursos integrais e possuem aulas distribuídas nos períodos matutino, vespertino e noturno, condições que podem ocasionar a má organização dos alunos quanto as atividades extraclases.

Por intermédio destes dados resolvemos traçar qual o perfil (tabela 4) das maiores dificuldades quanto à incapacidade de realização das tarefas.

TABELA 4 – DEMONSTRATIVA DAS PROBLEMÁTICAS QUE INTERFEREM NO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES EXTRACLASSE DOS ALUNOS INGRESSANTES

<i>Quais são as maiores dificuldades na realização tarefas universitárias</i>	<i>Cursos Humanas-sociais</i>	<i>Cursos Exatas</i>	<i>Cursos das engenharias</i>	<i>Cursos da Saúde</i>
Espaço curto de tempo na entrega das atividades	14%	26%	14%	72%
Não compreensão do conteúdo	26%	26%	50%	8%
Falta de interesse	14%	26%	22%	8%
Outros (Muito conteúdo acumulado)	46%	22%	14%	12%

Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE *Campus Cascavel*

Quando buscamos a compreensão de quais são as incapacidades das realizações das tarefas, os cursos da saúde com 72% descrevem que isso acontece devido o espaço curto de tempo para elaboração das atividades extras propostas pelos docentes, pode estar relacionado ao período integral e a disposição das aulas nos três períodos já citados anteriormente. Para 50%, os cursos de engenharias dizem que isso acontece por falta de compreensão do conteúdo, essa problemática nos leva a considerar a base curricular recebida no ensino médio, que possa estar ocasionando esta falta no ensino superior ou também abrimos uma interrogação sobre o perfil didático dos docentes dessa categoria, que não estão sabendo conduzir o conteúdo para 50% dos alunos.

A falta de interesse no desenvolvimento das atividades possui médias similares entre os cursos de exatas com 26% e engenharias com 22% e da mesma forma humanas-social com 14%, esse fator pode estar vinculado a falta de estímulos didáticos, imaturidade do aluno ou até não se identificar com o curso e a futura profissão.

Como a pesquisa não possui somente a característica de avaliar as turmas ingressantes vamos analisar, conforme a tabela 5 abaixo, se os índices apresentarem-se com a mesma intensidade nos 252 (duzentos e cinquenta e dois) alunos

formandos com o seguinte questionamento: qual é a frequência de acúmulo das atividades pela carga de estudos estarem mal distribuída?

TABELA 5 – VISÃO DOS ALUNOS FORMANDOS QUANTO A DISTRIBUIÇÃO DE CONTEÚDO/DISCIPLINA DO CURSO DE GRADUAÇÃO

<i>Cargas de estudos acumulada devido a má distribuição</i>	<i>Curso Humana-sociais</i>	<i>Cursos Exatas</i>	<i>Cursos das engenharias</i>	<i>Cursos da Saúde</i>
Sim	64%	40%	100%	67%
Não	36%	60%	0%	33%

Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE *Campus* Cascavel

Ao observarmos as porcentagens entre as categorias, os acadêmicos formandos dos cursos de engenharias apontaram 100%, que a carga de estudos está mal distribuída. Esses fatores nos levam a pensar que no último ano de graduação, os alunos estão em práticas de estágios, produção de trabalho de conclusão do curso e com disciplinas curriculares em andamento. Na sequência vem os cursos da saúde, com 67% da população apontando que há problemas nas distribuições da carga de estudos e as humanas-sociais com 64% da mesma problemática. Sendo que 60% dos cursos das exatas descrevem que isso não é problema entre as turmas.

Outro fator que atinge os acadêmicos formandos é a falta de tempo para desenvolvimento das atividades extra como trabalhos, pesquisas e provas. Com o propósito de analisarmos a falta de tempo, questionamos os alunos sobre a frequência em que não conseguem contemplar as tarefas extras solicitadas pelos docentes.

TABELA 6 – TAREFAS ACUMULADAS POR NÃO POSSUIREM TEMPO DE DESENVOLVÊ-LAS NA VISÃO DOS ALUNOS FORMANDOS

<i>Qual a frequência de não ter tempo de contemplar as tarefas universitárias</i>	<i>Curso Humana-sociais</i>	<i>Cursos Exatas</i>	<i>Cursos das engenharias</i>	<i>Cursos da Saúde</i>
Diária	0%	30%	25%	5%
Semanal	83%	50%	33%	55%
Mensal	17%	20%	42%	40%

Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE *Campus Cascavel*

Ao observamos na tabela 6, acima, conseguimos visualizar que há falta de tempo diário para o desenvolvimento das tarefas, entre os cursos das exatas com 30%. Nos cursos das humanas-sociais, a frequência semanal é de 83%, nos cursos da saúde com 55%, e exatas com 50% e as engenharias 33%. Na citação mensal é as engenharias com 42% e a saúde com 40%.

Fazendo uma breve comparação entre a tabela 3, dos alunos ingressantes, e a tabela 6, dos alunos formandos, conseguimos observar que nos cursos da saúde houve uma diminuição de 29 pontos percentuais no acúmulo das tarefas diárias, em compensação, nas tarefas mensais aumentou 24 pontos percentuais. Nas demais áreas humanas-sociais houve uma queda de 8 pontos percentuais nas tarefas semanais e um aumento de 8 pontos percentuais no acúmulo das tarefas mensais; nos cursos das exatas esse índice variou com aumento de 4 pontos percentuais nas tarefas diárias e 13 pontos percentuais nas semanais, já na mensal, diminuiu para 17 pontos percentuais. Da mesma forma, nos cursos das engenharias com aumento de 5 pontos percentuais nas tarefas diárias e diminuição de 12 pontos percentuais nas semanais e 7 pontos percentuais nas mensais.

Ao questionamos a frequência com que os acadêmicos não conseguem realizar a atividade extraclasse, perguntamos quais são as maiores dificuldades quanto à incapacidade de realizar as tarefas diárias. Conforme observamos na tabela 7.

TABELA 7 – DEMONSTRATIVO DAS PROBLEMÁTICAS QUE INTERFEREM NO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES EXTRA-CLÁSSICAS DOS ALUNOS FORMANDOS

<i>Quais são as maiores dificuldades quanto a incapacidade de realizar as tarefas</i>	<i>Curso Humana-sociais</i>	<i>Cursos Exatas</i>	<i>Cursos das engenharias</i>	<i>Cursos da Saúde</i>
Espaço curto de tempo na entrega das atividades	60%	20%	36%	43%
Não compreensão do conteúdo	7%	5%	22%	17%
Falta de interesse	13%	41%	36%	26%
Outros (Falta de tempo)	20%	34%	5%	14%

Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE *Campus* Cascavel

Os que relacionam essa dificuldade ao espaço curto de tempo para a entrega das atividades são 60% nos cursos humanas-sociais, 43% nos cursos da saúde e 36% nos cursos das engenharias. Já a não compreensão do conteúdo aparece com 22% entre os cursos de engenharias e 17% nos cursos da saúde.

Não sendo os únicos fatores para a incapacidade das realizações das atividades, contribuem a falta de interesse para desenvolver os trabalhos propostos pelos docentes, em que 41% são dos cursos das exatas e 36% dos cursos das engenharias. Colaborando ainda com a falta de tempo descrito em todos os cursos, mas onde chama atenção são os cursos das exatas com 34%. Essa falta de tempo pode estar vinculada ao trabalho remunerado ou realmente ao excesso de atividades, sobrecarregando os alunos.

5.2 Os alunos da UNIOESTE e sua relação com a formação superior

Ao discutirmos o processo de formação profissional, lembramos que Mendes (2007) discute que a sociedade se constrói a partir do trabalho como uma necessidade e influencia na promoção a saúde, criando uma identidade para um fazer específico que dá prazer e sentido. Sendo que muitas vezes essa estruturação

do jovem universitário em futuro profissional pode ser dolorosa e danosa para sua vida gerando possíveis adoecimentos.

Rodrigues; Santos (2017) reforçam a afirmação de Dejours (1992) que a dificuldade está na relação homem-organização e na percepção do sentido do seu trabalho, afirmam que o trabalho em si não adocece, mas que as condições nas quais é realizado e o tipo de trabalho, contribuem para o sentimento de inutilidade. É através desse sentido que estamos traçando o perfil de adoecimento psíquico no qual os jovens da UNIOESTE, *campus* Cascavel, possam estar inseridos.

Mediante as várias problemáticas de ordem psicológica que a população universitária possa estar desenvolvendo, Rodrigues; Santos (2017) confirmam que é preciso respeitar esta pessoa que apresenta sentimentos, e são estes que, na sua gênese, afloram a forma como se percebe a autoestima e como a percepção dos outros é recebida na sua relação com o meio. Sentimentos estes que são constituídos no processo de desenvolvimento e internalizados na formação do ego, ou na percepção de incapacidade do sujeito que se inferioriza, motivado por experiências passadas, ou supervaloriza-se como forma de ter um poder compensatório diante do sofrimento e desafio, ocasionando o adoecimento.

Por intermédio da pesquisa realizada neste campus universitário, onde voltamos o nosso olhar para a saúde dos alunos, conseguimos identificar que as maiores problemáticas de saúde mental entre os acadêmicos formandos, demonstradas na tabela 8 abaixo, são: Ansiedade com 38,4% no curso de Engenharia Agrícola; Estresse no curso de Ciências Biológicas licenciatura com 36,8%; Depressão com 22,5% no curso de Pedagogia matutina; SPA (síndrome do pensamento acelerado) com 13,6% no curso Engenharia Civil; Transtorno de humor no curso de Farmácia com 9,4%; Pânico com 7,1% no curso de Letras; Transtorno de Bipolar com 4,8% no curso de Pedagogia noturna; Transtornos Sociais com 5,7% no curso de Administração e transtorno bipolar no curso de Pedagogia noturno com 4,8%.

TABELA 8 – SAÚDE PSICOLÓGICA DOS ALUNOS FORMANDOS

Saúde psicológica se possui algum diagnóstico (Formandos)	Administração	Ciências Biológicas Licenciatura	Ciências Biológicas Bacharel	Ciências Contábeis	Ciência de Computação	Ciências Econômicas	Enfermagem	Engenharia Agrícola	Engenharia Civil	Farmácia	Fisioterapia	Letras	Matemática	Odontologia	Pedagogia Matutina	Pedagogia Noturna
Depressão	11,4 %	8,3%	9%	10%	10,5%	6,6%	25%	7,7%	0%	12,5 %	11,2 %	14,2%	10%	9,3 %	22,5 %	4,8%
Ansiedade	22,8 %	27%	29%	32,2%	15,7%	33,3%	25%	38,4 %	31,8%	25 %	22,5 %	32,1%	20 %	31,2 %	16,1 %	14,3%
SPA (síndrome de pensamento acelerado)	5,7%	3%	6%	0%	0%	0%	0%	0%	13,6%	0%	5%	3,5 %	10 %	3,1%	0%	0%
Pânico	0%	3%	3%	6,4%	0%	0%	0%	0%	0%	3,1 %	3%	7,1 %	0%	3,1%	3,2%	0%
Transtornos sociais	5,7%	3%	3%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	3,5 %	0%	0%	3,2%	0%
Transtornos de humor	5,7%	3%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	9,4 %	6,2%	3,5 %	10 %	3,1%	3,2%	4,8%
Transtorno Bipolar	2,8%	3%	3%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	3,1 %	2%	0%	0%	0%	3,2%	4,8%
Estresse	11,4 %	36,8%	20,6%	22,4%	0,5%	20%	0%	23%	27,2%	12,5 %	11,2 %	25 %	10 %	21,8 %	12,9 %	14,3%
Não possui diagnóstico	34,2 %	12,9%	26,4%	29%	68,4%	40%	50%	15,3%	27,2%	34,4 %	38,9 %	10,7%	40 %	28,1 %	35,4 %	57%

Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE Campus Cascavel

Mínimo de amostra em porcentagem (%)

Máximo da amostra em porcentagem (%)

* Esquizofrenia foi retirada de a tabela devida possuir a media de todos os cursos 0%

Como a pesquisa possui o objetivo de averiguar quais são as maiores problemáticas de saúde mental entre a população universitária por intermédio da auto declaração, também demonstramos os dados obtidos dos acadêmicos ingressantes. Na tabela 9, abaixo, observamos que: a Depressão com 13,4% no curso de Pedagogia matutino; Ansiedade 36,2% no curso de Engenharia Agrícola; Estresse se apresenta com 27,6% no curso de Ciências Biológicas Bacharel; Depressão no curso de Pedagogia noturno com 13,4%; SPA (síndrome do pensamento acelerado) com 12% no curso de ciências econômicas; Transtorno de humor no Curso de Engenharia agrícola com 9,7%; Transtorno Bipolar com 7,7% no curso de matemática; Pânico com 6,9% no curso de Odontologia; Transtornos Sociais com 4,8% no curso de Engenharia agrícola.

Conforme ressaltam Ramos-Cerqueira e Lima (2002), outro resultado indesejável encontrado na formação desta identidade profissional, é o seu adoecimento. Embora saúde mental e identidade sejam questões distintas, no campo profissional estas podem se imbricar. O enfrentamento de conflitos que surgem para o aluno ao longo de sua formação, deixa marcas em sua identidade profissional e, não raro, produzem sintomas, produzem adoecimento.

É mediante a essa preocupação de adoecimento psíquico que a UNIOESTE, *campus* Cascavel vem desenvolvendo projeto de assistência estudantil que possam amenizar estes problemas dentro da instituição. Além de projetos assistenciais, necessitamos de melhorias e implementações na clínica de atendimento estudantil.

TABELA 9 – SAÚDE PSICOLÓGICA DOS ALUNOS INGRESSANTES

Saúde psicológica se possui algum diagnóstico (ingressantes)	Administração	Ciências Biológicas Licenciatura	Ciências Biológicas Bacharel	Ciências Contábeis	Ciência de Computação	Ciências Econômicas	Enfermagem	Engenharia Agrícola	Engenharia Civil	Farmácia	Fisioterapia	Letras	Matemática	Medicina	Odontologia	Pedagogia Matutina	Pedagogia Noturna
Depressão	12,9%	12,3%	13%	0%	6,6%	4%	11,7%	7,3%	5,5%	8%	9,1%	10,5%	7,8%	10,2%	4,6%	11,9%	13,4%
Ansiedade	19,3%	30,7%	32%	22,9%	16,6%	12%	29,4%	29,2%	36,2%	24%	27,3%	26,3%	15,3%	30,7%	30,2%	23,1%	20%
SPA (síndrome de pensamento acelerado)	6,4%	5%	4,2%	0%	0%	12%	5,8%	2,4%	0%	6%	5,5%	0%	0%	5,1%	6,9%	0%	0%
Pânico	3,2%	3,9%	2,1%	0%	0%	0%	5,8%	0%	0%	4%	2%	5,2%	0%	0%	6,9%	5,9%	6,6%
Transtornos sociais	0%	2,5%	2,1%	0%	0%	0%	2,9%	4,8%	0%	4%	2%	0%	3,8%	0%	2,3%	0%	0%
Transtornos de humor	0%	2,2%	4,2%	4,5%	6,6%	0%	0%	9,7%	0%	2%	3,5%	0%	3,8%	5,1%	6,9%	3,3%	6,6%
Transtorno Bipolar	3,2%	2,5%	4,2%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7,7%	0%	0%	0%	0%
Estresse	9,6%	21,1%	27,6%	9%	13,3%	16%	14,7%	12,1%	19,4%	17%	16,2%	21%	3,8%	15,4%	23,2%	17,2%	13,4%
Não possui diagnóstico	45,1%	19,8%	10,6%	63,6%	56,6%	56%	29,4%	34,1%	38,8%	35%	34,2%	36,8%	57,8%	33,4%	18,6%	38,6%	40%

Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE Campus Cascavel

Máximo da amostra em porcentagem (%)

Mínimo de amostra em porcentagem (%)

*Esquizofrenia foi retirado de a tabela devido possuir a média 0% em todos os curso

Ao calcular a média geral obtida entre a população das turmas formandos e ingressantes, (o cálculo da média utilizado foi: $Me: s/n$, sendo que Me refere à média e S soma dos termos e N número de termos). - Conforme descrevem Silva; Grams e Silveira (2018), a média é definida como o centro da massa, ou ponto de equilíbrio, do conjunto. Ao observarmos o ponto de equilíbrio dos cursos de graduações da UNIOESTE, conseguimos observar que a diferença entre as problemáticas de ordem psíquica varia de 0,3 pontos percentuais a 2,1 pontos percentuais nas distintas problemáticas relacionadas entre os alunos formandos e ingressantes, conforme tabela 10, a seguir.

TABELA 10 – DEMONSTRATIVA DA MÉDIA DA SAÚDE PSICOLÓGICA DOS ALUNOS FORMANDOS X INGRESSANTES

<i>Média da Saúde psicológica se possui algum diagnóstico</i>	<i>Média Formando</i>	<i>Média Ingressante</i>	<i>Diferença em pontos percentuais</i>
Depressão	10,8%	8,7%	2,1
Ansiedade	26%	25%	1
SPA (síndrome de pensamento acelerado)	3,1%	3,4%	-0,3
Pânico	1,9%	2,6%	-1,1
Transtornos sociais	1,5%	1,4%	0,1
Transtornos de humor	3%	3,4%	-0,4
Transtorno Bipolar	1,3%	1,0%	0,3
Estresse	16,8%	15,8%	1

Fonte: Dados Coletados na Unioeste *campus* Cascavel
 Cálculo da Média $Me: s/n$

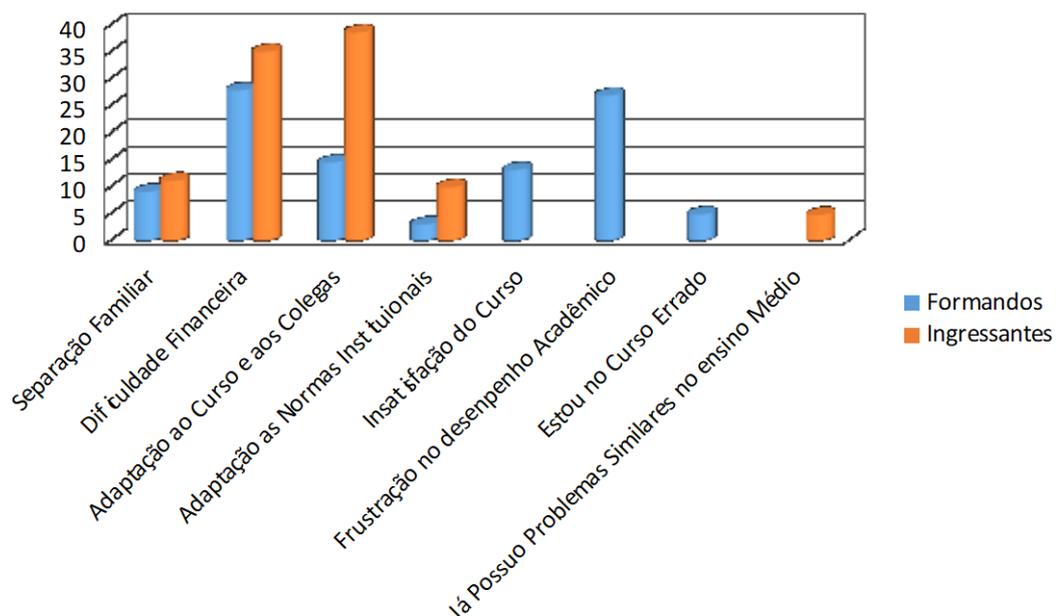
Ao analisar a tabela 10, conseguimos visualizar quais são os principais transtornos que afetam a população de jovens universitários da UNIOESTE, *campus* de Cascavel, destacando-se a ansiedade, o *stress* e a depressão. Chama a atenção os cursos de Engenharia Agrícola, Ciências Biológicas Bacharel e o curso de Pedagogia. Portanto, lembramos que esses cursos se enquadram nas categorias já citadas no tópico 5.1, como curso da área de engenharia, saúde e humanas-sociais, com os maiores índices de problemática na entrega e desenvolvimentos de

atividades extraclases, por falta de tempo, muito conteúdo acumulado e espaço curto de tempo nas entrega dos trabalho, pesquisa e atividades em geral.

Esses fatores são considerados de extrema importância para o surgimento de algum transtorno de ordem psíquica, mas conforme pode ser observado na tabela 10, não possuímos índice de agravamentos dessa problemática durante a formação profissional, mas sim os jovens ingressam na universidade predispostos a esses fatores.

Levando em consideração os problemas de ordem psíquica já citados anteriormente, fizemos um questionamento referente à outra dificuldade que os jovens enfrentam no seu percurso acadêmico, que podem estar relacionados ao desenvolvimento da depressão, ansiedade e do *stress*. Como já demonstrado pela população participante da pesquisa, as maiores dificuldades encontradas no percurso acadêmico são: a separação familiar com 10%, dificuldade financeira com 35% e a adaptação ao curso e aos colegas que variam de 15% para os alunos formandos e 40% para os ingressantes, conforme descrito no gráfico 1, abaixo.

GRÁFICO 3 - DIFICULDADES DE ADAPTAÇÃO NA VISÃO DOS FORMANDOS E INGRESSANTES



Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE Campus Cascavel

Além do conjunto de dificuldades e adoecimentos já citados, surge entre as falas dos alunos ingressantes citam-se a adaptação aos colegas e ao curso, dificuldades financeiras, separação familiar e adaptação às normas institucionais. Também que eles já possuíam essa problemática de saúde mental no ensino médio com 5%, trazendo, assim, vulnerabilidade à depressão, ansiedade e stress. Outro fator de fundamental importância entre os alunos formandos é o fato de estar no curso errado, com 5%, desta forma trazem as frustrações de não conseguirem se realizar e se identificar com a profissão em formação, e, ainda, as frustrações acadêmicas com 30%.

Daltro; Pontes (2011) citam que o aluno vivencia crise na universidade, e estão constatadas altas prevalências de distúrbios mentais entre os estudantes em todas as partes do mundo, sendo que, os distúrbios considerados não psicóticos ou Transtornos Mentais Comuns (TMC), aparecem com maior destaque, sobretudo sintomas ansiosos, depressivos e morbidades psicológicas leves.

5.3 O que diz a UNIOESTE *campus* de Cascavel sobre a saúde dos alunos

Sobre o período de formação profissional, Daltro; Ponde (2011), descrevem que esse momento é composto por distintos elementos subjetivos, que compõem o processo de formação, e que estão ligados ao princípio do saber: a vulnerabilidade, o desejo de cuidar, de curar, a necessidade de lidar com sentimentos de desamparo, a passagem da adolescência à vida adulta.

As interações desses elementos, muitas vezes estão inseridas num discurso ético humanista, que pode se constituir numa experiência de amadurecimento produtivo, sendo este amadurecimento que a instituição formadora busca oferecer durante o processo de formação. Contudo, observam que essa articulação, prioritariamente, ocorre associada a um discurso individualista, tecnicista, repleto de exigências ambientais e institucionais que dificultam ao estudante o encontro com sua singularidade de sujeito. Em vez de separar-se de suas idealizações e encontrar uma identidade que lhe permita buscar suas possibilidades individuais de transcender aos efeitos do contexto, submete-se a condições de exigências no meio onde se encontram inseridas.

Por intermédio dessas condições de exigências institucionais, ao analisarmos as respostas dos questionários dos coordenadores/docente e da representação institucional, estes demonstraram que os maiores índices de adoecimento psíquico entre os alunos da Unioeste *campus* Cascavel, estão a depressão, ansiedade e estresse, conforme demonstrado na tabela 11, abaixo.

TABELA 11 – SAÚDE PISCOLÓGICA DOS ALUNOS NA VISÃO DA COORDENAÇÃO/DOCENTE E INSTITUCIONAL

<i>Percepção das problemáticas atingem os alunos</i>	<i>Coordenação / Docente</i>	<i>Institucional</i>
Depressão	20,2%	18%
Ansiedade	30,9%	21,1%
SPA (síndrome de pensamento acelerado)	2,3%	6,8%
Pânico	5,9%	11,1%
Transtornos sociais	4,7%	8,6%
Transtornos de humor	3,5%	6,8%
Transtorno Bipolar	3,5%	6,2%
Estresse	28,5%	18%

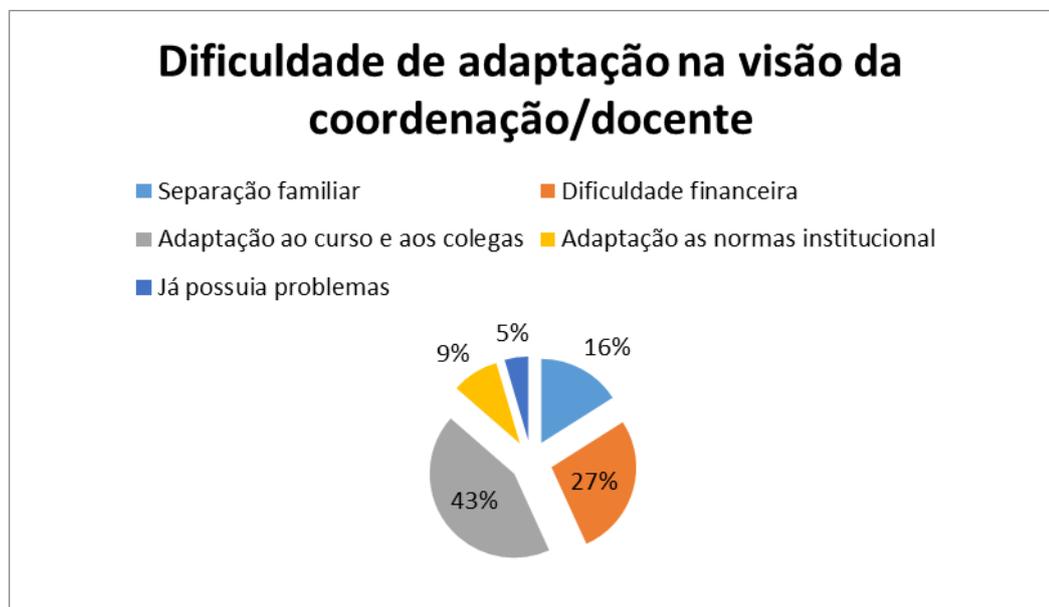
Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE Campus Cascavel

Ao observar que esses índices acima citados na tabela 11, vemos que eles são mencionados em valores aproximados pelos dos alunos formandos e dos ingressantes nas tabelas anteriores já discutidas. Para a coordenação/docente e membros da instituição que trabalham diretamente em contato com os alunos na assistência estudantil, estes relatam praticamente o mesmo nível de *stress*, depressão e ansiedade que está atingindo a classe universitária de UNIOESTE, *campus* Cascavel.

Na compreensão da coordenação/docente e institucional, o jovem acadêmico deste campus universitário possui de 21,1% a 30,9% de ansiedade, 18% a 28,5% de estresse e 18% a 20,2% de depressão. Sendo que essas problemáticas também foram citadas pelos estudantes com Ansiedade 10,8 a 8,7%, Estresse 16,8% a 15,8% e Depressão 10,8 a 8,7%. Isso demonstra que tanto os alunos quanto os coordenadores/docentes e a instituição universitária percebem os índices dessas problemáticas.

Além do questionamento sobre a saúde psicológica, abordamos a coordenação/docentes de disciplina sobre as maiores dificuldades que os alunos enfrentam durante a graduação e durante a permanência na universidade, os mesmos citam a adaptação ao curso e aos colegas com 43%, dificuldade financeira com 27%, separação familiar com 16%, adaptação às normas institucional com 9% e com 5% já possuíam e problemas similares anteriormente. Sendo, para estes, os fatores que mais influenciam na permanência universidade e desenvolvimento acadêmico saudável.

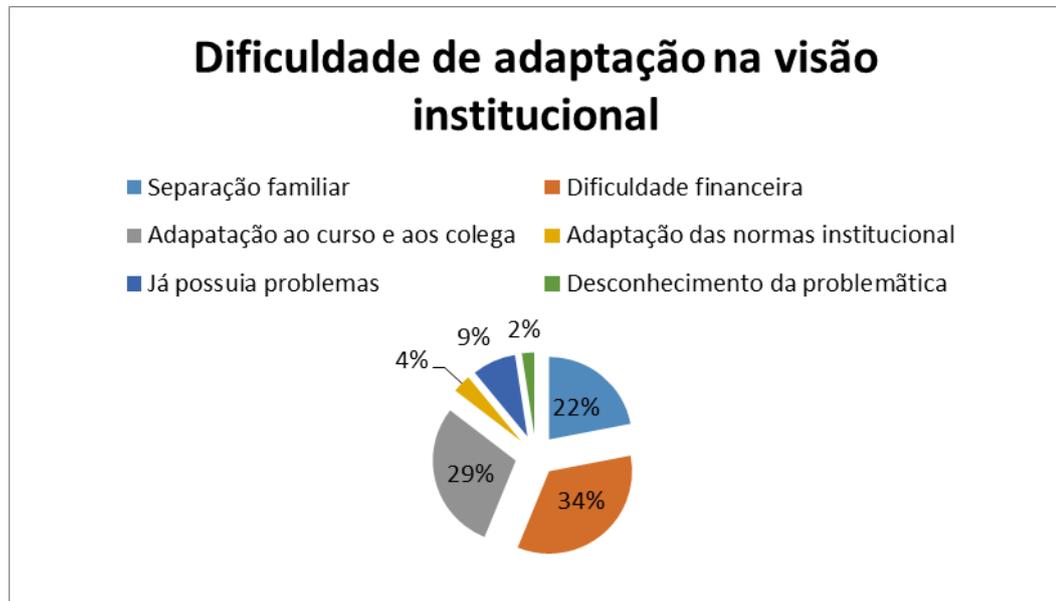
GRÁFICO 4 – FATORES QUE DIFICULTAM A ADAPTAÇÃO E A PERMANENCIA DOS JOVENS NA UNIVERSIDADE NA VISÃO DA COORDENAÇÃO/DOCENTE



Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE Campus Cascavel

Para conseguirmos traçar o perfil dos nossos jovens universitários mediante a sua real dificuldade de adaptação no percurso da formação profissional, questionamos os profissionais responsáveis pelo atendimento e apoio estudantil sobre esse problema de adaptação. Os dados obtidos com a amostra instrucional também se voltam à dificuldade financeira com 34%, adaptação ao curso e ao colega com 29%, separação familiar com 22%, já possuíam problemas similares anteriormente com 9%, adaptação às normas institucionais em 4% e desconhece essa problemática entre os acadêmicos com 2%. Conforme conseguimos observar no gráfico 3 abaixo.

GRÁFICO 5 - FATORES QUE DIFICULTAM A ADAPTAÇÃO E A PERMANENCIA DOS JOVENS NA UNIVERSIDADE NA VISÃO INSTITUCIONAL



Fonte: Dados Coletados na UNIOESTE Campus Cascavel

Diante dos dados obtidos, conseguimos perceber que a separação familiar, dificuldade financeira e adaptação às normas institucionais e aos colegas são as situações que mais atingem a população de universitários deste *campus*. Conforme Cerchaira; Caetano e Faccenda (2005), os índices de atendimento no serviço de saúde universitário, têm, na ansiedade e medos, um total de 35% dos sintomas; depressão e solidão, 21% e dificuldades nas relações sociais, 18%. Demonstraram, ainda, que a frequência de distúrbios psiquiátricos na população universitária variou de 6% a 29%. Mediante os índices apresentados pelos autores, a instituição de ensino UNIOESTE, *campus* Cascavel, onde a pesquisa foi realizada, encontra-se dentro das médias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ingresso na universidade representa para os jovens um período em que os estudantes se deparam com novas demandas sociais, acadêmicas e culturais. Essas demandas podem influenciar na vivência do estudante, em situações estressantes para muitos deles. Desta maneira, os acadêmicos podem encontrar dificuldades para lidar com as situações que se apresentam e necessitam de auxílio para manter interações sociais satisfatórias.

Na busca da compreensão dessas interações sociais, com o propósito de entender se os jovens da UNIOESTE *campus* Cascavel estão adoecendo na permanência da formação profissional ou se esses jovens ingressam já com alguma problemática de saúde mental na universidade, através de auto declaração, é que este trabalho foi sendo delineado.

Para que possamos compreender esses fatores, a população da pesquisa foi de 363 alunos ingressantes e 252 alunos formandos no total de 605 acadêmicos de todos os cursos de graduação com a exclusão dos formandos de medicina. As demais turmas não fizeram parte de pesquisa.

Ao analisarmos as respostas dos universitários participantes, conseguimos identificar que no decorrer do processo de formação profissional os jovens avaliam que a carga horária dos cursos de graduação está mal distribuída.

Segundo a visão dos participantes da pesquisa, as disciplinas, os estágios e as demais atividades do curso de graduação se encontram mal distribuídas, essa visão aumenta no decorrer do processo de formação profissional em 6,75 pontos percentuais. Levando em consideração a turma de Ciências Biológicas Licenciatura com 21 participantes da pesquisa, os 61% dos ingressantes que descrevem que essas problemáticas equivalem a 13 alunos, da mesma forma os 67,75% equivalem a 14 alunos. Esse aumento de 6,75 pontos percentuais demonstra que no decorrer dos 4 anos de graduação 1 aluno a mais concorda que a formulação da grade curricular está mal distribuída, isso nos leva a concluir que as grades curriculares necessitam de reformulações.

Outra relevância da pesquisa foi que os acadêmicos comprovaram que eles não conseguem desenvolver as atividades propostas pelos docentes e as demais atividades universitárias como provas, trabalhos e pesquisas no período da permanência na universidade, indiferente o período que se encontram.

O que nos chama a atenção é que 55,75% dos alunos ingressantes citam essa problemática existente no início do processo de formação, e os mesmos 55,25% são relatados pelos formandos, então entendemos que isso não é problema de adaptação dos alunos ingressantes, mas sim uma possível falha no planejamento das atividades acadêmicas propostas.

Chama-nos a atenção que o espaço curto de tempo para a elaboração e desenvolvimento das atividades proposta pelos docentes de disciplinas, o índice de 31,5% dos ingressantes que citaram esse fator tempo, aumenta para 39,75% entre os formandos. Isso comprova que, no decorrer do processo de formação acadêmica, com o aumento das atividades com estágios e horas extracurriculares os acadêmicos possuem mais dificuldades na elaboração e execução das suas atividades obrigatórias.

Um fator positivo que comprova o amadurecimento cognitivo desses alunos é a não compreensão do conteúdo, onde há uma queda de 14,75 pontos percentuais e o excesso de conteúdo também decrescem 5,25 pontos percentuais, o que confirma que os jovens universitários aprendem a se organizar quanto às atividades acadêmicas.

Já a falta de interesse aumenta significativamente, 11,5 pontos percentuais de diferença, entre as turmas de formandos e ingressantes. Essa falta de interesse vem associada com a dificuldade financeira, adaptação ao curso e aos colegas e também a separação familiar. Nas turmas de formandos surgiu a problemática de insatisfação do curso, estar no curso errado e as frustrações no desempenho acadêmico, que são grandes fatores que possam estar associado ao adoecimento dos jovens universitários.

Através dessas frustrações e dificuldades surge a preocupação com a saúde mental dos acadêmicos da Unioeste *campus* Cascavel, em que necessitamos compreender se toda a Ciência que desenvolvemos no meio acadêmico acaba

gerando problemas de ordem psíquica nos alunos ou se eles já se inserem na universidade com pré-disposição ao adoecimento.

Após todos esses questionamentos feitos aos acadêmicos através de questionário estruturado, o que nos mostra a realidade dos alunos desse *campus* universitário, é que 89,25% dos ingressantes relatam que não possuem problemas de saúde física, da mesma forma que os formandos, com o índice de 82,75%. Isso demonstra que possuímos grande parte de nossa população universitária saudável fisicamente, sem doenças cardíacas, respiratória e demais morbidades.

A partir dessa perspectiva, em que possuímos mais de 80% dos jovens saudáveis, iremos analisar o questionamento feito sobre sua saúde mental/psicológica, se os mesmos possuem algum diagnóstico como depressão, ansiedade e demais problemas de ordem mental existente através de auto declaração dos acadêmicos.

Ao analisarmos os dados obtidos na pesquisa sobre o possível adoecimento dos jovens universitários durante a sua formação profissional, conseguimos entender que esses universitários já estão ingressando na universidade com predisposição ao adoecimento, o aumento existente no período de formação profissional não é significativo, para que possamos afirmar que a universidade provoca o adoecimento desses jovens.

Grande porcentagem desses alunos está ingressando com diagnóstico de depressão (8,7%), ansiedade (25%) e estresse (15,8%). Assim, a UNIOESTE *campus* Cascavel deve investir em ações e políticas públicas de promoção da saúde, para o acolhimento e prevenções de possíveis agravos de ordem mental aos alunos que ingressam na universidade com essa problemática. Visando contribuir para promoção de comportamentos saudáveis entre a população de estudantes e prevenindo que os mesmos tentem ceifar a própria vida ainda muitos jovens.

Oliveira (2017) relaciona em sua pesquisa que temos que levar em consideração que a presença de estresse, depressão e ansiedade entre estudantes universitários é altamente prevalente, representando um risco à saúde física e mental destes indivíduos, podendo interferir diretamente no seu crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional, ao produzir efeitos negativos que influenciam desde seus hábitos de vida cotidianos até seu estado de saúde geral,

fato que pôde ser verificado por meio da associação entre o comportamento de risco mais evidente entre os universitários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, A. M. Sucesso no ensino superior: Uma revisão e conceptualização. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, v. 4, p. 132-141, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.17979/reipe.2017.4.2.3207>>
- ARAÚJO, A. B.; SILVA, M. A. Ciência, tecnologia e sociedade; trabalho e educação: possibilidades de integração no currículo da educação profissional tecnológica. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p.99-112, jan./abr 2012.
- ANDRADE et al. Validade de construto e consistência interna da escala de práticas no lazer (EPL) para adultos. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 519-528, 2018.
- ANTUNES, G. A.; MARTINS, S. O. Qualidade de vida em estudantes de fonoaudiologia em diferentes níveis de graduação. **Instituto de Ciências Biológicas** projeto de pesquisa da Universidade Passo Fundo – RS, 2018.
- ALMONDES, K. M.; ARAÚJO, J. F. Padrão do ciclo sono-vigília e sua relação com a ansiedade em estudantes universitários. **Editora Universidade Federal do Rio Grande do Norte**. Estudos de Psicologia, v.8, p.37-43, 2003.
- ALVES, F. Caracterizando Modelos mentais e pedagógicos acerca do fenômeno da fotossíntese. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2001.
- ARRUDA, M. C. C. et al. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n.3, p. 14-24, set. / dez. 2000.
- ARIÑO, D. O.; BARDAGI, M. P. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. **Revista Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v 12, p. 44-52, Setembro-Dezembro de 2018.
- AZEVEDO, C. E. F. et al. A Estratégia de triangulação: objetivos, possibilidades, limitações e proximidades com o pragmatismo. **EnEPQ**. Brasília – DF, 2013.
- BALINHAS, V. L. G. et al. Imagens da docência: um estudo sobre o processo de trabalho e mal-estar docente. **Revista Mal-Estar Subj**, Fortaleza, v. 13, n. 1-2, p. 249-270, jun. 2013.
- BARROS, R. M. R. et al. Inclusão digital e educação: emergências do mundo globalizado. **IV COLBEDUCA e II CIEE**, Braga e Paredes de Coura, Portugal, p. 01-16, 2018.
- BASTOS, E. M. et al. Sofrimento psíquico de universitário: uma revisão integrada. **Revista Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 17681-17694, out. 2019.
- BESERRA, E. P. Pedagogia freireana como método de prevenção de doenças. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16 (Supl. 1), p. 1563-1570, 2011.

BENINCASA, M.; REZENDE, M. M. Tristeza e suicídio entre adolescentes: fatores de risco e proteção. **Boletim de Psicologia**, 124, p. 93-110, 2006.

BRASIL. Portaria n.1.876, de 14 de agosto de 2006. Define diretrizes nacionais de prevenção ao suicídio. **Diário Oficial da União**, 2006.

BRASIL. Disponível em: <portal.mec.gov.br/docman/julho-2016-pdf/46041-pces338-16-pdf/file>. Acesso em: 10/2018.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BONIFÁCIO, S. P. et al. Investigação e manejo de eventos estressores entre estudantes de psicologia. In: **Revista. bras. ter. cogn.** v.7, n.1, p.15-20, 2011.

BORGES, M. A. G. O profissional da informação: somatório de formações, competências e habilidades. In: **Revista Jardim da Informação e do Conhecimento**. Florianópolis, Brasil. v.1, n.1, p. 55- 69, 2018.

CASTRO, R. V.; ALMEIDA, L. S. Ser estudante no ensino superior: observatório dos percursos académicos dos estudantes da UMinho. In: L. S. Almeida, & R. V. Castro (Orgs.), **Ser estudante no ensino superior: O caso dos estudantes do 1º ano**. Braga: Universidade do Minho, Centro de Investigação em Educação, p. 1-14, 2016.

CASTRO, V. R. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma Instituição Pública de Ensino Superior. **Revista Gestão em Foco**, Edição nº 9, p. 380-401, 2017.

CANDAU, V. Construir ecossistemas educativos: reinventar a escola. In: Candau, V. M. **Reinventar a Escola**. Petrópolis: Vozes, p. 11-46, 2000.

CERCHIARI, E. A. N.; CAETANO. D.; FACCENDA. O. Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública. In: **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, p. 252-265, 2005.

COSTA et al. Qualidade de vida e bem-estar espiritual em universitários de psicologia em estudo. vol. 13, n. 2, p. 249-255, **Revista Universidade Estadual de Maringá**, Maringá - PR, 2008.

COSTA et al. O uso da simulação no contexto da educação e formação em saúde e enfermagem: uma reflexão acadêmica, **Revista espaço para a saúde**, Londrina, v. 16, p. 59-65, jan/mar 2015.

DALTO, M. R.; PONDE, M. P. Atenção psicopedagógica no ensino superior: uma experiência inovadora na graduação de medicina. In: **Revista Construção Psicopedagógica**, São Paulo-SP, Vol. 19, n.18, pg. 104-123, 2011.

DAUDT, C. V. G. Tese Doutorado: **Fatores de risco de doenças crônicas não transmissíveis em uma comunidade universitária do Sul do Brasil**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Porto Alegre - RS, 2013.

DAMETTE, J.; SOLIGO, V. Sujeito e disciplinamento: Contribuições de Michel Foucault para pensar a Educação Formal. In: **Revista travessias**, Cascavel – PR, Vol. 3, n.1, 2009.

DEITOS, G. M. P. Arquitetura escolar: um olhar para o ensino de ciências. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel-PR, 2017.

DEMO, P. Universidade e qualidade: indagação em torno da qualidade formal e política da formação universitária. **Educação Brasileira**, Brasília, v. 12, n. 25, p. 61-81, 1990.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2º ed. São Paulo: 1998.

D'ELIA, C. A. Indicadores de exposição a fatores de risco e proteção à saúde escolar. **Dissertação (Mestrado Em Economia)** – Fundação Getúlio Vargas, Escola de economia de São Paulo, São Paulo. 2016.

DIAS, C. M. S.; GONÇALVES, A. C. G. Práticas educativas no contexto Escolar e as manifestações dos princípios da educação ambiental. **Ambiente e Educação**, v. 10, p. 281-300, Rio Grande, 2005.

DUARTE, A. W. B. Por que ser professor? uma análise da carreira docente na educação básica no Brasil. 2012. 169f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

DRUCKER, P. **Sociedade pós-capitalista**. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

ERICKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

EL-HANI, C. N. Notas sobre o ensino de história e filosofia das ciências na educação científica de nível superior. In: **História e Filosofia da Ciência no Ensino de Ciências: Da Teoria à Sala de Aula**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2006. p. 3-21.

ESTEVE, J. M. Escenarios del presente e interrogantes para la construcción del futuro. In: MEDRANO, Consuelo Vélez de; VAILLANT, Denise. Aprendizaje y desarrollo profesional docente. **Madrid: Santillana**. p. 17-27, 2009.

ESTEVES, D et al. Nível de atividade física e hábitos de vida saudável de universidade Portugueses. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte**, vol. 12, núm. 2, p. 261-270 Universidad de Las Palmas de Gran Canaria Las Palmas de Gran Canaria, España, 2017.

FAYARD, P. La sorpresa da Copérnico: el conocimiento gira al redor del público. **Alambique Didáctica de las Ciencias Experimentales**, n. 21, ano VI, p. 9-16. jul. 1999.

FERNANDES, J. A. M.; RIBEIRO, O. C. F; BORTOLETO, M. A. C. Lazer e espaços públicos, **Licere**, Belo Horizonte, v.19, n.3, set/2016.

FLICK, U. **Método de pesquisa: Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artemed, 2009.

FREITAS, L. M. S. M. et al. Estilo de vida associado a faixa etária de acadêmicos da Universidade Federal de Rondonópolis, MT. **Editora Biodiversidade** - V.18, N1, 2019.

FRIGOTTO, G. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. **Revista Educação e Sociedade [online]**, Campinas, vol. 28, n. 100, Número Especial, p. 1.129-1.152, out. 2007.

FRONZA, K. R. K. Repercussões sociais decorrentes do avanço científico e tecnológico: manifestações curriculares resultantes da intervenção docente. 455 f. **Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica)**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

FONAPRACE. **Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Instituições Federais de Ensino Superior**: Relatório Final da Pesquisa. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. FONAPRACE, Brasília, 2004.

FONTES, A. C. D.; VIANNA, R.P.T. Prevalência e fatores associados ao baixo nível de atividade física entre estudantes universitários. **Revista Bras Epidemiol**, vol 12(1): p. 20-9, 2009.

FORATTINI, C. D; LUCENA, C. Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. **Laplage em Revista (Sorocaba)**, vol.1, n.2, p.32- 47, mai.- ago. 2015.

GASPARINI, S. M. et al. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

INEP. **Evolução da educação superior - graduação: 1980-1998**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 1999.

INEP. **Censo da educação superior 2012: resumo técnico**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2014. http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2016.pdf

JARDIM, P. D. Educação em Saúde com adolescentes: uma experiência acadêmica na Estratégia Saúde da Família. **Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente/ULRJ**. v. 9, n. 4 – Out/Dez 2012.

KUHN, T. S. A. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

LAMPERT, E. **Universidade docência globalização**. Porto Alegre: Editora Furg, 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LEME, L. F. Atratividade do magistério para o ensino básico: estudo com ingressantes de cursos superiores da Universidade de São Paulo. 2012. 192 f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

LINSINGEN, I. CTS na educação tecnológica: tensões e desafios. In: I Congresso Ibero-americano de Ciência, Tecnologia, Sociedad y Innovación CTS+I, México D.F. **Memórias del Congreso Ibero CTS+I**, 2006. v.1, p. 1-14, 2006.

MARQUES, L. F. A saúde e o bem-estar espiritual em adultos Porto-Alegrenses. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.23, p 56-65, 2003.

MARTINZ, J. C. O. Ócio na contemporaneidade cansada. **Revista do Centro de pesquisa e formação**. Edição especial, p 35 – 44, 2018.

MINAYO, M. C. S. et al. **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Editora Exclusiva, 2006.

MINAYO, M. C. S.; GOMES. R. Ciência & Saúde Coletiva no contexto nacional e internacional da divulgação científica. **Revista ABRASCO** - Associação Brasileira de Saúde Coletiva. p. 2013-2022, 2015.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e Saturação em pesquisa qualitativa: Consensos e Controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v. 5, n. 7, p. 01-12, abril. 2017.

MEIRELLES, R. M. S. et al. Jogos sobre educação em saúde: limites e possibilidades. **X Congresso internacional sobre investigación em didáctica de las ciencias**. Sevilla, set 2017.

MELO, M. A.; COSTA, N. R. Desenvolvimento sustentável, ajuste estrutural e política social: as estratégias da OMS/OPS e do Banco Mundial para a atenção saúde. **Planejamento de Políticas Públicas**, 11, 49-108, 1994.

MENDES, F.; LOPES, M.J. Vulnerabilidades em saúde: o diagnóstico dos calouros de uma universidade portuguesa. **Texto Contexto Enferm.**, v. 23, n.1, p. 74-82, 2014.

MORAES, M. C. O Paradigma Educacional Emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. **Em Aberto**, Brasília, ano 16. n.70, abr./jun. 1996.

MOREIRA, M. A. Modelos Mentais. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 3, p.139-149, 1997.

MOURA et al. Qualidade de vida em universitários viajantes do interior do Ceará. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.9 n2, p. 31-39. 2018.

MOROSINI, M. Internacionalização da educação superior e qualidade. In: AUDY. J.L. **Inovação e qualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MARIANO, M. S.; MUNIZ, H. P. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental Estudos e Pesquisas em Psicologia, vol. 6, núm. 1, p. 76-88 **Universidade do Estado do Rio de Janeiro Rio de Janeiro**, 2006.

NASCIMENTO, A. S. G, et al. A Pertinência do Enfoque Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) na Educação Profissional e tecnológica. **Revista RBEPT**, Vol. 2, N. 11, 2016.

NARDELLI, G. G, et al. O perfil dos alunos ingressantes do curso da área da saúde de uma universidade federal. **Revista REAS – UFTM**, p. 1 – 13, 2013.

NÓVOA, A. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**, 2009. Disponível em: <http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf> Acesso em: 01 fev. 2019.

OLIVEIRA, D. A. Pesquisa trabalho docente na educação básica no Brasil: sinopse do survey nacional. **GESTRADO: Grupo de Estudos sobre Políticas Educacionais e Trabalho Docente**. Belo Horizonte, 2010.

OLIVEIRA, E. S. Estresse e Comportamentos de Risco a Saúde entre Estudantes Universitários. **Dissertação de Mestrado**, Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Saúde, Teresina – PI, 2017.

OLIVEIRA, D. A. Modelos y estrategias de desarrollo profesional docente: reflexiones críticas desde la realidad latinoamericana. In: Medrano, Consuelo Vélez de; VAILLANT, Denise. **Aprendizaje y desarrollo profesional docente**. Madrid: Santillana. p. 99-107, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um recurso para conselheiros**. Genebra, 2006. Disponível em: http://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf. Acesso em: 05/2018.

OSSE, C. M.; COSTA, I. I. Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. **Estudos de Psicologia**, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil. vol. 28, núm. 1, p. 115-122, 2011.

PEREIRA, A. M. S. et al. Sucesso e desenvolvimento psicológico no Ensino Superior: Estratégias de intervenção. **Análise Psicológica**, v.1, p. 51-59, 2006.

PEREIRA, P. V. V.; MATOS, L. S. Lazer como mecanismo de apropriação democrática dos espaços públicos: um estudo sobre as práticas de lazer na Estação das Docas em Belém (Pará, Brasil). **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 511-531, setembro-dezembro de 2015.

PIRES, L. A. C. Dissertação de Mestrado: **A Formação inicial de Professores dos Anos Iniciais de ensino Fundamental para Ensino de Ciências**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Comunicação e Artes/CECA, Cascavel-PR. 2017.

PETRINI, A. C. et al. Avaliação da percepção da qualidade de vida de jovens universitários: comparativo entre graduandos do turno diurno e noturno. **Revista Bras. Qualidade de vida**, Vol. 5, p. 01-08, 2013.

PORTO, A. M. S.; SOARES, A. B: Expectativas e adaptação acadêmica em estudantes universitários. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 19, p. 208-219. São Paulo, SP. 2017.

PRECIOSO, J. Educação para saúde na universidade: um estudo realizado em alunos da universidade do ninho. **Revista Eletrônica de enseñanza de las ciências**. Vol 3, 2004.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Editora Universidade Feevale – Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2013.

RAMOS–CERQUEIRA, A. T. A.; LIMA, M. C. P. A formação da identidade medica: implicações para o ensino de graduação de medicina. **Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v6, n11, p.107-16, 2002.

RESSEL, L. B. et al. Representações Culturais de Saúde, Doença e Vulnerabilidade Sob a Ótica de Mulheres Adolescentes. Esc Anna Nery. **Revista Enferm.** jul-set; v.13, p. 552-570, 2009.

RUDNICKI, T.; CARLOTTO, M. S. Formação de estudante da área da saúde: reflexões sobre a prática de estágio **Revista SBPH** v.10 n.1 Rio de Janeiro jun. 2007.

RESTREPO, A. R.; JARAMILLO, F. R.; MARÍN J. C. R. Estrés en estudiantes de medicina del Instituto de Ciencias de la Salud. **Medicina**, 1998.

SANTOS, F. M. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP. UFSCar, v.6, nº 1, p. 383-387, mai. 2012. Disponível em <http://www.reveducufscar.br>.

SANTANA, F. R. Promoção à saúde e doenças na formação profissional do enfermeiro: pesquisa socioclínica no Brasil e França. **Tese de doutorado**. Doutorado em ciências da educação. Universidade de São Paulo, SP, abril. 2016.

SAVIANI, D. A função do docente na produção do conhecimento. **Revista educação e filosofia**, p 127 – 140. Jan/Jun e Jul/Dez 1997.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 22. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2002. _____. **Metodologia do trabalho científico**. Revista e Ampliada. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, E. L.; CUNHA, M. V. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 77-82, set./dez. 2002.

SILVA, W. R Compreensão de ciência por professores em formação inicial. **Revista Rádio**, Dourados, MS, v. 12, n. 30, jul./dez. 2018.

SILVA, J. S. F.; GRAMS, A. L. B.; SILVEIRA, J. F. **Estatística**. Porto Alegre: Editora ABDR, 2018.

SOARES, A. B et al. Expectativas acadêmicas de estudantes nos primeiros anos do Ensino Superior. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 70, p. 206-223 2018.

SOUZA, J. G.; JULIASZ, P. C. S. A prática docente: A atividade como constructo do saber do professor de Geografia. **6º Encontro Regional de Ensino de Geografia**. Ensinar Geografia com a Diferença e com a Política Universidade Estadual de Campinas, 19 a 21 de outubro de 2018.

TEIXEIRA, E. S.; FREIRE Jr., O.; EL-HANI, C. N. A influência de uma abordagem contextual sobre as concepções acerca da natureza da ciência e estudantes de Física. **Revista Ciência & Educação**, v. 15, n. 3, p. 529-556, 2009.

TELES, D. A; SOARES, M. P. S. B. Educação de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades na alfabetização. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 9, n. 1, jan./jun. 2016.

UNIOESTE. Disponível em: <https://www5.unioeste.br/portal/institucional/apresenta%C3%A7%C3%A3o> 06 Julho 2017 acesso em: 17 de outubro de 2018.

VASCONCELLOS, C. dos S. Metodologia Dialética em Sala de Aula. In: **Revista de Educação AEC**. n. 83, Brasília: abril de 1992.

VAILLANT, D. Políticas para un desarrollo profesional docente efectivo. In: MEDRANO, Consuelo Vélez de; VAILLANT, Denise. **Aprendizaje y desarrollo profesional docente**. Madrid: Santillana. p. 29-37, 2009.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006.

ZLUHAN, M. R.; RAITZ, T. R. A educação em direitos humanos para amenizar os conflitos no cotidiano das escolas. **Revista bras. Estud. pedagog**, Brasília, vol. 95, n. 239, p. 31-54, jan./abr. 2014.

APÊNDICE 1

QUESTIONARIO 01 (FORMANDOS)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**Título do projeto:** A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ: UM OLHAR PARA A SAÚDE DO ALUNO

1) Identificação:

- a) Curso de Graduação: _____
- b) Idade: _____
- c) Sexo: () Feminino () Masculino
- d) Frequenta alguma religião: () sim () não
- e) Cor: () Branco(a) () Pardo(a) () Negro(a) () Amarelo(a) () Indígena
- f) Estado civil: () Casado () Solteiro () União consensual () Outros ____
- g) Mora com a família () com companheiro(a) () sozinho ()

2) Sobre sua saúde física

- () Não tenho problemas aparentes
- () Possui diagnostico de _____

3) Pratica atividades físicas com frequência

- () Sim. Quantas vezes na semana _____
- () Não.

4) Sobre a qualidade do sono

- () Não tenho problemas
- () Possuo insônia esporádica
- () Sou ansioso mas durmo sem uso de medicamento
- () Só consigo dormir com uso se medicamento

5) Sobre a saúde psicológica possui algum diagnóstico (se houver necessidade pode ser assinalada mais que uma alternativa):

- () Depressão
- () Ansiedade
- () SPA (síndrome de pensamento acelerado)
- () Pânico
- () Transtornos sociais
- () Transtornos de humor
- () Transtornos Bipolar
- () Esquizofrenia
- () Estresse

- Não possuo diagnóstico
- 6) Em situação de stress, frustrações e separações o que mais te acalma (se houver necessidade pode ser assinalada mais que uma alternativa).
- Nunca passei por isso
- Faço uso de bebidas alcoólicas. Diariamente Socialmente
- Faço uso de drogas ilícitas. Qual _____ Diariamente sim não
- Somente faço uso de drogas socialmente
- Faço uso de remédios controlados
- Possuo válvulas de escape como: Sexo Religião música Dança
- Idealizo o suicídio
- Já tentei suicídio
- 7) Em relação ao Tabagismo:
- Fuma ____ cigarro por dia
- Não fuma diariamente
- Deixou de fumar há pelo menos um mês
- Nunca fumei
- 8) Qual sua maior dificuldade no decorrer da Graduação (se houver necessidade pode ser assinalada mais que uma alternativa)
- Separação familiar
- Dificuldade Financeira
- Adaptação ao curso e aos colegas
- Adaptação às Normas Institucionais
- Insatisfação com o curso
- Frustração com o desempenho acadêmico
- Estou no curso errado (não era o curso que gostaria de ter feito)
- 9) Você se sente cansado com frequência?
- sim
- Não
- 10) Em relação as exigências quantitativas da Universidade:
- a) A carga de estudos se acumula em sua visão por ser mal distribuída?
- sim não
- b) Com que frequência vocês não têm tempo para completar todas as tarefas (trabalhos, provas, pesquisas, etc.) da Universidade?
- Diária Semanal Mensal
- c) Quais são as maiores dificuldades quanto a incapacidade de realizar as tarefas (trabalhos, provas, pesquisas, etc.) universitárias?

- Espaço curto de tempo na entrega
- Não compreensão do conteúdo
- Falta de interesse
- outros _____

11) Se tratando de justiça e respeito:

a) Os conflitos entre os universitários são resolvidos de uma forma justa?

- Sim Não

b) Os seus pedidos de ajuda quanto as suas necessidades psicológicas foram tratadas de uma forma séria pela gestão?

- Sim Não- Justifique: _____

12) Durante sua permanência na universidade o que mais levou ao constrangimento ou a vontade de desistir do curso?

- Não passei por isso
- Colegas de turmas
- Dificuldades inerentes ao curso
- Outros _____

13) Durante a universidade surgiu alguma gravidez indesejada?

- sim Ela foi mantida
- interrompida
- não

14) Em relação aos sentimentos/afetividade

- Tenho sentimento de solidão
- Tenho sentimento de tristeza
- Expresso com facilidade a minha afetividade
- Tenho dificuldade de expressar a minha afetividade
- Sofro muito para me separar das coisas que tenho ou das pessoas que eu gosto

15) Lazer/espiritualidade

Lazer

- a) Não tenho tempo para atividades de lazer
- b) Pratico atividade de lazer (cinema/teatro/música/dança/leitura não escolar/bares, etc). Quantas vezes por semana _____

Espiritualidade

- a) Não sou praticante de religiões ou filosofias espirituais
- b) Sou praticante de religiões ou filosofias espirituais. Quantas vezes por semana ____

APÊNDICE 2

QUESTIONARIO 02 (INGRESSANTES)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Título do projeto: A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ: UM OLHAR PARA A SAÚDE DO ALUNO

- 1) Identificação:
 - a) Curso de Graduação: _____
 - b) Idade: _____
 - c) Sexo: () Feminino () Masculino
 - d) Frequenta alguma religião () sim () não
 - e) Cor: () Branco(a) () Pardo(a) () Negro(a) () Amarelo(a) () Indígena
 - f) Estado civil: () Casado () Solteiro () União consensual () Outros _____
 - g) Mora com a família () com companheiro(a) () sozinho ()

- 2) Sobre sua saúde física.
 - () Não tenho problemas aparentes
 - () Possui diagnostico de _____

- 3) Pratica atividades físicas com frequência?
 - () Sim. Quantas vezes na semana _____
 - () Não.

- 4) Sobre a qualidade do sono.
 - () Não tenho problemas
 - () Possuo insônia esporádica
 - () Sou ansioso mas durmo sem uso de medicamento
 - () Só consigo dormir com uso se medicamento

- 5) Sobre a saúde psicológica possui algum diagnostico (se houver necessidade pode ser assinalada mais que uma alternativa):
 - () Depressão
 - () Ansiedade
 - () SPA (síndrome de pensamento acelerado)
 - () Pânico
 - () Transtornos sociais
 - () Transtornos de humor
 - () Transtornos Bipolar
 - () Esquizofrenia
 - () Estresse

- () Não possui diagnostico
- 6) Em situação de Stress, frustrações e separações o que mais te acalma (se houver necessidade pode ser assinalada mais que uma alternativa).
- () Nunca passei por isso
- () Faço uso de bebidas alcoólicas. () diariamente () Socialmente
- () Faço uso de drogas ilícitas. Qual _____ Diariamente () sim () não
- () Somente faço uso de drogas socialmente
- () Faço uso de remédios controlados
- () Possuo válvulas de escape como: () Sexo () Religião () música () Dança
- () Idealizo o suicídio
- () Já tentei suicídio
- 7) Em relação ao Tabagismo:
- () Fuma ____ cigarro por dia
- () Não fuma diariamente
- () Deixou de fumar há pelo menos um mês
- () Nunca fumei
- 8) Qual sua maior dificuldade no ingresso da Graduação (se houver necessidade pode ser assinalada mais que uma alternativa).
- () Separação familiar
- () Dificuldade Financeira
- () Adaptação ao curso e aos colega
- () Adaptação das Norma Institucional
- () Já possuía problemas similares no ensino médio
- 9) Você se sente cansado com frequência?
- () sim
- () Não
- 10) Em relação as exigências quantitativas da Universidade:
- a) A carga de estudos se acumula em sua visão por ser mal distribuída?
- () sim () não
- d) Com que frequência vocês não têm tempo para completar todas as tarefas (trabalhos, provas, pesquisas, etc.) da Universidade?
- () Diária () Semanal () Mensal
- e) Quais são as maiores dificuldades quanto a incapacidade de realizar as tarefas (trabalhos, provas, pesquisas, etc.) universitárias?
- () Espaço curto de tempo na entrega
- () Não compreensão do conteúdo

Falta de interesse

outros _____

11) Se tratando de justiça e respeito:

c) Os conflitos entre os alunos da universidade são resolvidos de uma forma justa?

Sim Não

d) Os seus pedidos de ajuda quanto as suas necessidades psicológicas foram tratadas de uma forma séria pela gestão?

Sim Não- Justifique: _____

Durante sua permanencia na universidade o que mais levou ao constrangimento ou a vontade de desistir do curso?

Não passei por isso

Colegas de turmas

Dificuldades inerentes ao curso

Outros _____

12) Nos meus relacionamentos durante o ensino médio surgiu alguma gravidez indesejada?

sim Ela foi mantida

interrompida

não

13) Em relação aos sentimentos/afetividade

Tenho sentimento de solidão

Tenho sentimento de tristeza

Expresso com facilidade a minha afetividade

Tenho dificuldade de expressar a minha afetividade

Sofro muito para separar das coisas que tenho ou das pessoas que eu gosto

14) Lazer/espiritualidade

Lazer

a) Não tenho tempo para atividades de lazer

b) Pratico atividade de lazer (cinema/teatro/música/dança/leitura não escolar/bares, etc). Quantas vezes por semana

Espiritualidade

c) Não sou praticante de religiões ou filosofias espirituais

b) Sou praticante de religiões ou filosofias espirituais. Quantas vezes por semana ____

APÊNDICE 3

QUESTIONARIO 03 (COORDENAÇÃO E DOCENTES)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Título do projeto: A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ: UM OLHAR PARA A SAÚDE DO ALUNO

1) Identificação:

- a) Coordenação Docentes
- b) Idade: _____
- c) Sexo: Feminino Masculino
- d) Frequenta alguma religião sim não
- e) Cor: Branco(a) Pardo(a) Negro(a) Amarelo(a) Indígena
- f) Estado civil: Casado Solteiro União consensual Outros _____
- g) Mora com a família com companheiro(a) sozinho

2) O que você sabe sobre o sono dos discentes

- Não tenho problemas em sala de aula
- Esporadicamente, os alunos estão com sono em sala de aula.
- Alunos ansiosos que relatam que dormem sem uso de medicamento
- Alunos relatam dormir somente com uso de medicamento

3) Sobre a saúde psicológica dos Universitários?

- Não tenho conhecimento de alunos com diagnóstico de transtorno mental em sala
- Tenho alunos com diagnóstico: _____
- Estes fazem uso de medicamento sim não não possuo a informação
- Os problemas não chagam até mim

4) Em situação de Stress, frustrações, separações ou situações relacionadas, o que mais é observado nos acadêmicos (se houver necessidade pode ser assinalada mais que um tópico).

- Nunca observei isso em sala
- Uso de bebidas alcoólicas. Diariamente Socialmente
- Uso de drogas ilícitas. Qual _____ Diariamente sim não
- Uso de drogas socialmente
- Desconheço essas informação
- Uso de remédios controlados
- Usam válvulas de escape como: Sexo Religião música Dança
- idealizam o suicídio
- _____) Número de alunos que você soube que já tentaram suicídio

- 5) Em relação ao Tabagismo:
- (_____) Quantos alunos em média fumam em sala de aula.
 - () Não tenho problema com fumo diariamente em sala.
 - () Não possuo essa informação
- 6) Qual a maior dificuldade percebida nos alunos da Graduação (se houver necessidade pode ser assinalada mais que um tópico)?
- () Separação familiar
 - () Dificuldade Financeira
 - () Adaptação ao curso e aos colegas
 - () Adaptação das Normas Institucionais
 - () Relatos que já possuíam problemas similares no ensino médio
 - () Outros: _____
- 7) Em sua percepção quais as problemáticas que mais atingem nossos alunos:
- () Depressão
 - () Ansiedade
 - () SPA (síndrome de pensamento acelerado)
 - () Pânico
 - () Transtornos sociais
 - () Transtornos de humor
 - () Transtornos Bipolar
 - () Esquizofrenia
 - () Estresse
- 8) Em caso de um jovem necessitar de ajuda, como essas informações chegam até vocês.
- () Próprio jovem procura auxílio
 - () Familiares ou parentes
 - () Colegas de turmas
 - () Outros: _____
- 9) O mesmo é encaminhado para atendimento na Universidade?
- () Sim () Não - Justifique: _____
- 10) Chegou a perder algum aluno por suicídio?
- () sim. Quantos você lembra: _____
 - () Não
 - () desconheço a informação
- 11) Chegamos a perder algum aluno por suicídio por outro motivo de caráter psicológico?
- Quantos _____ e quais foram os motivos _____

APÊNDICE 4

QUESTIONARIO 04 (INSTITUCIONAL)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Título do projeto: A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ: UM OLHAR PARA A SAÚDE DO ALUNO

1) Identificação:

- a) Setor: _____
- b) Idade: _____
- c) Sexo: Feminino Masculino
- d) Frequenta alguma religião sim não
- e) Cor: Branco(a) Pardo(a) Negro(a) Amarelo(a) Indígena
- f) Estado civil: Casado Solteiro União consensual Outros _____
- g) Mora com a família com companheiro(a) sozinho

2) Em relação as exigências quantitativas dos estudantes universitários

- a) Na sua opinião, a carga de estudos dos universitários esta fora do que eles poderiam realizar com qualidade?

Sim Não

- b) Com que frequência chega até vocês alunos que reclamam que não têm tempo para completar todas as tarefas (trabalhos, provas, pesquisas, etc.) da Universidade?

Diária Semanal Mensal

- c) Quais são as maiores reclamações dos alunos quanto a dificuldade de realizar as tarefas (trabalhos, provas, pesquisas, etc.) universitárias?

Espaço curto de tempo na entrega

Não compreensão do conteúdo

Falta de interesse

outros _____

- d) Os pedidos de ajuda dos estudantes quanto as suas necessidades psicológicas são tratados de uma forma satisfatória pela gestão?

Sim Não

Justifique: _____

e) Existe uma auxilio psicológico adequado para a demanda dos cursos?

() Sim () Não

Justifique:_____

f) Existem setor de atendimento ao aluno com necessidade a apoio psicológico?

3) Em caso de um jovem necessitar de ajuda, como essas informações chegam até vocês.

() Próprio jovens procura auxílio

() Familiares ou parentes

() Colegas de turmas

() Professores

() Outros: _____

4) Qual a maior dificuldade de adaptação percebida nos alunos da Graduação (se houver necessidade pode ser assinalada mais que uma alternativa)?

() Separação familiar

() dificuldade Financeira

() Adaptação ao curso e aos colega

() adaptação das Norma Institucional

() relatos que já possuíam problemas similares no ensino médio

() Desconheço qualquer tipo de informação

5) Em sua percepção quais as problemáticas que mais atingem nossos alunos?

() Depressão

() Ansiedade

() SPA (síndrome de pensamento acelerado)

() Pânico

() Transtornos sociais

() Transtornos de humor

() Transtornos Bipolar

() Esquizofrenia

() Estresse

() Tabagismo

() Consumo de drogas ilícitas () diariamente () socialmente

() Consumo de bebida alcoólicas () diariamente () socialmente

APÊNDICE 5

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.

Título do Projeto: A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ: UM OLHAR PARA A SAÚDE DO ALUNO

Pesquisador responsável: Professor Dr. Vilmar Malacarne – (45) 3220-3277

Pesquisador colaborador: Beatriz Cristina Bencke – (45) 999938125.

beatrizbencke@hotmail.com aluna do mestrado PPGECM Unioeste Linha de pesquisa educação em ciências.

Convidamos o (a) senhor (a) a participar de nossa pesquisa que tem por finalidade o analisar o que está ocasionando a manifestação de transtornos mentais nos alunos que ingressam e concluem a formação profissional na Unioeste campus de Cascavel e, a partir disso, dialogar com a perspectiva de ensino da Ciência adotado na contemporaneidade. Para isso será aplicado um questionário semiestruturados e ou entrevistas.

Durante a execução do projeto, se em algum momento do processo ou mesmo posteriormente, durante a transcrição dos dados obtidos, vossa senhoria decida suspender a participação no projeto, poderá fazê-lo incondicionalmente. Informações e alterações podem ser solicitadas ao pesquisador responsável. Para algum questionamento, dúvida ou relato de algum acontecimento os pesquisadores poderão ser contatados a qualquer momento.

O TCLE será entregue em duas vias, sendo que uma ficará com o sujeito da pesquisa.

- O sujeito não pagará nem receberá para participar do estudo;
- Será mantido a confidencialidade do sujeito e os dados serão utilizados só para fins científicos;
- O sujeito poderá cancelar sua participação a qualquer momento;
- O telefone do comitê de ética é 3220-3092, caso o sujeito necessite de maiores informações;
- Em caso de mal-estar ou desconforto durante a resposta do questionário serão acionadas as unidades de emergência para atendimento do acadêmico.

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar da pesquisa.

Nome do sujeito de pesquisa: _____

Assinatura: _____

Eu, Beatriz Cristina Bencke, e ou Vilmar Malacarne, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante

Cascavel, _____ de _____ de 2018.

PÊNDICE 6

UNIOESTE - CENTRO DE
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ: UM OLHAR PARA A SAÚDE DO ALUNO

Pesquisador: Vilmar Malacarne

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 93749418.5.0000.0107

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde CCBS - UNIOESTE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.790.576

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa objetiva investigar as causas do adoecimento acadêmico principalmente de caráter mental, relacionando-as ao ensino de ciências. As novas demandas sociais, culturais e acadêmicas, ao entrar para a faculdade, favorecem a adesão a hábitos considerados nada saudáveis para a vida do jovem acadêmico como o consumo de álcool e de drogas. Especialmente os níveis elevados de stress, depressão e ansiedade favorecem o aparecimento de doenças psicopatológicas. A partir de pesquisa bibliográfica, a pesquisa envolverá análise de documentos em arquivo e entrevistas/aplicação de questionários com coordenadores de curso, docentes das disciplinas, pessoas que atendem no setor de Assistência Estudantil e alunos do primeiro e do último ano de cada curso.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar o que está ocasionando a manifestação de transtornos mentais nos alunos que ingressam e concluem a formação profissional na Unioeste campus de Cascavel e, a partir disso, dialogar com a perspectiva de ensino da Ciência adotado na contemporaneidade.

Objetivo Secundário:

- Estudar a relação entre exigências acadêmicas e os fatores e adoecimento dos estudantes universitários.

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 2069

Bairro: UNIVERSITARIO

UF: PR

Município: CASCAVEL

Telefone: (45)3220-3092

CEP: 85.819-110

E-mail: cep.prppg@unioeste.br

**UNIOESTE - CENTRO DE
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 2.790.576

- Verificar os tipos de transtornos mentais mais frequentes entre os alunos buscando compreender suas causas a partir da conjuntura acadêmica.
- Verificar como a Unioeste - Campus de Cascavel lida com os problemas de ordem psicológica dos alunos.
- Discutir as possíveis relações entre o ensino da Ciência, próprio da formação em nível superior, e a condição psicológica dos alunos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante e necessária.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão adequados, entretanto faltam os roteiros de entrevista, uma vez que serão entrevistados o coordenador de curso, docentes das disciplinas, pessoas que atendem no setor de Assistência Estudantil e alunos do primeiro e do último ano de cada curso, os quais deverão ser incluídos.

Recomendações:

Apresentação dos instrumentos de pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendente.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1177466.pdf	10/07/2018 14:27:56		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	10/07/2018 14:24:54	Vilmar Malacarne	Aceito
Declaração de Pesquisadores	fopecim_2018_07_10_13_38_03_371.pdf	10/07/2018 14:23:12	Vilmar Malacarne	Aceito
Outros	fopecim_2018_07_10_13_31_12_449.pdf	10/07/2018 14:20:57	Vilmar Malacarne	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	fopecim_2018_07_10_14_05_57_360.pdf	10/07/2018 14:05:53	Vilmar Malacarne	Aceito

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 2069

Bairro: UNIVERSITARIO

CEP: 85.819-110

UF: PR

Município: CASCAVEL

Telefone: (45)3220-3092

E-mail: cep.prppg@unioeste.br

UNIOESTE - CENTRO DE
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.790.576

Ausência	fopecim_2018_07_10_14_05_57_360.p df	10/07/2018 14:05:53	Vilmar Malacarne	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	fopecim_2018_07_10_13_36_01_415.p df	10/07/2018 13:59:45	Vilmar Malacarne	Aceito
Folha de Rosto	fopecim_2018_07_10_13_49_02_718.p df	10/07/2018 13:58:50	Vilmar Malacarne	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CASCADEL, 30 de Julho de 2018

Assinado por:
Dartel Ferrari de Lima
(Coordenador)

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 2069

Bairro: UNIVERSITARIO

CEP: 85.819-110

UF: PR **Município:** CASCADEL

Telefone: (45)3220-3092

E-mail: cep.prppg@unioeste.br